

ANGELO JOSÉ DA SILVA

A FORMAÇÃO DO MILITANTE ANARQUISTA
PRIMEIROS MOVIMENTOS PARA UMA LEITURA DISTINTA

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor no Programa de Pós-Graduação em História, do Departamento de História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador:
Prof. Dr. Magnus Roberto de Mello Pereira

CURITIBA

2003

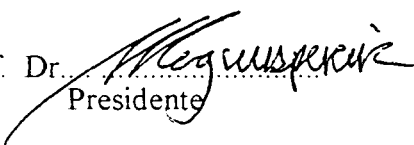


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

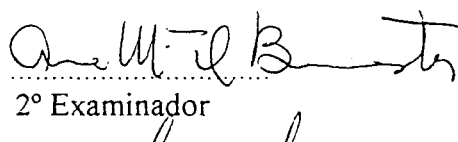
PARECER

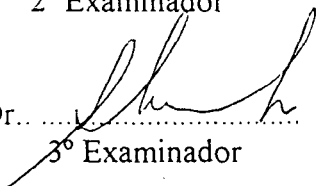
Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Tese do candidato Ângelo José da Silva, sob o título "A formação do militante anarquista: primeiros movimentos para uma leitura distinta" para obtenção do grau de **Doutor em História**, após haver realizado a atribuição de notas são de Parecer pela APROVAÇÃO, sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História, completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau de **Doutor**.

Curitiba, 04 de setembro de 2003

Prof. Dr.  (MAGNUS ROBERTO DE MELLO PEREIRA)
Presidente

Prof. Dr.  (OSVALDO HELLER DA SILVA)
1º Examinador

Prof. Dr.  (ANA MARIA DE OLIVEIRA BURNESTER)
2º Examinador

Prof. Dr.  (EUCLIDES MARCHI)
3º Examinador

Prof. Dr.  (HELENA ISABEL MUELLER)
4º Examinador

Ao Felipe e à Ana Luisa.

Porque o caminho com vocês é mais alegre.

AGRADECIMENTOS

A solidariedade e a generosidade não se satisfazem apenas com um muito obrigado. Foram tantos os que vieram em meu auxílio, que tenho receio de ser traído pela memória. Por isso escolhi dois nomes para expressar a todos por intermédio deles a minha gratidão e o meu reconhecimento.

A Magnus Roberto de Melo Pereira , meu orientador. A quem devo a realização deste trabalho.

A Mario Martins de Lima, funcionário do Arquivo Edgard Leuenroth, meu antigo camarada, pelas conversas e dicas.

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - O ANARQUISMO	6
1.1 AS PRINCIPAIS DIVISÕES POLÍTICAS DO MOVIMENTO ANARQUISTA	7
1.2 O ANARQUISMO À BRASILEIRA	10
1.3 A PROPOSTA DE UMA NOVA ÉTICA	22
1.3.1 "Sobre a Retidão"	28
CAPÍTULO 2 - SOBRE A LEITURA	32
2.1 ALGUNS COMENTÁRIOS NO CAMPO DA HISTÓRIA DA LEITURA	34
2.2 BREVÍSSIMA HISTÓRIA DAS PRIMEIRAS LEITURAS NO BRASIL	39
2.3 COMO SE DESDOBRA A POLÊMICA: "A LEITURA FORMA, INFORMA OU DEFORMA?"	41
2.3.1 Fugindo dos Perigos da Leitura: para onde Apontam as Normas?	46
2.3.2 Leitores Técnicos	50
2.3.3 Leitores Caçadores	53
2.3.4 Leitores Revolucionários	57
CAPÍTULO 3 - O SER MILITANTE	61
3.1 O MILITANTE	63
3.2 O MILITANTE COMUNISTA	71
3.3 O MILITANTE ANARQUISTA	89
3.3.1 Identidades Anarquistas	95
3.4 O MILITANTE ANARQUISTA E A LEITURA	110
3.4.1 Atribuição de Valores ao Saber Ler	110
3.4.2 O Militante Anarquista é Feito da Leitura?	116
3.4.3 Da Magia à Mágica	122
CAPÍTULO 4 - O QUE LIAM OS ANARQUISTAS?	127
4.1 GARIMPANDO VALORES	130
4.2 ENTRE LINHAS	147

4.2.1	A Mãe.....	148
4.2.1.1	Os aliados e seus papéis.....	156
4.2.1.2	A propaganda, a liberdade, a família, a verdade.....	160
4.2.2	Malatesta e a Anarquia.....	163
4.2.3	Qual é a Moral da Anarquia?.....	167
4.2.4	As Sementes do Anarquismo.....	169
4.2.5	O Eterno Retorno.....	173
	À GUIA DE CONCLUSÃO	176
	REFERÊNCIAS	178

RESUMO

Buscamos desenvolver neste trabalho uma interpretação do processo de formação do militante anarquista brasileiro durante a República Velha. Tomamos como recorte do estudo as indicações de leitura feitas principalmente nos periódicos anarquistas. Iniciamos a análise com a apresentação do movimento anarquista, suas principais características e o contexto da entrada das idéias ácratas no Brasil. Na seqüência, trabalhamos o tema da leitura sob a ótica da história da leitura, da teoria literária, da análise do discurso e da filosofia para delimitarmos nosso objeto de estudo. Seguimos a análise trazendo o perfil do ser militante em seus diversos aspectos. Utilizamos-nos das características que compõem o militante comunista para estabelecermos uma aproximação com o militante anarquista e destacamos o traço distintivo desta corrente política: a preferência pela utilização de atividades culturais como instrumento privilegiado para a disseminação de seus ideais. Por último, fomos buscar nas fontes os valores morais, as normas de conduta e as técnicas de propagação das idéias anarquistas. Retiramos desse trabalho um fio condutor que passa pela política e pela religião através da palavra.

ABSTRACT

This thesis is an interpretation of the process of the Brazilian anarchist militant formation during the so-called *República Velha* period. The focus of the research was placed on the assigned readings of the anarchist newspapers. The movement, its main features and the context of the first casting of the Anarchist philosophy in Brazil are presented. Lecture and its history, the theories of literature, discourse analysis and the philosophy are emphasized on the reading issue. The profile of the anarchist militant was drawn through a comparison to the communist militant in order to outline the different aspects between them. One distinctive trait of the anarchist movement was the preference to cultural activities as a mean of broadcasting their ideals. At last, we searched for the moral values, behavior rules and the techniques used to cast the anarchist ideas. We found a line that links politics and religion by lecture.

INTRODUÇÃO

Desde nosso mestrado trabalhamos marginalmente com a militância política de esquerda, mais precisamente os comunistas e os trotskistas. Em decorrência, consideramos este trabalho como mais um esforço para a compreensão dos "segredos" que envolvem a militância política – fenômeno comum e recorrente nas sociedades do século XIX e também do XX.

Esse tipo de atividade humana já motivou a realização de numerosos estudos com os mais diferentes enfoques e objetivos. E, por encerrar questões das mais fundamentais ao ser humano, o tema ainda permanece instigante e aberto. O adjetivo militante foi largamente utilizado na linguagem teológica da Idade Média, abrangendo o período compreendido pelos séculos XIII e XV, aproximadamente. Assim, o termo estava estritamente ligado à Igreja Católica. Aqui, militante designa, portanto, aquele que era o soldado de milícia ou o soldado profissional.¹

Os medievalistas franceses Marc Bloch e Georges Duby, dentre outros, abordam em algumas de suas obras o *milites*, cavaleiro da Idade Média. Inicialmente, o cavaleiro mencionado acima integra as ordens de cavaleiros medievais. Laços de bravura, lealdade, liberdade etc. mantêm esse grupo unido. A Igreja Católica incorpora essas ordens, por volta dos séculos XII e XIII, à suas instituições. A ordem mais conhecida, fundada no Natal de 1119, foi a d'*Os Pobres Soldados de Jesus Cristo* como eles mesmos se autodenominavam, ou ainda, *Os Pobres Soldados de Jesus Cristo e do Templo de Salomão*, *Os Cavaleiros do Templo*, *O Templo* ou apenas *Templários*.² A ação do *milites*, ganhou, a partir de

¹SOUZA, Nelson Rosário de. **A igreja católica progressista e a produção do militante**: cartografia de uma afinidade eletiva político-religiosa. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (digit.)

²Para uma visão ampla da história dos *Cavaleiros do Templo* temos o trabalho de Piers Paul Read. Ver READ, Piers Paul. **Os templários**: a história dramática dos cavaleiros templários, a mais poderosa ordem militar dos cruzados. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

então, um novo sentido. Somou-se à tarefa do combate, da luta, aquela do propagador da fé.

Partindo da função de cavaleiros dos reis chegaram a de cavaleiros de Jesus, o rei dos reis. Essa dupla função encontra-se arraigada no ser do cavaleiro. Segundo Bloch, o orgulho de ser cavaleiro, de lutar, de dar conselhos, de fazer a justiça, representava para aqueles indivíduos, militantes, mais do que uma obrigação. Representava uma razão de ser e de viver.³

No século XIX, o termo militante entra para o léxico da política, depois de percorrer um longo caminho no tempo e no interior dos léxicos religiosos e militares. Estamos, assim, diante do "militante político".

O conceito de militante que apresentamos aqui de forma mais sumária é aquele que utilizamos ao longo de nosso trabalho. Tentamos articular, portanto, esses três elementos fundantes do militante político de esquerda, no nosso caso, o anarquista: o religioso, o militar e o político.⁴

O caminho percorrido pelo conceito, ao longo do tempo, nos permite concluir que o militante político carrega consigo uma série de marcas comuns à religião, ao militarismo e à política. A disciplina é um elemento importante. A eleição da causa militante como o principal objetivo de vida, o que os leva a submeter os outros valores morais e éticos à vitória final, constituem o *ethos* desses indivíduos. O próprio "ser" do indivíduo, ou sua identidade, é formado por esse amálgama de fé, razão, ação, disciplina, ética, moral etc.

³Utilizamos os seguintes textos para articular essa passagem sobre o *milites*: BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982; DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982 e DUBY, Georges. **Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo**. 3. reimp. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

⁴Ver LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 1986.

Aquela fé inabalável na vitória final é renovada nos rituais coletivos, nos quais são recolocados os termos que vão assegurar a coesão do grupo.⁵ Essa busca incessante pela transformação da realidade, a missão revolucionária que encontramos nos militantes, justifica, articula, fornece o cimento para manter o grupo em pé e para justificar a ação individual do militante. Esse conjunto de atividades dos rituais coletivos socializa o indivíduo, integrando e dissolvendo os seus aspectos público e privado, surgindo daí o "militante total". Assim, partes das atividades política, religiosa e militar se entrelaçam, constituindo-se em uma "rede" para sustentar, justificar e manter a atividade do militante, e diante de si mesmo e dos outros militantes.

De nossa parte, sentimos a necessidade teórica de juntarmos a maior quantidade possível das peças desse mosaico. Por isso é que escolhemos o anarquismo como objeto central de nossa pesquisa, pelo menos nas intenções, porque este trabalho não se constitui exatamente em um estudo do anarquismo. Derivamos o foco exato de nossos interesses intelectuais dessa corrente política para chegamos, assim, ao processo de formação do militante anarquista por meio das suas leituras.

Aliás, a leitura é outro tema que vem ganhando um espaço significativo em nosso leque de interesses ao longo de nossa carreira intelectual. Cada vez mais identificamos nela uma relevante contribuição no processo humanizador da espécie humana. Assim, com esse pano de fundo, começamos a precisar o recorte deste trabalho. Resolvemos estudar o processo pelo qual se forma o militante político anarquista, a partir da leitura que esses militantes faziam. Mais precisamente, a leitura que era sugerida à militância começou a ganhar corpo em nossos primeiros trabalhos com as fontes. Na Biblioteca Pública do Paraná, no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp, enfim, nos locais de guarda da memória, encontrávamos a

⁵Ver DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

cada quatro páginas dos periódicos anarquistas uma relação de títulos sugeridos para a leitura. "Livros que os operários devem ler": o tom impositivo dessa frase e seu conteúdo humanizador chamaram definitivamente nossa atenção.

Esse momento foi o marco da precisão. Passamos a estudar o processo de formação do militante anarquista no Brasil utilizando como fonte para a realização do trabalho os textos que eles deveriam ler. A partir de então nos debruçamos sobre uma vasta gama de folhetos, romances, "dramas sociais" na linguagem do anarquismo, textos de teoria anarquista, entre outros. Retiramos desse universo aquilo que consideramos fundamental na formação do militante. Trouxemos para o corpo deste trabalho alguns dos textos mais interessantes porque reveladores do conjunto de normas, valores, procedimentos, técnicas, que orientam a formação dos ativistas revolucionários. Não por acaso, aqueles textos melhor elaborados, mais densos, foram os que receberam um maior número de indicações para a leitura.

Entre esses "livros que os operários devem ler", sumariamente, indicamos aqui alguns deles: *Noli me tangere: o pai dos frades*, de José Rizal; *O Germinal*, de Zola; *A Mãe*, de Gorki; *Comunismo Libertário*, de Malatesta; *Concepção anarquista do sindicalismo*, de Neno Vasco; *O Semeador: drama em 3 atos*, de Avelino Foscolo; *A Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro; *Il Terrore in Rússia*, *La Morale Anarchica*, de Kropotkin; *Que es la propiedad? Investigaciones acerca de su principio, de su derecho y de sua autoridade*, de Proudon. A lista de títulos compilados é extensa, incluindo romances, textos teóricos, peças de teatro (dramáticas, satíricas e anticlericais), biografias de grandes revolucionários, folhetos, para citar apenas alguns. Deste conjunto selecionamos os principais para analisarmos neste trabalho.

A partir da análise desse material tentamos identificar valores éticos, morais, políticos que deveriam, na expectativa dos dirigentes, formar aquela militância política. As questões iniciais foram sendo postas: existe um ponto de cruzamento entre filosofia e prática política? Pensamos que sim. Mas em que momento ele se dá? Se for no momento em que o militante político lê o manual e sai fazendo a revolução, ainda resta um problema, pelo menos: por que não são todos os leitores que são

revolucionários? E, imediatamente, surge um segundo problema: só existe revolução com leitura? E, ainda, um terceiro: não estamos fazendo apenas a história dos líderes dos militantes letrados? Agora, então, é preciso encarar estas questões.

Acreditamos que as respostas por nós encontradas não se relacionam com esses problemas da forma como tradicionalmente eles são tratados. Nossa tentativa de trabalho com a articulação de várias tradições acadêmicas, religiosas e seculares pode causar espécie à primeira vista. Contudo, uma aproximação mais cuidadosa pode revelar aspectos de nossa interpretação que ficaram ocultos a princípio.

Para trabalharmos com essa documentação, fomos buscar elementos na teoria literária, na análise do discurso, na história da leitura. Compusemos uma trama teórica que não prima pela ortodoxia, mas que, a nosso ver, possibilita uma série de entradas para o tema. Além disso, pela flexibilidade analítica que procuramos dar ao nosso suporte, cremos que os resultados foram compensadores.

Do conjunto de obras que serviram como referencial teórico, é justo que mencionemos nesta introdução um dos estudos que acabou por se constituir em um dos principais pilares da nossa análise. Estamos nos referindo à *Militância e poder*, dissertação de mestrado de Monclar Valverde. Esse autor busca, com a construção de um discurso inédito sobre a militância, a desconstrução dos principais discursos sobre ela. Por nos mostrar essa possibilidade, as reflexões desse autor foram de grande utilidade para o desenvolvimento de nossa análise: em paralelo à sua desconstrução, realizamos a construção dos nossos argumentos.

Por fim, cremos que nosso trabalho de análise pode se constituir em um elemento a mais para compreendermos processos muito antigos, próprios do ser humano e que ainda padecem de uma melhor compreensão. Desde a leitura, passando pela religião e chegando até a política, nosso esforço em busca de conhecimento nos conduziu por caminhos extremamente interessantes. Passamos por conjuntos de idéias que não poderíamos prever no início dos trabalhos e chegamos a lugares também inimaginados. Temos, enfim, a sensação de que atingimos nossos objetivos.

CAPÍTULO 1

O ANARQUISMO

O movimento anarquista brasileiro herdou seu passado e seu presente da Europa. Aqueles militantes que para cá vieram no final do século XIX e primeiras décadas do século XX trouxeram um conjunto de idéias, táticas de atuação política e sindical e uma estratégia revolucionária. É, inicialmente, das origens e dos contornos assumidos por aquele movimento que trataremos agora.

Umbilicalmente ligado à sociedade capitalista pós-revolução industrial, o anarquismo vai assumir várias formas e abarcar uma série de filosofias, táticas de ação política etc. Todos esses diferentes movimentos se abrigaram sob o manto nominal de anarquismo ou foram aí colocados pelos inimigos e adversários políticos.

A tão famosa Enciclopédia Britânica editou um verbete sobre o anarquismo escrito por um anarquista. Em sua 11.^a edição, de 1910, o príncipe Kropotkin foi chamado a fazê-lo. Ele tinha se convertido no principal teórico, com a morte de Bakunin, da corrente chamada "anarco-comunismo". Nesse verbete o autor procurou mostrar o anarquismo como um doutrina revolucionária. Além disso, demonstrou interesse em desvincular do anarquismo a violência. Talvez um termo mais contemporâneo precise melhor a idéia: terrorismo. Kropotkin procurou desvincular o anarquismo da pecha de terrorista que pesava sobre o mesmo.⁶

Por seu turno, o editor daquela edição da *Encyclopaedia*, em uma nota procurou demonstrar exatamente o contrário, ou seja, que anarquismo e o terrorismo eram sinônimos. G. D. H. Cole também se deteve neste aspecto da discussão procurando demonstrar como o movimento teve seus primórdios (final do século XIX) marcados pela ação terrorista para, depois, conter suas ações.

⁶Essa história foi tomada por empréstimo do livro de G. D. H. Cole sobre o socialismo. Outras informações também foram encontradas nesse volume. Faremos menção quando for o caso. Ver COLE, G. D. H. **Historia del pensamiento socialista: Marxismo y Anarquismo (1850-1890)**. México: D.F., Fondo de Cultura Económica, 1980. v.2.

Parece-nos interessante reproduzirmos as informações presentes nesse texto sobre os atentados anarquistas. Na década de 1880 havia um temor generalizado na Europa em relação aos atentados anarquistas. Uma série deles teve início no ano de 1878. Na Rússia czarista, algumas décadas atrás, esse tipo de ação política tinha ocorrido em larga escala. A reação política e a repressão justificaram a ação dos atos terroristas. Talvez possamos indicar como o auge desse processo o assassinato do czar Alexandre II, em 1881.

O ano de 1878 foi marcante porque se tentou eliminar três figuras de proa do cenário europeu: o Kaiser alemão Guilherme I, o rei da Espanha Alfonso XII e o da Itália, o rei Humberto. O resultado imediato dessas ações foi o aumento significativo da repressão sobre toda a esquerda. E, como não poderia deixar de ser, ao final daquele ano surgiu uma encíclica papal, *Quod Apostolici Muneris*, que dirigia a ira do Senhor contra o anarquismo e o socialismo.

Conforme nos relata Cole, ficou comprovado que a maioria dessas ações ou não foi realizada por anarquistas, ou o foi por indivíduos que agiram isoladamente, mesmo que sustentados ideológica e politicamente pelo anarquismo. O que nos interessa destacar é que o movimento, de forma indistinta, foi exaustivamente perseguido pelos órgãos de repressão. Criou-se, inclusive, um senso comum anti-anarquista, fundado nessas ações homicidas contra figuras de destaque daquele cenário político. Somente com o passar do tempo é que o movimento anarquista conseguiu diluir minimamente essa imagem de terrorismo associada à sua intervenção política.

1.1 AS PRINCIPAIS DIVISÕES POLÍTICAS DO MOVIMENTO ANARQUISTA

Como todo movimento político que busca representar, organizar, perseguir determinados interesses coletivos, o anarquismo apresentava várias correntes de pensamento. Nossos objetivos aqui não apontam na direção de um censo das várias divisões existentes, nem tampouco um estudo aprofundado de cada uma delas.

Trataremos de apresentá-las sumariamente apenas para situarmos nosso leitor nos meandros das diferenças reais ou imaginadas pelos militantes e formuladores das teorias.

Os anarquistas podem ser divididos, a partir de grandes traços comuns, em dois grupos principais: os individualistas e os coletivistas ou anarco-comunistas. No primeiro caso temos a crença de que o anarquismo se realizará quando houver o desaparecimento das instituições que exercem coerção sobre os indivíduos. Podemos entender este tipo de afirmação como a luta pelo fim do Estado e das várias formas de organização social. O indivíduo é o centro do mundo e, também, é capaz de se organizar e sobreviver a partir de suas próprias capacidades.

Para o segundo tipo de anarquismo, os coletivistas ou anarco-comunistas, é comum com os individualistas a luta pelo fim do Estado e pela destruição das várias formas de organização social. O que os diferencia é a aposta dos coletivistas na organização coletiva em organismos não-autoritários. Nem todos os grandes anarquistas podem ser encaixados nestas duas divisões apontadas acima. Proudhon, por exemplo, é um deles. Mas, a maioria deles pode. Bakunin, Kropotkin, Réclus apresentam um perfil de coletivistas, enquanto Max Stirner e a maioria dos anarquistas norte-americanos pertencem ao grupo dos individualistas.⁷

O ponto nodal para a compreensão das proposições políticas do anarquismo é a avaliação dos anarquistas sobre o lugar ocupado pelo Estado como principal agente da repressão política. Ao rejeitá-lo o anarquista não rejeita a sociedade apenas considera que a vida social será mais harmônica com o fim da coerção. Daí a íntima relação entre o significado do termo anarquia (da raiz grega *archon*, governo, mais o prefixo *an*, sem) e as convicções de seus adeptos.⁸

⁷COLE, op. cit.

⁸Seguimos nesse momento de nosso trabalho as idéias de George Woodcock. Ver WOODCOCK, George (Org.). **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1981. Ver também outro trabalho do mesmo autor sobre o tema: WOODCOCK, George. **Anarquismo**: uma história das idéias e movimentos libertários. Porto Alegre: L&PM, 1984. 2v.

Os primeiros sistemas de pensamento nos quais podemos encontrar as fontes do anarquismo do século XIX, sem termos que mencionar os gregos com quem tudo sempre começou, remontam à Idade Média e ao cristianismo primitivo que se manifestava mediante seitas consideradas heréticas pela Igreja Católica Apostólica Romana. Nos períodos do Renascimento e da Reforma Protestante as linhas básicas da filosofia anarquista já se encontravam, em grande medida, traçadas.

Como atividade política militante, de forma similar aos socialistas, temos o anarquismo presente a partir do século XIX. Com as transformações provocadas pela Revolução Industrial, aquelas filosofias acabaram por orientar a ação política daqueles indivíduos pertencentes, em sua maioria, à classe operária, um dos "produtos" dessa Revolução. O primeiro nome de destaque a aceitar a denominação de anarquista foi o francês Joseph Proudhon, gráfico autodidata, que publicou em 1840 o livro intitulado *Qu'est-ce la Propriété?* A obra intelectual e militante deste anarquista é uma das mais conhecidas entre os estudiosos e iniciados.⁹

Esperamos que as idéias alinhadas a seguir, como a estrutura do pensamento anarquista, não reduzam em demasia a sua riqueza. Consideramos que as justificativas intelectuais do anarquismo estão apoiadas sobre uma visão naturalista e evolucionista da sociedade e dos indivíduos, que apresentamos a seguir.

George Woodcock destaca dois aspectos dessa doutrina revolucionária que considera de importância. Nós a chamaremos de dois momentos de equilíbrio. O primeiro deles opõe destruição e construção. O segundo diz respeito à liberdade e à ordem.

As táticas de ação do anarquismo se pautam pela oscilação entre a construção e a destruição. É do caos que surge o novo. Portanto, a antiga sociedade precisa ser destruída para que uma nova surja em seu lugar. A simples reforma não resolve. É como a erva daninha que precisa ser arrancada pela raiz.

⁹WOODCOCK, **Os grandes...**, op. cit.

No que tange ao equilíbrio entre a liberdade e a ordem, notamos que este par está mais diretamente ligado ao indivíduo e às relações por ele estabelecidas. Para o movimento anarquista, ordem não é nem pode ser uma coisa imposta, seja pelo Estado, seja por outro indivíduo. Ela é uma coisa natural que todo homem carrega em si e que pode ser observada pela poder que os indivíduos têm sobre si mesmos e pela cooperação que podem estabelecer entre si de forma voluntária.¹⁰

Tendo como eixo essas formas de equilíbrio natural, tanto da sociedade quanto do indivíduo, o anarquismo, de forma geral, traçou seus horizontes teóricos e práticos, de intervenção política, na Europa e onde mais o capitalismo se estendeu, desde o século XIX até nossos dias.

Essa filosofia política acabou, também, aportando em terras brasileiras. Os anarquistas para cá vieram como trabalhadores, "importados", para as lavouras de café. Vamos a eles, então.

1.2 O ANARQUISMO À BRASILEIRA

Para pensarmos o surgimento do anarquismo no Brasil não podemos nos furtar a uma abordagem econômica.¹¹ Além disso, não nos parece razoável tratarmos desse tema sem entrarmos nas questões relativas à formação da classe operária brasileira. Antes de seguirmos, portanto, teceremos alguns considerandos sobre o tema da formação da classe operária. Conforme Cláudio Batalha nos alerta, é mais prudente, para usarmos um eufemismo, pensarmos o surgimento da classe

¹⁰WOODCOCK, **Os grandes...**, op. cit.

¹¹Uma observação é necessária aqui. Encontramos algumas vezes na bibliografia acadêmica uma certa distorção da abrangência geográfica dos estudos. Fala-se Brasil e se estabelece em São Paulo. No nosso caso, queremos deixar explícito que o anarquismo brasileiro concentrou-se em São Paulo e no Rio de Janeiro. Deixaremos de mencionar essa precisão geográfica, daqui por diante, porque consideramos que esta nota é suficiente para esclarecer nossa opinião a respeito desse assunto.

operária como um processo histórico mais largo no tempo do que uma data.¹² O ponto em foco diz respeito àquela visão marxista mais ortodoxa de que a classe operária passa a existir em um determinado momento histórico: o surgimento do capitalismo. E, não por decorrência, o capitalismo surge também em um determinado momento. Está fora desta concepção a idéia de movimento ou, talvez melhor, processo.

No caso brasileiro existe uma dificuldade para precisarmos o marco zero do capitalismo. Se a classe operária surge com o capitalismo falta-lhe uma data para comemorar seu nascimento. Seria a proclamação da República ou a abolição da escravidão o ponto procurado?

Pensamos que a classe operária brasileira se constituiu ao longo de um processo de acúmulo de experiências, antes mesmo da chegada, no final do século XIX, das primeiras levas de imigrantes, contaminados pelas idéias anarquistas, como iriam dizer os fazendeiros do café, pouco tempo depois.

É possível verificarmos uma certa continuidade das tradições entre os trabalhadores manuais. Essa continuidade entre as várias organizações operárias, na sua parcela menos conhecida é cultural, segundo Cláudio Batalha. Ele nos mostra que, apesar da ressalva feita de que mais pesquisas são necessárias para que não restem dúvidas, existem termos utilizados pelos trabalhadores, como "filhos do trabalho", recorrentes nos textos examinados. Além disso, uma parte dessa continuidade pode ser vista mais facilmente nas práticas de atuação que vêm desde as primeiras décadas do século XIX. As organizações de ajuda mútua, por exemplo, também permanecem ao longo das décadas, embora tenham passado por mudanças de forma.

¹²BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **A construção da classe operária no Brasil (1850-1906)**. Texto apresentado no GT "Trabalhadores, Sindicalismo e Política" do XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG, 17 a 21 de outubro de 1995. (mimeo)

Consideramos importante estabelecer a existência dessas continuidades para mostrarmos que o processo de formação da classe operária brasileira não se deu de forma linear nem tampouco mediante rupturas definitivas. Décadas de experiências dos trabalhadores não podem ser apagadas por um lance de idéias incompletas. Parece-nos suficientemente claro que as ações dos trabalhadores, militantes operários, que estaremos estudando, são resultantes de uma relação estabelecida pela parcela de trabalhadores "nativos" com aqueles que vieram de fora do Brasil.

Uma marca significativa dos primórdios da esquerda brasileira é a ausência de qualquer elaboração teórica por parte dos militantes. Tanto os socialistas brasileiros, corrente rival do anarquismo, quanto os próprios anarquistas não produziram nenhum grande teórico ou, pelo menos, uma única obra da qual se tenha notícia no Brasil que pudesse orientar teoricamente o movimento. Não temos notícia nem mesmo de uma adaptação das teorias revolucionárias para a realidade brasileira.¹³

O ideário do anarquismo, portanto, chegou pronto no Brasil e aqui foi difundido. Parece-nos que há um consenso em relação à origem exógena das idéias anarquistas que aqui prosperaram. Não foram os trabalhadores brasileiros que criaram essas idéias. Foi um sem-número de militantes europeus que trouxeram para cá sua experiência, suas práticas políticas. Essa experiência entrou em relação com aquilo que existia no país. Vamos ver, então, como foi possível que isso acontecesse, ou melhor, em que condições foi possível a vinda dos trabalhadores europeus.

Refazendo o esboço do quadro presente no livro de Sérgio Silva, *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*, pretendemos retrazar o

¹³Ver BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil**. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1995. v.2. p.11-44. Esse tipo de produção intelectual começa no Brasil com Octávio Brandão e seu *Agrarismo e Industrialismo*. Cabe lembrar que Brandão, ex anarquista, produz esse opúsculo no interior do Partido Comunista do Brasil, o PCB.

movimento de industrialização do Brasil e suas ligações com a agricultura cafeeira.¹⁴ De saída, consideramos de bom tom dizer que o espaço da análise restringe-se a São Paulo, apesar de termos dito Brasil.

Consideramos, inicialmente, que São Paulo foi a principal unidade da federação do ponto de vista econômico e político. Esse fato é sobejamente conhecido na literatura relativa ao tema. Um dos motivos que levou o atual Estado de São Paulo a liderar o *ranking* do desenvolvimento foi a maturação de um processo de industrialização naquele estado. Esse processo tem suas origens na lavoura cafeeira, que possui certas características próprias, como tipo de solo, a colheita que demanda extensa mão-de-obra etc. Em São Paulo, essa lavoura prosperou muito, tendo o café se tornado o principal produto de exportação do país por décadas.

A força de trabalho estrangeira tornou-se uma necessidade premente para os fazendeiros do café, uma vez que a mão-de-obra local não era suficiente para atender à demanda. E, dentro da lógica capitalista, tornava-se necessário constituir, também, um "exército industrial (no nosso caso, agrícola) de reserva" para garantir um baixo custo para a mão-de-obra.

O processo de expansão da agricultura cafeeira ocorreu de forma entrelaçada com o processo de industrialização e significaram momentos da transformação do Brasil em país capitalista. Esta, a única forma de organização social na qual existe uma classe operária. Podemos deduzir, portanto, que a entrada do anarquismo no Brasil também está estreitamente vinculada e entrelaçada com esses movimentos mencionados acima.

Os primeiros passos da indústria brasileira foram lentos e titubeantes. Genericamente, verificamos que os processos de transformação implicam uma resistência dos antigos arranjos econômicos e sociais. O trabalhador manual, por exemplo, acaba destruindo máquinas na Europa, nos primórdios da Revolução Industrial, como forma de resistência à mudança.

¹⁴SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

O desenvolvimento capitalista nos países que chegaram depois da consolidação desse modo de produção é marcado por esse fato, o atraso. É uma corrida contra o tempo na qual um desenvolvimento desigual e combinado faz com que o tipo de capitalismo oriundo desse processo seja particular. O aspecto dessas particularidades que nos interessa é aquele que nos mostra a chegada da mão-de-obra capitalista importada, trazendo consigo um conjunto de idéias também importadas para serem aplicadas aqui, com um caráter revolucionário, de transformação.

Transformar o que ainda não está formado é algo muito complexo. Os anarquistas esbarraram nesse problema. Talvez as particularidades dos caminhos seguidos pela implantação do capitalismo no Brasil tenham sido de tal maneira complexas, exclusivas, que expliquem o porquê da baixíssima e tardia elaboração de textos que tratassem da realidade local, conforme mencionamos.

Retomando as principais linhas interpretativas sobre esse período da história do país, temos o trabalho de Sérgio Silva, que estabelece como ponto de partida para a análise que a consolidação do capital mercantil antecede o capital industrial. Esta regra básica, aplicada à economia mundial, também pode ser usada para a interpretação do processo de desenvolvimento econômico do Brasil. Quando a exportação de bens se intensifica, o comércio se desenvolve e amplia suas bases porque os capitais exportados vão organizar localmente a produção, que aumenta por sua vez e amplifica aquele comércio que produziu o excedente exportado. Em outras palavras, quanto mais o país conseguia exportar mais recursos dispunha para organizar melhor sua fonte de exportação. Assim, o processo se auto-alimentava, até um ponto máximo.

A partir dessa idéia podemos trabalhar com o processo ocorrido aqui. Quando os grandes capitais entram no Brasil e iniciam um processo de "organização" da nossa economia nos moldes capitalistas da época, vemos lançadas as bases para o desenvolvimento da produção de café.

Apoiada, inicialmente, sobre a escravidão, a cultura cafeeira transforma-se no principal produto de exportação nacional, na década de 1840, representando 40% do valor total das exportações. Esse processo de acumulação de capital

produziu na década de 1860 uma base econômica e social para o futuro. Uma classe de ricos comerciantes transformar-se-ia, em futuro não muito distante, naqueles indivíduos que capitaneariam as primeiras indústrias brasileiras.¹⁵

A partir de 1822 a Inglaterra começa a pressionar o Brasil para o fim do tráfico de escravos. Isto vem a ocorrer em 1851, com a Lei Euzébio de Queiroz. Naquela época a produção do café ainda se assentava sobre o trabalho forçado.

Premidos pela necessidade de encontrar os braços necessários para levar adiante o processo de expansão econômica e acumulação de capitais, os principais cultivadores do café voltam-se, cada vez mais, para a força de trabalho estrangeira. Essa era a única forma de resolver o problema da mão-de-obra. Pelo menos assim se mostrou para os chamados "pioneiros" do café.

Na década de 1850 as primeiras experiências com a imigração são efetivadas. O Estado brasileiro financiava as despesas junto aos fazendeiros e os imigrantes pagavam com trabalho esse custo que, talvez, os fazendeiros nunca tenham pagado.

Essa forma de pré-contrato de trabalho não vingou, sendo que alguns países proibiram a imigração para o Brasil. Como a pressão por braços novos se mantinha, os fazendeiros acharam por bem oferecer certos "modernismos" como, por exemplo, pagar salários aos trabalhadores, o que possibilitou uma retomada da imigração, principalmente de colonos italianos.

Conforme nos informa Sérgio Silva, nas duas últimas décadas do século XIX, cerca de 65% dos imigrantes eram de origem italiana. A Itália tinha passado por um processo de unificação nacional e os habitantes do sul da península encontravam-se em dificuldades, o que favoreceu sua vinda para o Brasil. Após 1870 a imigração passou para o controle do governo de São Paulo, tornando-se massiva a partir de 1880.

¹⁵No tocante aos dados, ver SILVA, S., op. cit., p.34.

Entre 1887 e 1897, 1.300.000 imigrantes chegaram ao Brasil. A título de comparação entre 1890 e 1900, a população do Brasil aumentou cerca de 3.000.000 de pessoas, passando de 14 a 17 milhões. A maioria dos imigrantes foi para São Paulo: 909.417, entre 1887 e 1900 (essa cifra corresponde a 82% do crescimento demográfico desse Estado no mesmo período).¹⁶

Os dados elencados acima nos dão, com relativa clareza, o lugar da imigração estrangeira no Brasil para o trabalho nas lavouras de café. A predominância dos italianos nos mostra, também, a origem das principais fontes do anarquismo que viriam a jorrar após a instalação desses trabalhadores nas lavouras de café.

Conforme foi se desenvolvendo o processo de industrialização, braços imigrantes também se dirigiram para as fábricas. Para concluir o processo, levadas de migrantes internos deslocam-se para os locais onde havia demanda de trabalho. Esses operários não possuíam formação política o que os tornava mais suscetíveis às idéias estrangeiras.

O ideário anarquista pôde se estabelecer e se expandir no Brasil a partir dessas demandas do nosso processo de desenvolvimento econômico. O processo de substituição da mão-de-obra escrava pela assalariada e estrangeira não é suficiente, contudo, para explicar a penetração e o desenvolvimento das idéias anarquistas no movimento operário brasileiro.

Ao fazermos esse tipo de observação temos nossa atenção voltada para a aceitação ampla das idéias revolucionárias do movimento no Brasil. Parece-nos cristalino o fato de que as tais bases econômicas dão muito bem conta das origens do movimento no país. O que falta pensarmos para concluir a presente etapa deste trabalho é como e por que esse ideário acabou por superar os socialistas, que aqui haviam chegado antes dos anarquistas, porque tanto os socialistas, com seus vários matizes, como os anarquistas, também de várias colorações, disputaram palmo a palmo a hegemonia do movimento operário.

¹⁶Ver SILVA, S., op. cit., p.38.

É claro que havia diferenças ideológicas entre os militantes dos movimentos de esquerda. Mesmo no interior das correntes que disputavam espaço político sob a mesma denominação, fossem eles anarquistas ou socialistas, essas diferenças ocorriam. Trabalharemos com aquele período para avaliarmos como e por que as práticas anarquistas venceram essa disputa.

Além do debate intramuros, havia um enfrentamento maior e mais acirrado do anarquismo com os integrantes das assim chamadas classes dominantes. O trabalho de Sílvia Magnani nos mostra o outro lado dessa história, para além do econômico. Essa autora faz um recorte analítico distinto para tentar resolver de maneira mais completa a questão.¹⁷

Era recorrente na grande imprensa da República Velha a denominação pejorativa de "planta exótica" para o anarquismo. Com esse tipo de epíteto os senhores da época buscavam atrair para o seu lado aqueles que oscilavam entre seguir uma ideologia estrangeira e deixar para trás o "caráter pacífico" do povo brasileiro.

A resposta do movimento anarquista apontava para os problemas sociais que grassavam naquele período. A lógica da resposta procurava deslocar o centro do problema colocado pelos fazendeiros na origem estrangeira do anarquismo e centrá-lo na ausência de direitos políticos e sociais, na superexploração dos trabalhadores etc.

Agindo dessa forma, o movimento conseguia uma certa vantagem sobre os "críticos burgueses". Afinal de contas, as condições de vida das classes trabalhadoras não eram das mais favoráveis naquele período.

Resta-nos, ainda, um último laço para ser dado. Por que os anarquistas e não os socialistas predominaram no movimento operário brasileiro? As críticas às condições de vida e de trabalho eram quase as mesmas. Os socialistas, em um certo sentido, chegaram "antes". Então, por que predominaram os outros? Apresentamos a hipótese de Sílvia Magnani para solucionar essa questão.

¹⁷Ver MAGNANI, S. L. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1907)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Os socialistas brasileiros, como regra mais geral, adotavam uma postura reformista no plano das propostas políticas. A atividade dos vários grupos existentes no Brasil no século XIX e também no XX sempre foi pautada pela tentativa de eleger representantes da classe operária para, no parlamento, produzirem leis que garantissem os direitos mínimos da classe, para negociarem com o Estado a satisfação de suas reivindicações.

Apontando na direção da melhoria das condições de vida da classe operária, mas seguindo um caminho oposto àquele dos socialistas, o movimento anarquista obteve mais sucesso.

A raiz desses resultados encontra-se naquilo que os próprios anarquistas afirmavam para responder às críticas de "planta exótica" feitas pela burguesia: o social. Diferentemente dos socialistas, a maioria das correntes anarquistas propunha a ação direta como meio para preparar a revolução. Isto significava que não havia representantes dos trabalhadores tal como propunham os socialistas.

Os anarquistas não tinham a menor intenção de votar leis no parlamento, não se dispunham a negociar com o Estado, queriam apenas e tão-somente destruí-lo junto com todas as suas instituições.

As classes dominantes e a realidade se incumbiram de dar uma razão insofismável a esse movimento político. Os antigos senhores de escravos e seus descendentes não estavam dispostos a negociar com ninguém, muito menos com os socialistas que se dispunham a tanto. A prepotência era sua marca: *non dvcor dvco*¹⁸ é o que diz o brasão de armas do Estado de São Paulo.

As condições de trabalho eram próximas àquelas da escravidão, mas isto contava ponto para os dois grupos da esquerda operária.

Por fim, a forma de intervenção do Estado dava o xeque mate a favor do anarquismo. A violenta repressão que se abatia sobre o conjunto dos trabalhadores e seus líderes políticos em especial, além da ausência do Estado na fiscalização do trabalho, da aplicação das poucas leis trabalhistas em vigor e a inexistência de uma

¹⁸"Não sou conduzido, conduzo".

mínima intervenção estatal para o bem-estar (previdência, saúde, educação etc.) selavam a pretensão socialista de negociar com o Estado. Por outro lado, essa forma de atuação da burguesia cafeeira e a recusa do diálogo por parte do Estado central contribuíam para tornar o discurso anarquista mais verdadeiro. Era como se os anarquistas dissessem para o seu público: "vejam como nós temos razão, porque ninguém quer negociar, ninguém quer ceder nada, temos apenas a repressão sobre nós". Esse arranjo da política brasileira daquela época acabou por dar total razão aos anarquistas que acabaram por predominar sobre os socialistas.

Além disso, a forma de atuação dos militantes do anarquismo era um fator diferencial. Estes privilegiavam o indivíduo. Destacavam aspectos da vida que nem sequer estavam presentes nas preocupações das outras correntes políticas.

Uma intensa atividade cultural, formando um tecido com a vida dos trabalhadores e de suas famílias, é uma das diferenças mais visíveis e comentadas do anarquismo brasileiro. Esse anarquismo não pode ser considerado idêntico ao europeu. Em certa medida houve algum tipo de adaptação. Estes dois anarquismos podem ser considerados irmãos, mas não irmãos gêmeos.

A corrente que predominou no Brasil em relação àqueles dois tipos acima anotados, os individualistas e os anarco-comunistas, foi a destes últimos. Conforme escreveu Sílvia Magnani, a intervenção desses anarquistas buscava se diferenciar dos socialistas, por exemplo, à medida que rejeitava a revolução vinda de cima para baixo, e opunha-se energicamente à criação de partidos políticos. O anarquismo considerava que as próprias massas deveriam fazer a revolução.

O nível de consciência dos trabalhadores era muito baixo para fazer uma revolução. Assim, a vanguarda anarquista deveria, pela ação direta, propiciar o desabrochar do instinto revolucionário nato próprio dos operários, explorados e oprimidos em geral. Nada mais educativo do que levar o trabalhador a agir diretamente, em um primeiro momento por pequenas demandas, para prepará-lo, a partir disso, para a grande revolução.

A principal tarefa, portanto, das assim chamadas vanguardas anarquistas era aquela de educar para a própria libertação a classe operária. A ação direta,

mesmo que voltada para a ação reformista (a luta sindical), serve como instrumento pedagógico para liberar os instintos revolucionários da classe, "é a denominada 'ginástica revolucionária', o treino necessário para a ação final, a revolução".¹⁹

O anarquismo predominante no Brasil acabou por cindir-se em duas grandes correntes que, de tão semelhantes, podem nos levar a perguntar se de fato a divisão se justificava por motivos "teóricos". De qualquer maneira, o movimento ficou parcelado entre os anarco-comunistas e os anarco-sindicalistas. O órgão de imprensa dos primeiros foi o semanário *La Battaglia*, enquanto os segundos tiveram no *A Terra Livre* o seu jornal semanal.²⁰

Outras correntes também existiram, mas vamos deixar até de mencioná-las porque tal lacuna não interfere no objeto central de análise do presente trabalho. Talvez um último aspecto do anarquismo brasileiro deva ser mencionado, que é o anticlericalismo. Este combate contra a Igreja Católica foi marca significativa do movimento. Os jornais *A Lanterna* e *A Plebe* são exemplos disso.

Para encerrarmos a presente discussão faremos algumas menções ao livro de Edgard Leuenroth, ***Anarquismo – Roteiro de libertação Social***, do qual extrairemos algumas passagens ilustrativas do pensamento anarquista à época.²¹

Edgard Leuenroth apresenta uma justificativa à publicação de ***Anarquismo***, que vai no sentido da reafirmação das teses anarquistas. "E os anarquistas sentem-se autorizados, pelo exame dos acontecimentos, a afirmar que nada há nos seus princípios que careça de revisão".²²

¹⁹Ver MAGNANI, op. cit., p.58.

²⁰Para um maior detalhamento das diferenças e semelhanças entre os anarco-comunistas e anarco-sindicalistas ver o livro já mencionado de Sílvia Magnani.

²¹LEUENROTH, Edgard (Org.). **Anarquismo – Roteiro de libertação social – Antologia de doutrina crítica – História – Informações**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, s.d. (na apresentação está mencionado o Estado de Israel, donde se supõe que esta não foi escrita antes de 1947), cópia xerográfica de original depositado no Arquivo Edgard Leuenroth - AEL, Unicamp, SP.

²²LEUENROTH, op. cit., p.4.

Estamos diante de um trabalho que visa fazer a divulgação das principais idéias ou, talvez melhor, dos princípios do anarquismo. O organizador da coletânea nos mostra com suas palavras de apresentação que estão cada vez mais raros os textos dos teóricos do anarquismo. Estes podem ser encontrados apenas nas estantes dos velhos militantes. Tratava-se, pois, de continuar o trabalho de divulgação e formação de novos militantes através da leitura de obras teóricas clássicas ou, pelo menos, passagens importantes de obras clássicas.

Encontramos no prefácio de Agustin Souchy, velho militante que participou de eventos significativos do século XX, como, por exemplo, a Guerra Civil Espanhola, algumas palavras que reforçam a idéia de formação através da leitura, idéia que se articula com os princípios do anarquismo que consideram que o homem só será livre quando tiver consciência de sua prisão e for capaz de se libertar dela.

"A doutrina anarquista nos apresenta o ideal de uma ordem social sem exploração privada ou estatal, no qual a administração das coisas acabará com a dominação do homem. Esta definição não é nova, mas tem de ser repetida, porque a mentira também se repete sempre".²³ O diálogo com a propaganda antilibertária fica evidente nesta passagem, contudo, Agustin Souchy apresenta de maneira lapidar os objetivos do movimento ao dizer que

A meta dos anarquistas não é o estabelecimento de uma ordem social ideologicamente pré-fabricada em todos os seus detalhes. A anarquia não é uma sociedade imutável e uniforme: os anarquistas aspiram à emancipação do indivíduo das atrofiadas formas sociais. O movimento libertário caracteriza-se, portanto, menos por seu ideal de uma sociedade perfeita, mais pela dinâmica de suas tendências libertadoras. É um desenvolvimento voluntário no sentido da realização de formas sempre mais livres, mais perfeitas e mais harmônicas da vida social, não sendo, porém, a liberdade, a harmonia ou a perfeição em si.²⁴

²³LEUENROTH, op. cit., p.8.

²⁴LEUENROTH, op. cit., p.8.

Essa forma de apresentar os objetivos do movimento está presente nos vários textos incluídos na coletânea em foco. Anarquistas como Eliseu Reclus, Errico Malatesta, George Woodcock, Gigi Damiani, Pedro Kropotkine (grafia do texto), José Oiticica, dentre outros não menos famosos e conhecidos, apresentam suas idéias e propostas sobre os principais temas que podem ser listados para a ação revolucionária.

Desde os princípios filosóficos, passando pelas formas de ação até os elementos assessórios ou principais para o despertar da consciência revolucionária estão tratados por diferentes autores. O objetivo principal do trabalho, repetimos, é oferecer aos leitores os elementos para a sua conscientização e posterior libertação de toda autoridade externa ao indivíduo.

Logo na capa temos uma passagem de Eliseu Reclus que nos mostra o grau dos detalhes a que vão os anarquistas para tratar de questões relativas à divulgação, à contrapropaganda e outros aspectos de suas atividades.

"No reino da fábula, todos os jardins maravilhosos, todos os palácios encantados, são guardados por dragões ferozes. O dragão que está à porta do palácio da anarquia nada tem de terrível: é apenas uma palavra".

1.3 A PROPOSTA DE UMA NOVA ÉTICA

O movimento anarquista apresenta vários aspectos que o distinguem de outros movimentos políticos, tanto à esquerda quanto à direita. Estamos nos referindo, mais especificamente, às atividades de formação de militantes, consciências, através daquilo que poderíamos chamar genericamente de cultura.

Supomos que existe uma expectativa por parte dos dirigentes do movimento de que esse processo de contato com linguagens diferenciadas, a literatura, o teatro, a música, dentre outros, forneça uma base para a formação moral dos indivíduos. Do ponto de vista do anarquismo, essa referida formação moral significa, para nossos termos, a formação política também, uma vez que os indivíduos são naturalmente bons e justos.

Havendo o contato com esse tipo de linguagem e conteúdo o anarquismo supõe semear em campos férteis e com boas sementes. Tendo esse pressuposto o movimento se engaja na divulgação das idéias revolucionárias, igualitárias, de justiça social.²⁵

Um debate muito antigo opõe efeitos distintos para ação de ler. Temos desde a hipótese de que a leitura pode provocar danos no caráter do indivíduo até a opinião contrária, ou seja, de que a leitura ajuda a formar um bom caráter mesmo que essa leitura não seja supostamente de boa qualidade, porque ela serve como exemplo para o leitor. A terceira via segue afirmando que a leitura simplesmente informa, não forma nem deforma.

Dando continuidade à nossa exposição vamos trabalhar com algumas das atividades culturais do movimento anarquista que tinham um caráter pedagógico, formador de consciências, revolucionário.

No trabalho organizado por Antônio Arnoni, ora em foco, podemos vislumbrar que o movimento anarquista procurava diferentes linguagens para disseminar suas idéias. Esse tipo de atitude está relacionado com o posicionamento, ou melhor, com a visão de mundo dos anarquistas que estabelecem uma relação com a vida, a militância e a divulgação de suas idéias.

Antonio Cândido, em seu texto da coletânea mencionada acima, relata que um militante anarquista chamado Adelino Tavares de Pinho era analfabeto até a idade adulta. Contudo, instruiu-se por conta própria, "graças à intensa paixão cultural

²⁵Trataremos com mais vagar desse assunto no capítulo seguinte. Apresentamos aqui apenas um intróito para o levantamento das principais atividade culturais do movimento anarquista. No que tange à discussão sobre a leitura ver DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Sobre o tema no Brasil, trabalhamos, nessa parte da tese, com PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil: Memória – Lutas – Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

dos meios anarquistas", tornando-se "relativamente bem informado, como se vê pelos numerosos artigos e alguns folhetos que escreveu".²⁶

Creemos que essa "intensa paixão cultural dos meios anarquistas" é responsável pela profusão de atividades com esse cunho político, educativo e cultural. Para a amplificação das idéias dos anarquistas, essa variedade de linguagens, em um certo sentido, ocupava um espaço similar àquele ocupado na atualidade pela televisão, ou melhor, pela linguagem midiática. Através da propaganda das idéias veiculadas por suportes dos mais variados, a entrada da ideologia anarquista era mais ampla.

No campo da poesia Antonio Arnoni tenta resgatar o trabalho de um anarquista pouco conhecido. Talvez isso se devesse menos a seu valor artístico e mais pelo esquecimento em que foi jogado por seus adversários ou inimigos políticos. É de um jovem e promissor poeta que esse autor vai tratar no capítulo intitulado "Cenário para um retrato: Ricardo Gonçalves".²⁷

Arnoni procurou recompor as lembranças do poeta por intermédio de outros escritores mais conhecidos, desde Monteiro Lobato até outro poeta libertário, Martins Fontes, de quem reproduziu o soneto abaixo, intitulado "Dom Ricardito":

Guapo? Ainda mais, guapíssimo, reguapo!
 Boêmio, poeta, tribuno, epigramista,
 Ferrabrás, ciranesco, abaixa-crista,
 Trezentas vezes do presídio escapo.
 Preconceitos? redu-los a farrapo,
 E, em uma independência anarquista,
 Fino, o florete da ironia enrista,
 Ou desbarata, impávido, a sopapo!
 Passa, e o louvor dos corações evola,

²⁶CÂNDIDO, Antonio. Sobre a retidão. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil: Memória – Lutas – Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.15.

²⁷PRADO, Antonio Arnoni. Cenário para um retrato: Ricardo Gonçalves. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil: Memória – Lutas – Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.109-116.

As mulheres adoram-no! É tropeiro,
 Canta e sedu-las pela barcarola!
 Leva, a esgrimir, flamante e sobranceiro,
 Penachando, a feudal capa espanhola,
 Uma pluma escarlate no sombreiro.²⁸

Vemos que a figura do poeta homenageado aparece como um misto de herói, boêmio, sedutor e revolucionário. É de se supor que o impacto desses versos era significativo sobre seus leitores. Além de tudo isto, Ricardo era repórter do *Correio Paulistano* e, depois, colaborador do *Commercio de S. Paulo*. Nesses jornais da assim chamada imprensa burguesa, esse poeta, jornalista e militante, relatava os episódios do cotidiano de lutas anarquistas do ponto de vista do próprio movimento. Este tipo de crônica não era comum e, inclusive por isso, repercutia com maior intensidade entre os leitores. Esse promissor poeta e militante acabou por se suicidar, convertendo-se numa espécie de mártir da causa.

Mas, não era apenas o jornalismo e a poesia que agitavam a militância anarquista. De início, podemos mencionar o aspecto lembrado por Fábio Lucas em relação à literatura e as idéias anarquistas.²⁹ Esse autor nos lembra que as idéias anarquistas foram recolhidas por autores de literatura, citando como exemplo "o teatro de Ibsen, a poesia de Walt Whitman, o romance de Tolstoi (o inolvidável *Guerra e paz*) e Zola (*Paris*, 1898 e *Trabalho*, 1901)".³⁰

²⁸PRADO, A. A., *Cenário...*, op. cit., p.112-113. Antonio Arnoni informa, em seguida ao soneto, que "a alusão à capa espanhola traz a marca dos conflitos que explodiram nas ruas de São Paulo por ocasião da greve dos ferroviários da Paulista em maio de 1906, quando Ricardo, ferido, passou a usá-la para esconder o braço temporariamente paralisado." p.113.

²⁹LUCAS, Fábio. A lição libertária de vulcões. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil: Memória – Lutas – Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.117-130.

³⁰LUCAS, op. cit., p.118.

Avelino Foscolo é o autor de romances focado por Fábio Lucas. O romance *Vulcões* é o ponto de análise. Para nós interessa destacar que aquele anarquista, com seus romances "sociais" ou "políticos" é um nome freqüentemente citado nas recomendações de leitura, objeto de nossas análises.³¹

Fábio Lucas realiza uma dissecação do romance e destaca que essa "novela social, de marcante intuito didático, (...) se desenvolve a apresentar, em variadas circunstâncias, uma crítica contundente ao capitalismo".³² O autor do romance procurou atacar vários aspectos do capitalismo, tanto econômicos quanto morais. Esse tipo de crítica "total" é próprio do anarquismo, uma vez que este procura formular um conjunto de idéias que propicia o desabrochar de uma moral e de uma ética naturais. Não é de se espantar, portanto, que a crítica presente nesses textos trate o conjunto dos problemas e não apenas seus reflexos (segundo os anarquistas) políticos, econômicos e sociais.

Dois tipos de atividade do movimento anarquista ainda são tratados no livro organizado por Antonio Arnoni: o teatro e o folhetim. Em ambos os casos, a intenção dos autores passa pelo conjunto de objetivos presentes no romance e na poesia. A disseminação das idéias do anarquismo e, para usarmos um termo atual, a cooptação dos indivíduos para o movimento. A arte é utilizada como forma de projeção de uma sociedade ideal, seja no teatro, seja em outra forma qualquer de manifestação artística.³³

³¹No capítulo em questão, o autor preocupa-se em distinguir *romance social* de *romance político*. Não vamos nem mencionar as distinções porque, para nosso trabalho, isto não é relevante.

³²LUCAS, op. cit., p.126-27.

³³Ver em PRADO, A. A., **Libertários...**, op. cit., os capítulos de Mariangela Alves de Lima e Maria Thereza Vargas: "Teatro operário em São Paulo" e o capítulo "A prole de Caim (Um estudo do folhetim na imprensa anarquista)", de Vera Maria Chalmers.

No caso do teatro, pelo menos, as autoras nos informam que:

A origem dessa concepção didática e doutrinária do teatro está ligada, certamente, à composição étnica da classe operária. São os italianos, como parcela numericamente mais significativa da composição da classe nesse início de industrialização, que assumem e impõem continuidade à atividade teatral. O teatro é aqui o seguimento de uma experiência anterior, em solo italiano, largamente desenvolvida durante as lutas sociais do período de unificação.³⁴

Podemos objetar parcialmente esse argumento se pensarmos que as idéias anarquistas vieram, em grande medida, com os italianos. O teatro, a poesia, a prosa eram usados como instrumento de divulgação das idéias revolucionárias não só na Itália, mas na Europa onde houvesse atividade política da classe operária.

Para nós o fundamental não é identificar a origem do movimento, mas os seus efeitos na assistência (no caso do teatro) e, talvez algo mais sutil, o porquê da utilização desse tipo de linguagem para fazer a denúncia e a propaganda. Procuraremos tratar com mais vagar dessas questões nos capítulos seguintes. Porém, vale destacar, que as condições de trabalho encontradas pelos italianos, e não só por eles, eram herdadas da época da escravidão: os feitores e os capatazes continuavam trabalhando.

Paula Beiguelman relata em seu artigo o "rumoroso caso do colono Ângelo Longaretti".³⁵ Este matou o filho do proprietário da fazenda onde trabalhava. O caso serviu como uma válvula de escape para a denúncia nos jornais anarquistas de uma série de condutas contra a integridade física e moral dos trabalhadores. A autora nos mostra que motivos havia aos montes para a reação dos imigrantes. Este é apenas um. Nas páginas do jornal *Avanti*, "...vinha a público a conduta de um administrador

³⁴Essa citação foi retirada do capítulo "Teatro operário em São Paulo". PRADO, A. A., **Libertários...**, op. cit., p.166.

³⁵Ver BEIGUELMAN, Paula. O movimento operário ante a grande lavoura no período imigrantista. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil: Memória – Lutas – Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.98-106.

que, ao chicotear a mulher de um colono, matara a criança que ela trazia nos braços (*Avanti*, 25-26.5.1901)".³⁶

A situação de descaso na qual se encontravam os trabalhadores de todas as origens e os italianos em particular, começou a ser conhecida minimamente em função dos periódicos anarquistas. Retomando o caso Longaretti, Paula Beiguelman nos informa que

...Indo a julgamento, Longaretti é confinado ao cárcere de Rio Claro. O caso marcou época, mobilizando as sociedades italianas de Ribeirão Preto, em apoio ao condenado. Anos depois, o acontecimento ainda será comentado a propósito do declínio do imigrantismo, sendo discutida a opinião do dr. L. Pereira Barreto, segundo o qual a condenação do colono Ângelo Longaretti seria responsável pela proibição italiana quanto à imigração (subvencionada) para o Brasil (*La Battaglia*, n.170, 31.5.1908).³⁷

1.3.1 "Sobre a Retidão"

Este último item do presente capítulo pretende abrir algumas janelas para iluminar a discussão que estamos fazendo sobre a militância anarquista. A retidão de caráter, se não de fato, pelo menos na forma, pretendida e supostamente desejada, aparece como um ideal a ser perseguido.

Os militantes, assim como os monges, por exemplo, deveriam ter vida exemplar, reta e sem tropeços. Quando esse projeto de vida verificava-se na prática dos indivíduos, estes estavam prontos para serem chamados de militantes. Talvez, mais do que isto ainda. Poderiam ser chamados de líderes do movimento, ideólogos do movimento. No caso do anarquismo, eram considerados como exemplos a serem seguidos.

³⁶BEIGUELMAN, op. cit., p.99. Nos parece claro que muitas ações desse tipo tenham sido cometidas por responsáveis pelo trabalho nas lavouras de café. No entanto, este caso parece um exemplo que teve repercussões, no Brasil e fora dele, em função da divulgação promovida pelos jornais anarquistas.

³⁷BEIGUELMAN, op. cit., p.99.

Esse tipo de postura do militante, o qual chamaremos, pelo menos inicialmente, de "militante total" pode ser exemplificada nas palavras de Antonio Candido, no capítulo que tomamos o título emprestado.³⁸

Lembrando de uma cena protagonizada por Edgard Leuenroth, Antonio Candido nos relata uma história reveladora.

Inicialmente nos fala de Leuenroth:

Através dele pude sentir a extraordinária fidelidade dos anarquistas daquele tempo às suas convicções; a tenacidade com que as defendiam pela vida afora, mantendo elevada a temperatura da paixão libertária. E também a retidão com que viviam, – honestíssimos, puritanos, achando que os valores morais eram requisitos da revolução social e abominando o maquiavelismo da vida política. Esta integridade, temperada de muita candura, se traduzia inclusive pela sinceridade em todas as circunstâncias; e isto me faz lembrar um episódio de que participei.

O cenário do episódio era o do início da Guerra Fria. No Brasil um dos reflexos dessas batalhas sem tiros foi o "fechamento" do Partido Comunista. Um desdobramento dessa decisão foi a proibição de se comemorar o 1.º de maio de forma independente. Só o trabalhismo oficial poderia fazê-lo. Então, seguimos com a descrição:

Nós, do Partido Socialista Brasileiro, que geralmente nos reuníamos a outras organizações para encorpar as atividades deste tipo, ficamos sós. Não tendo capacidade de mobilização suficiente para furar o cerco por contra própria, fizemos o que era possível: reuniões em nossa sede do Brás.

Numa delas, 47 ou 48, o presidente do ato anunciou que via com prazer na assistência o companheiro Edgard Leuenroth, e lhe deu as boas-vindas.

Saudado por uma salva de palmas, Edgard se levantou, vibrante risonho, com a sua franzina silhueta de uma distinção rara, e agradeceu. Disse que, como revolucionário, não quisera ficar em casa no 1.º de maio; e verificara que só no Partido Socialista poderia comemorá-lo dignamente, por isso estava ali. No entanto, era dever de honestidade declarar que discordava essencialmente dos companheiros socialistas. Na qualidade de libertário, rejeitava a própria idéia de

³⁸Trataremos com todos os cuidados necessários, nos capítulos seguintes, dessa discussão do militante e do "militante total".

partido, assim como a luta para participar de organismos do Estado, do qual preconizava não a transformação, mas a abolição. Com serenidade calorosa, foi assim expondo as suas posições para justificar as divergências; e concluiu que, apesar destas, sentia-se bem entre os companheiros socialistas, aos quais agradecia a hospitalidade, que lhe permitira comemorar a data maior em que os trabalhadores afirmam os seus ideais e o seu ânimo de luta.³⁹

O desenho do militante esboçado acima é muito particular de uma determinada época. Esse padrão de conduta tornou-se cada vez mais raro com o passar dos anos, transformando-se apenas em uma vaga lembrança. Nossa questão, contudo, não é por que essas mudanças ocorreram, mas como era possível formar um militante com esse perfil?

Após muito lermos sobre o anarquismo e suas principais características no que tange à sua história, suas táticas e estratégias de ação política direta, nos debruçamos sobre os jornais anarquistas do início do século passado. Pudemos então, identificar naqueles jornais uma série de elementos que seriam ferramentas para nosso trabalho de reconhecimento dos meios utilizados para a formação desse tipo de militante político. Refizemos, dessa maneira, vários caminhos já trilhados por outros autores para responderem as questões presentes em seus trabalhos.

De nossa parte, definimos como principal questão a ser trabalhada os elementos que poderiam dar corpo àquele referido padrão de militância. Mas, onde estariam condensados esses preceitos formadores do anarquista militante? Consideramos que a resposta para esta questão está presente nos textos cujos títulos são sugeridos quase que religiosamente pelos jornais anarquistas daquela época. Geralmente na quarta página encontramos lá os "*Livros que os operários devem ler*". Integram essa chamada uma relação de títulos que abarcam desde

³⁹Antonio Candido, com sua elegância peculiar, nos oferece uma sucessão de pistas para encaminarmos nosso trabalho. Trataremos, passo a passo, de abrir caminho com a ajuda desse socialista discreto e sereno. O trecho transcrito é o capítulo "Sobre a retidão" da obra seguinte: PRADO, A. A., **Libertários...**, op. cit., p.13-16.

livros de poesia, passando por romances, roteiros de teatro, biografias, teoria social e política, dentre outros tantos temas.

Resolvemos vasculhar no interior dessas obras os elementos que parecem ter uma eficiência tal para formar o caráter dos militantes que são, número após número, ano após ano, recomendados para todos os operários. Nesse sentido, portanto, não fizemos um estudo da militância anarquista e suas peculiaridades, embora tenhamos que conhecer minimamente o que é o anarquista e a militância anarquista. Não realizamos uma análise da recepção dessa bibliografia por parte da militância. Nem tampouco nos preocupamos em verificar se os livros eram lidos ou não. Buscamos apenas identificar no interior desses textos aqueles elementos de moral, de ética que deveriam cumprir o papel de formadores do militante.

Para a realização desse trabalho de análise por nós proposto, foi imprescindível que focássemos nossa atenção em alguns elementos decisivos. Foram eles um estudo da leitura, sua história, seus efeitos sobre os leitores etc. E, finalmente, mas não menos importante, um estudo do militante, independente da sua filiação teórica em um determinado momento de nosso estudo e depois, do militante anarquista especificamente.

Como toda opção implica ganhos e perdas, por um lado não nos detivemos sobremaneira em aprofundar o estudo do anarquismo nem do militante anarquista, mas procuramos compor uma estrutura analítica ampla o suficiente para sustentar nosso esforço analítico.

CAPÍTULO 2

SOBRE A LEITURA

Não se aparte da tua boca o livro desta lei; mas meditarás nêle dia e noite, para observar e cumprir tudo o que nele está escrito; então levarás o teu caminho direito, e o compreenderás.

Livro de Josué 1:8

A leitura tem se constituído em um instrumento de civilização dos indivíduos. Não apenas as organizações de esquerda se utilizaram dos livros, jornais e panfletos para a divulgação de suas idéias. As mais distintas instituições sociais trabalham com a leitura como uma forma de sociabilidade, de construção de uma identidade, de instrumento de emancipação social.

Quando do afunilamento de nossas leituras sobre esse tema pudemos nos deparar com diferentes abordagens desse assunto. Passamos por discussões filosóficas e religiosas; livros de história da leitura; a leitura como metalinguagem na literatura; a lingüística. Foram distintas formas de abordagem que possibilitaram uma compreensão melhor articulada desse processo humanizador. Ao longo desse trabalho emergem os sinais mais difusos ou mais incisivos desse panorama sobre a leitura.

Trazemos para nosso texto a menção ao livro de Maria Luiza Andrezza que também está próxima da leitura como nós. No seu *Paraíso das delícias* a autora trabalha com emigração e estabelecimento de uma colônia de *rutenos*/ucranianos no sul do Paraná, em Antonio Olyntho.⁴⁰ Antes ainda de chegarem ao Brasil, os *rutenos* começam por construir uma identidade a partir, também, de uma cultura escrita. Maria Luiza destaca nesse processo de alfabetização e construção de uma

⁴⁰Ver ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**: um estudo da imigração ucraniana. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. O termo *ruteno* era a autodenominação do grupo no Brasil até os anos de 1920, sendo que eles emigraram da Galícia em 1895. A autora utiliza os dois termos, *rutenos* e ucranianos, como sinônimos.

identidade, a "fundação, em 1868, da Sociedade *Prosvita* sob a iniciativa do reverendo Stephen Kachala e dos populistas Anatoly Vachnhanyn e Omelian Partytzky".⁴¹ Esse processo de humanização através da leitura ganhou importância entre os membros daquele grupo.

Originalmente um movimento cultural e educacional, a *Prosvita* ganhou força política com o apoio da juventude, principalmente por incluir estudantes de teologia. Sendo um movimento nacional-populista, preocupava-se em editar jornais e pequenos livretos, da mesma maneira que promovia a criação dos clubes de leitura sempre destinados às camadas populares. (...)

Os clubes de leitura eram instituições que proviam educação popular para adultos com uma orientação nacional.

Não estamos tratando aqui de militantes de esquerda e anarquistas, mas esses ucranianos, fundadores dos clubes de leitura não deixavam de ser militantes da causa nacionalista. Com a chegada desses imigrantes no Brasil os clubes de leitura também serão fundados aqui. Do nosso ponto de vista, chamamos a atenção para a importância dada à leitura como criadora de uma determinada consciência, visão de mundo, identidade de grupo e outros arranjos que têm na leitura um dos meios para a sua concretização.

Os imigrantes italianos que vieram para o Brasil trouxeram com sua cultura política do anarquismo uma experiência própria dos europeus, herdeiros da tradição judaico-cristã ocidental, o hábito da leitura como instrumento de emancipação política. Para melhor situarmos essa experiência, trabalharemos com maior detalhe a leitura. Não pretendemos fazê-lo através de uma revisão da história da leitura. O que vamos fazer é tecer uma sustentação para as análises que realizaremos, em breve, com o presente trabalho. Não é de se esperar, portanto, que façamos um completo arranjo de todas as grandes questões relativas a esse tema.

⁴¹ANDREAZZA, op. cit., p.25.

O fio condutor das discussões será a questão trazido por Robert Darnton no livro *Os best-sellers proibidos da França revolucionária*.⁴² Estamos nos reportando àquela interrogação que coloca em evidência a "força" do texto escrito: os livros fazem revoluções?

2.1 ALGUNS COMENTÁRIOS NO CAMPO DA HISTÓRIA DA LEITURA

Roger Chartier tem seu trabalho relativamente bem difundido no Brasil nos últimos anos. Não é, contudo, por ser um *best seller* que trabalharemos com ele, mas pelo fato de que a discussão por ele apresentada nos serve para pensarmos a abordagem da leitura pela porta de entrada da história.

Em artigo recentemente publicado no Brasil Roger Chartier trata das grandes e profundas modificações sofridas pela leitura, fundamentalmente, no ocidente, ou talvez devamos dizer Europa?⁴³ Chartier começa demonstrando que Gutenberg não é o responsável pela primeira grande revolução dos processos de leitura.

Na China, por exemplo, a gravação de textos em madeira propiciava uma série de vantagens em relação aos manuscritos europeus. Portanto, podemos pensar na impressão como uma grande revolução apenas para o assim chamado ocidente. Como curiosidade destacamos que "o tipo móvel em terracota era usado na China desde o século XI. No início do século XIII os textos coreanos eram impressos usando-se caracteres de metal, enquanto na China, no mesmo século, eram usados os caracteres de madeira".⁴⁴

⁴²Ver DARNTON, *Os best-sellers...*, op. cit.

⁴³Ver CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil ; São Paulo: Fapesp, 1999. p.19-31.

⁴⁴CHARTIER, *As revoluções...*, op. cit., p.20.

É certo que os orientais não difundiram a impressão como os europeus, a partir do uso do que chamaremos genericamente de imprensa. Mas, isto nos basta para mostrarmos que, às vezes, um certo cuidado torna-se necessário para não reinventarmos a roda.

Um aspecto do processo de impressão destacado por Chartier a nós interessa em função de contrastarmos certas normas que fogem do padrão técnico e são ferramentas indispensáveis para o bom trabalho de análise. O autor em foco nos alerta para o fato de que muitos escritores e eruditos da Idade Média (e mesmo depois dela...) não viam com bons olhos os textos impressos. Era como se as técnicas de impressão violassem a sacralidade do texto manuscrito. É claro que esse tipo de restrição combinava perfeitamente com o diminuto número de seletos indivíduos que compunham esse grupo de pessoas letradas. Nessa democracia de poucos, a *Res Publica Literatorum* era a forma de governo.

Além disto, como elemento auxiliar no polimento de nossas análises futuras, destacamos outro tipo de leitura que, para não sermos anacrônicos, temos que levar em conta. A atividade de leitura, sem entrarmos no mérito do conteúdo, da forma e dos fins, não possui uma forma única. Temos desde a leitura em voz alta, na família, no círculo de amigos, no centro da comunidade, a leitura dramática etc.⁴⁵

É claro, contudo, que as transformações técnicas facilitaram a circulação dos livros à medida que baratearam os custos e reduziram o tempo necessário para a impressão. Mas, segundo Chartier, a primeira grande revolução na leitura não estava enraizada nas mudanças técnicas.

Essa revolução foi o culminar de um longo processo de passagem da leitura oral, imprescindível para a compreensão do significado (geralmente religioso),

⁴⁵Quando pensarmos as várias formas adotadas para a promoção da circulação das idéias anarquistas, esse aspecto ficará escandalosamente claro. Lembramos, ainda, ao leitor que continuamos seguindo os passos de Roger Chartier.

"para uma leitura visual, puramente silenciosa".⁴⁶ É importante precisarmos esse movimento descrito por Roger Chartier.

A primeira revolução na leitura no início da Idade Moderna foi, assim, de maneira geral, independente da revolução tecnológica na produção de livros. Ela teve raízes em mudanças ocorridas nos séculos XII e XIII, que transformaram a função mesma da palavra escrita, substituindo o modelo monástico, que atribuía uma tarefa de preservação e memória em grande parte dissociada da leitura, pelo modelo escolástico, que tornou o livro tanto um objeto quanto um instrumento de trabalho *intelectual*.⁴⁷ (grifo nosso)

A segunda grande revolução na leitura cavalgou a primeira, ocorrendo ao longo do século XVIII. De forma resumida, podemos dizer que esse conjunto significativo de transformações foi marcado por um aumento considerável do número de leitores. Junto com o número de leitores cresceram a quantidade de periódicos, livros pequenos (se comparados aos volumes manuscritos, excessivamente grandes e pesados), bibliotecas, sociedades de leitura etc. A partir desse momento já era possível ler livros sem ter que comprá-los.

Essa massificação da leitura produziu novas formas de textos e uma nova relação do leitor com a coisa lida. Se antes a relação religiosa predominava, agora, estávamos diante de "um tipo de leitura mais irreverente e desprendida."⁴⁸

As mudanças não ocorreram em uma única direção e foram se alterando, desaparecendo ou se consolidando com o passar dos anos. Contudo, um fenômeno ocorreu no interior desse processo que nos interessa sobremaneira. Estamos nos referindo a uma espécie de paixão pela leitura. Principalmente na forma que é conhecida como romance, embora não apenas nessa forma.

⁴⁶CHARTIER, As revoluções..., op. cit., p.23.

⁴⁷CHARTIER, As revoluções..., op. cit., p.23-24.

⁴⁸CHARTIER, As revoluções..., op. cit., p.25.

O romance foi lido e relido, memorizado, citado e recitado. Os leitores eram tomados pelos textos que liam; eles viviam o texto, identificavam-se com os personagens e com a trama. Toda sua sensibilidade estava engajada nessa nova forma de leitura intensiva. Leitores (que eram freqüentemente mulheres) eram incapazes de controlar suas emoções e suas lágrimas e, com freqüência, tomavam de suas penas para expressar seus próprios sentimentos ou para escrever ao autor como diretor de consciência e guia de suas vidas.⁴⁹

O poder de envolvimento e de tomada da atenção que a leitura desse material produzia era evidente. A força arrebatadora desse tipo de linguagem, para os leitores daquela época, era extremamente intensa.

A leitura provoca no leitor uma série de efeitos que podem ser identificados tanto pelas manifestações do próprio leitor quanto pelo seu uso, reiterado em diversas situações, como instrumento para formação de identidade, consciência etc. Que tipo de mecanismo produz essa quase alucinação? Quantos de nós já passamos horas em devaneios afetivos, profissionais, ou de qualquer outra fonte a partir da leitura de um texto? Por que isto acontece?

Enquanto não temos condições de responder às questões acima, seguiremos com o tema mais geral que ora tratávamos. Retornando a Roger Chartier, este afirma que até meados do século XIX a leitura popular mantinha esse perfil definido pela forma do suporte do texto: os folhetos, livretos etc. Esse quadro alterou-se drasticamente com o conjunto de mudanças levado adiante pelas transformações do capitalismo, visto de um plano mais geral. Temos, naquele momento, o crescimento do número de escolas, a ampliação da quantidade de pessoas alfabetizadas e uma maior diversificação da produção impressa.

Com todas as transformações ocorridas nos países mais desenvolvidos da Europa da segunda metade do século XIX, viria a ocorrer "uma ampla diversificação

⁴⁹CHARTIER, As revoluções..., op. cit., p.25.

das práticas de leitura nas sociedades contemporâneas. Com o século XIX a história da leitura entra na era da sociologia das diferenças".⁵⁰

Talvez a mais recente revolução da leitura identificada por Roger Chartier tenha sido a revolução produzida pelo texto eletrônico. Este é elaborado, produzido e distribuído pela mesma pessoa, por meio do computador. Simultaneamente à sua produção/transmissão, ele é lido, ou melhor, pode ser lido. Além disso, pode ser apropriado, alterado, ganhar novos autores etc.

Um mundo de fragmentos dança ao nosso redor. As transformações que daí decorrem são, por ora, incomensuráveis. De acordo com alguns pressupostos de Jesús Martín-Barbero, o leitor de hoje salta a etapa da leitura do texto impresso em livros, jornais e revistas, e vai direto à televisão e ao computador. O *zapping* na TV e a Internet no PC constituem um novo espaço de produção de cultura e de relação entre as pessoas e delas com a leitura e os fragmentos.⁵¹

As formas da leitura se alteram e este movimento não deve, segundo Chartier, significar a destruição dos modos e formas mais antigos. Isso não tem acontecido ao longo da história. "Nesse sentido, o novo mundo eletrônico não significa a morte da impressão. Mas temos também de lembrar que somente preservando o entendimento da cultura impressa poderemos saborear completamente a 'felicidade extravagante' prometida pelas inovações tecnológicas".⁵²

As rupturas trazem consigo novidades e estas, contudo, têm uma genética impressa na fôrma do passado. Realizar este tipo de investigação implica correr riscos. Viver, contudo, já é um risco...

⁵⁰CHARTIER, As revoluções..., op. cit., p.26.

⁵¹Não vamos nos estender muito mais nessa discussão. Recomendamos àqueles que tenham seu interesse despertado por essas idéias que recorram a esse autor. Para iniciar o contato, sugerimos o seguinte texto: MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.57-86.

⁵²CHARTIER, As revoluções..., op. cit., p.31.

O universo dos textos eletrônicos significa necessariamente um distanciamento das representações mentais e das operações intelectuais que são especificamente ligadas a esta forma que o livro adquiriu no Ocidente nos últimos dezessete ou dezoito séculos e que foi imposta a outras culturas pela colonização e industrialização mundial. Nesse sentido, nenhuma 'ordem do discurso' (de acordo com a expressão de Foucault) é separável da 'ordem dos livros' à qual está ligada.⁵³

Por ora, sigamos adiante, lembrando uma idéia mais ou menos reconhecida e também utilizada por Chartier. Referimo-nos ao fato de que as "estratégias de publicação sempre moldaram as práticas de leitura".⁵⁴ Assim, para continuarmos alinhando ferramentas para trabalhar nosso vamos refletir sobre a "entrada" da leitura no Brasil, leitura esta, em certa medida moldada pelas "estratégias de publicação" e por outros aspectos também relevantes.

2.2 BREVISSIMA HISTÓRIA DAS PRIMEIRAS LEITURAS NO BRASIL

Uma forma equivocada de pensarmos a história da leitura no Brasil é aquela que desconsidera ou ignora a existência de uma rede informal, que se entrelaça por todo o território brasileiro. Talvez a principal oposição existente nas avaliações sobre a leitura ocorrida nessas paragens, tanto no senso comum quanto em certos círculos acadêmicos, é aquela que vai confrontar a boa à má leitura.

Seguindo os caminhos traçados por Márcia Abreu, podemos identificar alguns elementos que nos parecem decisivos para pensarmos uma sumaríssima história da leitura no Brasil e a identificação de elementos importantes para nossa análise futura, no interior deste trabalho.⁵⁵

⁵³CHARTIER, As revoluções..., op. cit., p.29.

⁵⁴CHARTIER, As revoluções..., op. cit., p.30.

⁵⁵Para uma abordagem sobre a leitura, a censura, a história da leitura, ver ABREU, Márcia. **O caminho dos livros**. Campinas, 2002. Tese (Livre Docente) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas. Ver também ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

A formação de um hábito de leitura no Brasil encontrou barreiras significativas. A primeira a ser apontada é a proibição de se imprimirem livros no Brasil, até 1808. Depois disso, apenas era permitida a Impressão Régia.⁵⁶ A autora em foco nos alerta, contudo, para o fato de existirem formas e formas de livros e formas e formas de leituras e leitores.

Somos conduzidos para outras conclusões ao sairmos de uma abordagem formal dos estudos da leitura no Brasil. Podemos considerar, assim, que havia muita leitura nesse país antes dele receber esse título inclusive.

Outro elemento importante para refletirmos sobre ele quando da análise da leitura no Brasil é a censura exercida sobre os textos que para cá vinham. Existia uma preocupação da Coroa Portuguesa com aquilo que se lia em suas colônias. A disseminação de idéias pecaminosas e/ou emancipacionistas, revolucionárias poderia se dar através de obras impressas que poderiam corroer as bases da dominação portuguesa.

Vemos na tese de Márcia Abreu uma análise sobre a censura, o que era censurado, como era. Mas, encontramos lá também, a identificação dos mecanismos de burla da censura. Desde o puro e simples contrabando, para usarmos um termo contemporâneo nosso, de livros até as leituras em voz alta para superar outra forte limitação à disseminação de idéias pelo texto impresso.

A população mais pobre, menos letrada e culta, também lia muito no Brasil colonial. Nas várias revoltas ocorridas eram apreendidos textos "revolucionários" entre os líderes do movimento.⁵⁷

O cuidado tomado pela Metrópole justificava-se aos seus próprios olhos em função das apreensões do material subversivo. A censura, portanto, fazia sentido. Do ponto de vista dos assim chamados subversivos também fazia sentido a procura por

⁵⁶ABREU, **O caminho...** op. cit., p.312.

⁵⁷Para os detalhes nas informações ver ABREU, **O caminho...**, op. cit.

textos impressos que facilitariam a tomada de contato, o aumento do conhecimento sobre questões relativas à liberdade (e se quisermos, igualdade e fraternidade).

Vemos, assim, que o ponto de vista, ou melhor, o posicionamento político implica uma postura diferenciada sobre o texto impresso e a leitura. Há momentos em que ele é estimulado e há momentos em que ele é reprimido.

O repúdio ou o estímulo à leitura só poder *ser bem compreendidos se forem examinados os objetos que se tomam para ler e sua relação com questões políticas, estéticas, morais ou religiosas nos diferentes tempos e lugares em que homens e mulheres, sozinhos ou acompanhados, debruçaram-se sobre textos escritos.* A leitura não é prática neutra. Ela é campo de disputa, é espaço de poder.⁵⁸

Nesse sentido apontado acima, procuraremos desenvolver algumas idéias sobre aquilo que chamaremos de *debate* para a identificação do verdadeiro efeito da leitura sobre os indivíduos.

Diante da reflexão sobre a pergunta "a leitura forma, informa ou deforma o leitor?" Trataremos de discutir aqueles aspectos que se articulam com as questões até aqui levantadas. Vamos, dessa forma, preparar o terreno para nos reaproximarmos dos pontos centrais de nosso trabalho.

2.3 COMO SE DESDOBRA A POLÊMICA: "A LEITURA FORMA, INFORMA OU DEFORMA?"

É comum vermos nos compêndios sobre a história da leitura (mesmo que não recebam ou não se dêem esse nome) um debate um tanto longo, para não dizermos interminável, sobre os efeitos da leitura sobre as pessoas, ou mais especificamente, sobre os efeitos da leitura na conduta, na formação moral etc. das pessoas que se expõem a esse tipo de situação.

⁵⁸ABREU, *Leitura...*, op cit.

Vamos tratar desse tema para enlaçarmos mais uma questão pertinente à nossa discussão mais geral sobre a leitura. Podemos hierarquizar várias ou mesmo identificar uma única causa fundamental para a leitura ser uma constante. No entanto, nos parece mais sensato pensarmos que um leque de aspectos contribui para a manutenção desse hábito ao longo de tantos séculos, mesmo com a significativa alteração dos suportes do texto escrito.

Em recentes trabalhos por nós estudados, surgem elementos para pensarmos uma sistematização dessa polêmica, de nosso ponto de vista. É claro que os referidos trabalhos possuem sua própria lógica interna. Não vamos discuti-las aqui, vamos apenas mudar-lhe o enfoque para direcionar as questões e análises lá apresentadas para nosso objeto de estudo.⁵⁹

Alguns trabalhos foram selecionados pela autora em pauta. O objetivo mais geral foi identificar o que se esperava da leitura, ou talvez, identificar as "formas corretas de leitura" lá anotadas. Em sua maioria esses trabalhos são tratados de leitura, ou melhor, de prescrições sobre a correta maneira de se ler. A título de exemplo citamos o *Traité sur la manière de lire les auteurs avec utilité*, de Padre Sacchini, que teve várias reedições até o final do século XVIII. A edição indicada é de 1786. Márcia Abreu nos informa que o "Padre Sacchini foi um jesuíta que viveu na primeira metade do século XVII."⁶⁰ Outro exemplo é o trabalho de Bardou-Duhamel, intitulado *Traité sur la manière de lire les auteurs avec utilité*, escrito entre 1747 e 1751.

⁵⁹Estamos nos referindo a dois textos já empregados por nós no presente trabalho. Trata-se do prefácio e do capítulo sobre a maneira correta de ser, presentes na coletânea organizada por Márcia Abreu e a Tese de livre docência da mesma pesquisadora. Ver ABREU, Márcia. Prefácio: percursos da leitura e Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil colonial. In: _____ (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. p.9-15 e p.213-233. Ver também ABREU, **O caminho...**, op. cit., principalmente o capítulo intitulado "A leitura das Belas Letras", que é uma versão mais desenvolvida pela autora.

⁶⁰ABREU, **Leitura...**, op. cit., p.214, em nota de rodapé.

Sob nosso ponto de vista, começamos por destacar uma primeira constatação corrente desde os últimos três séculos, aproximadamente: a leitura é amplamente difundida. Senão vejamos: "Todo mundo lê. É a ocupação ou o divertimento ordinário da vida. Os jovens como os velhos, as mulheres igualmente aos homens, os ignorantes assim como os sábios, abandonam-se com mais ou menos ardor, segundo suas capacidades, seus gostos e seus estados. O número de leitores efetivamente aumentou consideravelmente nestes últimos séculos."⁶¹

Ao longo dos séculos, podemos constatar, a leitura tem se ampliado, se expandido para todas as classes sociais, por assim dizer. Os estudiosos sobre a leitura procuram, também há vários séculos, identificar os seus efeitos e, mais do que isso, formar um padrão de leitura através da hierarquização daquilo que é bom ser lido. Em nossos termos, procuram construir um modelo, através da execração de um tipo de texto e da valorização de outro tipo, para ser aplicado, tendo como objetivos a extração do melhor da leitura e a manutenção de certos valores éticos e morais.

Nos trabalhos em foco nota-se uma ligação estabelecida pela autora entre moral, religião e política, ou seja, "assim como questões de moral são contíguas a questões religiosas, estas foram – e são ainda, em muitos lugares – contíguas ao poder político."⁶² Quando poder e religião estavam mais íntima e explicitamente imbricados, os cuidados com a contaminação dos rebanhos também significavam cuidados com a manutenção da ordem existente, do *status quo*.

Os meios para tanto, quando da presença mais forte da religião, mais especificamente da Igreja Católica Apostólica Romana, passavam pela chama da Inquisição que atribuía ao Demo a corrupção dos indivíduos. Essa corrupção moral e

⁶¹No original: "*Tout le monde lit. C'est l'occupation ou l'amusement ordinaire de la vie. Les jeunes gens comme les vieillards, les femmes de même que les hommes, les ignorants ainsi que les savants s'y livrent avec plus ou moins d'ardeur, selon leur capacité, leur goût & leur état. Le nombre des lecteurs a même augmenté considérablement dans ces derniers siècles (sic)*". Louis Bollioud-Mermet. *Essai sur la lecture*. Amsterdam-Lyon: chez Pierre Duplain, 1765. 125p. (p.9). Apud ABREU, Da maneira..., op. cit., p.215.

⁶²Ver ABREU, Prefácio..., op. cit., p.13.

religiosa acaba por se tornar, também, um problema político. Conforme escreveu "Bernard Mandeville, em 1723: 'Ler, escrever, contar são (...) muito perniciosos aos pobres. (...) Homens que devem permanecer e terminar seus dias numa árdua, fatigante e dolorosa quadra da vida, quanto antes a ela se acostumarem, mais pacientemente a suportarão'".⁶³

Parece haver também um certo consenso entre os autores por nós analisados e estes atualmente em foco, de que a leitura tem o poder de alterar o comportamento dos indivíduos. Pensando a partir dos enfoques religiosos e/ou políticos, a leitura pode ser mais perniciosa (ou eficiente, dependendo do ponto de vista), portanto alterar negativamente as atividades políticas, com maior eficácia do que outros meios de subversão.

...os livros têm a capacidade de difundir mais amplamente as idéias e com menor alarido: um orador discursando em praça pública ou até mesmo um homem confabulando com seus conhecidos não só difundiriam suas idéias em menor escala, mas também seriam mais facilmente visíveis, identificáveis e passíveis de perseguição do que um leitor solitário, fechado em seu gabinete com um livro herético. Tal preocupação levou, como se sabe, ao empenho em censurar, controlar e proibir a composição, publicação, venda e posse de livros tidos como inconvenientes.⁶⁴

É extremamente didático o extrato, reproduzido por Márcia Abreu, do Alvará de 30 de agosto de 1791, no qual as preocupações acima alinhadas são expressas de forma clara por D. Maria I ao autorizar o Inquisidor Geral

proceder contra os que comprarem, venderem, tiverem, lerem, e conservarem os livros ou Escritos perniciosos de quaisquer Hereges, ou Infectos de qualquer Heresia, ou Erro, de Seguidores de qualquer danada Seita, de Dogmatistas, e de Apóstatas da Santa Fé, como também de Autores suspeitos de Heresia, ou de Apóstatas da Santa Fé (...) sendo certo que não há diferença entre a Heresia, ou Erro proferido de viva voz, ou praticado, e a Heresia, ou Erro escrito, ou estampado, senão só a de haver

⁶³"Essay on charity and charity schools". In: The fable of the bees. Oxford: Kaye Ed., 1924. Apud ABREU, Prefácio..., op. cit., p.13.

⁶⁴Ver ABREU, Prefácio..., op. cit., p.13.

neste maior maldade, e maior perigo; e sendo também certo, que os que compram, vendem, lêem, têm, e conservam com dolo os Livros e Escritos sobreditos, são julgados segundo as circunstâncias, suspeitos na Santa Fé.⁶⁵

Sendo a leitura uma fonte de pecado, de erro, de subversão da ordem, não é de se estranhar que ela tenha sido vigiada de perto ao longo dos séculos por aqueles que detinham o poder, fosse ele temporal ou religioso.

Além disso, não se considerava (e, provavelmente, não se considera) a leitura como uma via de mão única. A leitura também poderia "fazer o bem". As duas passagens que reproduziremos abaixo servem para ilustrar esse contraste entre os possíveis efeitos da leitura, variando a opinião em função dos olhos de quem as lê...

Sem dúvida, os efeitos destes livros não se fazem sentir imediatamente, mas, por serem tardios, eles são ainda mais terríveis: é um veneno lento que corre nas veias e rói insensivelmente as entranhas e termina por devorá-las inteiramente; é um fogo que se prepara sob as cinzas e que não tarda a se transformar em um vasto incêndio cujo furor ninguém poderá controlar. [MASSILON. *Discours inédit de Massilon, sur le danger des mauvaises lectures, suivi de plusieurs pièces intéressantes*. Paris: Beaucé, 1817, p.3.]

As pesquisas comprovam que nenhum fato – nem a origem social e econômica, nem a raça, nem as escolas que frequentou – é tão determinante para o sucesso do americano como o hábito de ler.⁶⁶

A leitura serve, portanto, para coisas diametralmente opostas. Mesmo que se argumente que quase dois séculos separam as citações acima, podemos encontrar, com o perdão do exagero, passagens escritas ao mesmo tempo, ou pelo mesmo autor, que reafirmam essa idéia. Colocamos, então, a pergunta: como a leitura pode ser um veneno que corrói lentamente o corpo e a alma e também capaz de eliminar diferenças econômicas e sociais? Essa atividade tem um grande poder sobre os homens. Não resta a menor dúvida quanto a isso. Outras dúvidas, porém, ainda permanecem.

⁶⁵Apud ABREU, Prefácio..., op. cit., p.13.

⁶⁶BELLINGHINI, Ruth Helena. A galáxia de Gutenberg. *O Estado de São Paulo*, 28 de março de 1999, Caderno 2, p.D1. Apud ABREU, Prefácio..., op. cit., p.9.

Tendo essas facetas do problema como um ponto de partida, tentaremos nos aproximar de um aspecto já anunciado aqui. Vamos retomá-lo a partir da epígrafe do capítulo "Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil colonial".

...gostaria de partir de uma proposição que os senhores provavelmente não contestarão: a leitura permanece um mistério. Temos dificuldade em compreendê-la hoje e maior dificuldade ainda em nos acercarmos do que era no passado. Não podemos presumir que ela sempre tenha sido para os outros o que é para nós atualmente, e nada seria mais perigoso que o anacronismo numa história da leitura.⁶⁷

A passagem acima serve para nos acercarmos de cuidados redobrados quando formos tratar das formas de leitura existentes no passado. Estamos tentando nos acercar do problema de forma, chamemos assim, indireta. Utilizando-nos dos recursos correntes nos estudos de história, poderemos deduzir aquilo que provavelmente acontecia em função de leis, normas, regras existentes sobre determinados temas. Esse procedimento foi adotado nos trabalhos em nosso foco atual e trataremos de fazer o mesmo em nosso próprio trabalho.

2.3.1 Fugindo dos Perigos da Leitura: para onde Apontam as Normas?

Uma primeira entrada neste circuito dos bons procedimentos para uma boa leitura nos coloca defronte a uma posição conservadora. Preocupados com os efeitos perversos da leitura os sábios de antigamente formulavam manuais para informar para seus leitores o que se esperava de uma leitura sadia. Havia, portanto, uma expectativa em relação aos efeitos da leitura assim como havia também um suposto efeito. Caso contrário não haveria a necessidade da produção desse tipo de texto orientador.

⁶⁷DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor 'comum' no século XVIII. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. Apud ABREU, Da maneira..., op. cit., p.213.

Não temos como verificar a eficácia dos conselhos ou se eles eram seguidos. O que se sabe é que os manuais eram, para usar um termo destes dias, consumidos com regularidade e frequência elevada.⁶⁸

Retomando, agora, a idéia indicada acima, temos alguns trabalhos que chamaremos aqui genericamente de manuais de leitura, que nos permitem tecer algumas considerações a respeito desse aspecto do tema. O primeiro ponto a ser apresentado é que, para o autor do manual, torna-se necessário identificar qual a utilidade da leitura. Com essa identificação pronta, nossos autores podem, por comparação, exclusão, valorização, apresentar as normas relativas à correta maneira de se ler.

A leitura serve, para esses autores, para produzir determinados efeitos sobre os leitores. Em função do desejo de atingir e absorver esses efeitos os leitores dirigem-se para os textos escritos. Segundo Padre Sacchini, indicado no início do presente item, "há dois motivos que nos levam a ler, um para nos formar um estilo, outro para adquirir conhecimentos: (pois eu não tenho nada a fazer com aqueles que lêem por puro divertimento)".⁶⁹

Chegamos, pois, aos efeitos da leitura sobre o leitor. Em primeiro lugar, a leitura serve para formar o indivíduo, através de um estilo de escrita. Quanto mais elaborado é o estilo mais elaborado deve ser o indivíduo, uma vez que teve que ler muito para ser capaz de produzir um texto com estilo refinado.

O segundo elemento dessa equação é a informação. A leitura pode ser dirigida, voltada, para a informação do leitor. Quanto mais o indivíduo lê mais

⁶⁸Ver os trabalhos de Márcia Abreu que servem de base para esta discussão. Ver também alguns detalhes apontados na nota acima, de número 55.

⁶⁹No original: "*il y a deux motifs qui nous portent à lire, l'un pour nous former un style, l'autre pour acquérir des connaissances: (car ne n'ai rien à faire avec ceux qui ne lisent que pour l'amusement)*". SACCHINI, *Moyens de lire avec fruit*, traduit du latin. La Haye. Paris: chez Guillot, 1786. p.VI. Apud ABREU, *O caminho...*, op. cit., p.204.

informações ele possui. Mais ele se destaca dos outros que não lêem ou o fazem em menor quantidade.

Por fim, temos a deformação do leitor através da leitura sem um propósito elevado. A simples diversão não pode ser considerada como algo nobre pelos preparadores de manuais da boa leitura. Ela pode, inclusive, oferecer riscos ao leitor.⁷⁰

O passo seguinte a ser dado pelos autores que estamos focando é aquele apresentado por Charles Gobinet. Ele apresenta, de forma similar ao Padre Sacchini, os efeitos da leitura. Mas, além disso, nos mostra caminhos para os leitores seguirem. Um deles nos interessa em particular. Vamos a ele...

Enfim, para ler bem os Autores e para tirar proveito dessa leitura, é preciso saber com que finalidade se lê. Essa finalidade consiste em duas coisas: o estilo e a erudição. Lêem-se os autores para aprender a escrever bem ou a falar bem, e para encher o espírito dos belos conhecimentos que neles se encontram. Ora, para atingir esses dois objetivos não é necessária a grande leitura mas a boa leitura. Pois para o estilo, não se pode negar que a variedade de Autores seja prejudicial; e que para se formar um bom estilo, seja em prosa, seja em verso, não seja necessário escolher quem tenha tido melhor sucesso no gênero de escrito que se deseja obter: e para a erudição, ainda que pareça que ela consiste em saber muito das boas coisas, é entretanto verdade que ela é mais sólida e mais útil quando se sabe menos, e quando se possui bem aquilo que se aprendeu.⁷¹

⁷⁰Ver ABREU, **O caminho...**, op. cit., principalmente o capítulo "A leitura das Belas Letras", no qual a autora desenvolve esta discussão com um enfoque distinto do nosso. Cremos, contudo, que as informações, na falta de melhor palavra, ali presentes nos servirão para continuarmos perseguindo nossos objetivos, como desenvolveremos a seguir.

⁷¹No original: "*Enfin pour lire bien les Auteurs & pour tirer du profit de leur lecture, il faut sçavoir la fin pour laquelle on la fait. Cette fin consiste en ces deux choses: le style, & l'érudition. On lit les Auteurs pour apprendre à bien écrire ou à bien parler, & pour se remplir l'esprit des belles connoissances que l'on y trouve. Or pour arriver à l'une & l'autre de ces deux fins, ce n'est point la grande lecture qui est nécessaire, mais la bonne. Car pour le style, on ne peut nier que la variété des Auteurs n'y soit contraire ; & que pour se former un bon style, soit en prose, soit en verse, il ne faille choisir un de ceux qui ont mieux réussi dans le genre d'écrire qu'on veut acquérir: & pour l'érudition, encore qu'il semble qu'elle consiste à sçavoir beaucoup de bonnes choses, il est pourtant vrai qu'elle est plus solide & plus utile quand on sçait moins, & quand on possède bien ce que l'on a appris.*" GOBINET, Charles. *Instruction sur la manière de bien étudier*. Paris: chez Herissant, 1742. p.179. Apud ABREU, **O caminho...**, op. cit., p.204-5.

Além das boas recomendações temos a novidade que nos interessa presente na citação acima e explicitada no trabalho de onde retiramos a passagem. "Charles Gobinet (...) concorda com Sacchini sobre a função da leitura, *acrescentando como corolário um recorte de textos a serem lidos*. Para ele, não é absolutamente necessária 'a grande leitura, mas a boa leitura'.⁷² (grifo nosso).

Vemos surgir, então, um primeiro uso, por assim dizer, das listas de textos a serem lidos. Como conclusão de uma escrita prescritiva, o autor focado conclui o desenvolvimento de seu tema sugerindo, indicando, um conjunto de trabalhos escritos que, fatalmente, levarão o leitor desses trabalhos a atingir os objetivos de perfeição a serem alcançados. Se não conseguir, pelo menos estará mais próximo disso.

Conseguimos, dessa forma, identificar um dos primeiros momentos dessa prática de sugerir "boas leituras". É claro que o que é bom para uns não o é para outros. A lógica do processo, contudo, parece funcionar. Variam os objetivos e variam as listas de textos a serem lidos.

Assim, podemos passar para uma nova pergunta. Supomos que o efeito dessas leituras sobre o leitor seja o esperado por aqueles que elaboram as listas e as propõem. Interrogamos, contudo, essa hipótese: o efeito da leitura sobre o leitor é o esperado?

Vamos tentar resolver esse problema logo mais adiante. Existem, ainda, outras questões que apresentamos aqui. A primeira delas nos diz sobre a anterior: existe a possibilidade de verificação dos efeitos da leitura?

Não paramos por aqui: existe algum "contrato" entre o texto e o leitor que seja identificável? E, por último, pelo menos temporariamente: é possível pensarmos que os livros fazem revoluções?⁷³

⁷²GOBINET, apud ABREU, **O caminho...**, op. cit., p.204.

⁷³Esse conjunto de questões acaba por percorrer todo o nosso trabalho. Esperamos responder àquelas mais importantes, senão no próximo item, pelo menos até o final do nosso texto.

2.3.2 Leitores Técnicos

Pareceu-nos exótico lançar mão de discursos díspares para transitarmos pelas discussões acadêmicas (ou nem tanto) sobre o ato de ler. Não podemos nos esquecer, de qualquer maneira, que nosso foco central passa pela expectativa de leitura e pela leitura crítica de textos que não sabemos e nem nos propusemos a saber se foram lidos e, menos ainda, qual a leitura que foi feita desses textos. Enfim, retomamos uma idéia anunciada logo ali atrás, que estamos tramando a rede para a sustentação das análises que faremos adiante.

Lançaremos mão, a partir daqui, de um trabalho feito pelo lingüista Vincent Jouve. Conforme se lê na primeira orelha (ou deve se dizer orelha esquerda?) de seu livro, o autor "toma a diversidade das estéticas da recepção como ponto de partida para estudar o fenômeno da leitura. Nesse percurso, busca fugir das armadilhas do subjetivismo, do historicismo e do estruturalismo – em suas vertentes formalista e psicanalista".⁷⁴

Esse tipo de abordagem privilegia uma entrada no tema através do estudo do texto pela lingüística. A partir da junção da "'sintaxe' (relação dos signos entre si) e [d]a 'semântica' (relação dos signos com o que eles significam)" com a "'pragmática' (relação dos signos com seus usuários)" pode-se pensar a relação existente entre o texto e o leitor usando-se esse instrumental.⁷⁵

Uma vez articulados esses pressupostos tornou-se possível para os estudiosos do texto relacionarem escritor e leitor. Uma das formas de se pensar esta relação é considerar que toda a fala "sempre se dirige para um destinatário que ela procura influenciar mais ou menos explicitamente".⁷⁶

No interior dessa visão podemos avançar, com certo cuidado, algumas idéias sobre nossos objetivos mais gerais: a leitura como uma forma de transformação do

⁷⁴Ver JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

⁷⁵JOUVE, op. cit., p.12.

⁷⁶JOUVE, op. cit., p.13.

leitor. Esse aspecto nos parece o mais relevante. "Se a linguagem serve menos para informar do que para agir sobre o outro, um enunciado não pode ser entendido somente pela referência a seu emissor. É o binômio formado por aquele que fala (o locutor) e aquele a quem se fala (o alocutário) que convém levar em conta".⁷⁷ Assim como toda a linguagem esta, em particular, também procura informar o leitor (no sentido dado por de Certeau), dizer-lhe qual o caminho a ser seguido. Portanto, "entender uma obra não se limita a destacar a estrutura ou relacioná-la com seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é necessário analisar".⁷⁸

Essa relação, quando foi analisada, não levou em conta um texto real e um leitor real. Vincent Jouve articula seu trabalho tentando realizar esse procedimento. Ele estabelecerá alguns parâmetros com o objetivo de definir como proceder para estudar o texto real e o leitor real, ou melhor, a relação entre eles. Inicia-se o percurso com uma primeira definição da leitura, passando por outras etapas até chegar ao leitor real, ao texto real e aos produtos dessa relação.

Entre o fim e o começo destacamos alguns elementos úteis para nós. É mais preciso dizer, talvez, que selecionamos um aspecto e partes relevantes de sua composição para apresentá-lo aqui. Referimo-nos ao "pacto" entre as partes, para usarmos uma denominação própria. Considerando a existência de aspectos "duplos" no leitor e na recepção que este faz do texto, o autor nos mostrará a existência de um elemento "programador" nessa relação de leitura.

Retomando mais detalhadamente os termos indicados acima, temos, em primeiro lugar, a consideração do leitor como "livre" e "preso" ao mesmo tempo. Ou seja, existe uma autonomia de sentido que é dada pelo leitor simultaneamente a um direcionamento, a uma "prisão" do leitor ao sentido que o escritor pretende dar a todas as leituras possíveis de seu texto. Esse primeiro par – livre e preso, ou se preferirmos, autônomo e dependente – existe, é possível,

⁷⁷JOUVE, op. cit., p.13.

⁷⁸JOUVE, op. cit., p.13.

porque a recepção de um texto se organiza em torno de dois pólos que podemos chamar, com M. Otten (1982), de "espaços de certeza" e "espaços de incerteza". Os "espaços de certeza" são os pontos de ancoragem da leitura, as passagens mais explícitas de um texto, aquelas a partir das quais se entrevê o sentido global. Os "espaços de incerteza" remetem para todas as passagens obscuras ou ambíguas cujo deciframento solicita a participação do leitor.⁷⁹

Em seguida, nos deparamos com aquilo que Vincent Jouve chama de "pacto de leitura" ou "contrato de leitura". A função implícita (ou explícita) desse contrato é promover junto ao leitor uma certa idéia de sentido.

Tanto na literatura quanto nos trabalhos acadêmicos, temos uma direção fornecida pelo autor do texto. No mais das vezes, encontramos nas leituras preliminares as setas que indicam mais ou menos sub-repticiamente os caminhos a serem seguidos como o percurso de um ônibus no interior de uma cidade. Estamos nos referindo às capas, orelhas, apresentações e prefácios dos livros. Às vezes, as resenhas também cumprem esse papel.

De qualquer maneira, Jouve trabalha com a idéia de contrato de leitura à medida que o leitor aceita seguir, não totalmente porque tem autonomia mas parcialmente porque, "num nível muito geral, a obra define seu modo de leitura pela sua inscrição num gênero e seu lugar na instituição literária", o roteiro e a inserção propostos pelo autor do trabalho.⁸⁰

Existe, portanto, uma tentativa desse autor de centrar seu foco na análise do processo de leitura. Essa análise procura ter um sentido duplo, ou seja, do produtor do texto para o leitor e vice-versa. Embora se lamente por estarmos apenas iniciando os trabalhos com esse tipo de enfoque, podemos dizer que os resultados são satisfatórios. Consideramos que a pretensão mais ou menos diluída no discurso

⁷⁹JOUVE, op. cit., p.66. O trabalho referido no corpo da citação é OTTEN, M. La lecture comme reconnaissance. **Français 2000**, n.104, fev. 1982. A seguir a idéia por nós transcrita, Jouve alinhá outro autor para complementar a idéia anterior. Esse autor é HAMON, P. Narrativité et lisibilité. **Poétique**, n.40, nov. 1979.

⁸⁰Ver JOUVE, op. cit., p.67.

científico de apreender o conjunto da realidade encontra limites na própria realidade. Portanto, se diminuirmos a expectativa, com certeza, diminuiremos a frustração.

Mas, afinal, os livros fazem revoluções?

2.3.3 Leitores Caçadores

Depois do que já expusemos até aqui, torna-se necessária uma espécie de pausa para podermos vislumbrar respostas às questões por nós formuladas. Essa pausa passa pelo trabalho de Michel de Certeau.⁸¹

Nesse texto, de Certeau procurou revelar o engodo a que somos expostos cotidianamente. As massas, enredadas pela mídia, não conseguiriam se safar dos grilhões que as prenderiam.⁸² "Às massas só restaria a liberdade de pastar a ração de simulacros que o sistema distribui a cada um/a".⁸³

O trabalho desse autor procura redescobrir um tipo de liberdade do leitor em relação ao texto e as instituições que os sustentam como suposto ladrão invisível dessa liberdade. "Eis precisamente a idéia contra a qual me levanto: não se pode admitir tal representação dos consumidores".⁸⁴

⁸¹Ver CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Ver especialmente o capítulo "Ler: uma operação de caça".

⁸²Alguns dados sobre o consumo das mídias são interessantes. Inicialmente a nota número 42 do capítulo em pauta: "Segundo sondagem de Louis-Harris (setembro-outubro de 1978), o número dos leitores teria aumentado na França em 17% nos últimos vinte anos: a mesma percentagem se acha para os grandes leitores (22%), mas os leitores médios ou fracos aumentaram. Ver Janick Jossin, em *L'Express*, 11 de novembro de 1978" à página 345. Esta nota está complementando outras informações do corpo do texto: "A massa quase não circula pelos jardins da arte. Mas vê-se capturada e reunida nas redes da mídia, da televisão (que atraem 9 franceses em 10), da imprensa (8 franceses em 10), do livro (7 franceses em 10, dos quais 2 lêem razoavelmente e, segundo uma enquête do outono de 1978, 5 lêem muito) (...)".

⁸³CERTEAU, op. cit., p.260.

⁸⁴CERTEAU, op. cit., p.260.

Outro ponto de partida (ou talvez, de chegada) aparece ao final desse capítulo ora analisado. Lá de Certeau ergue a espada da justiça e brada: "mas onde o aparelho científico (o nosso) é levado a partilhar a ilusão dos poderes de que é necessariamente solidário, isto é, a supor as multidões transformadas pelas conquistas e as vitórias de uma produção expansionista, é sempre bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas".⁸⁵

Compondo seu texto com belas imagens de Certeau vai destacar dois aspectos fundamentais para pensarmos uma interpretação da leitura. O primeiro deles diz respeito ao suposto controle dos produtores sobre a massa. O segundo fala aos diferentes caminhos seguidos pelo leitor e as apropriações que este faz do ato de ler.

O primeiro elemento que compõe o controle suposto sobre o leitor é aquele relativo à ideologia da informação. Mais precisamente, o livro leva até o leitor uma informação a ser assimilada. Os produtores do livro, portanto, pretendem ou esperam que a informação dê forma às práticas sociais e, mais que isso, não uma forma qualquer, mas a forma assimilada ou semelhante. A informação pretende dar uma forma semelhante a todos os que a recebam.⁸⁶

No princípio era o verbo e agora são as letras e imagens. Mas não é só.

No século XVIII, a ideologia das Luzes queria que o livro fosse capaz de reformar a sociedade, que a vulgarização escolar transformasse os hábitos e costumes, que uma elite tivesse com seus produtos, se a sua difusão cobrisse todo o território, o poder de remodelar toda a nação. Este mito da Educação inscreveu uma teoria do consumo nas estruturas da política cultural. (...) Os meios de difusão agora ganham a primazia sobre as idéias veiculadas. O meio toma o lugar da mensagem. Os procedimentos "pedagógicos", com base na rede escolar, se desenvolveram a tal ponto de abandonar como inútil ou quebrar o "corpo" professoral que os aperfeiçoou durante dois séculos: hoje compõe que, cumprindo o sonho antigo de enquadrar todos os cidadãos e cada um em particular, destrói aos poucos a finalidade, as convicções e as instituições escolares das Luzes. (...) Mas no decorrer de toda essa evolução, a idéia de uma produção da sociedade por um sistema "escriturístico" não cessou de ter como corolário a convicção de que, com mais ou menos resistência, o

⁸⁵CERTEAU, op. cit., p.273.

⁸⁶CERTEAU, op. cit., p.260 e segs.

público é moldado pelo escrito (verbal ou icônico), torna-se semelhante ao que recebe, enfim, deixa-se *imprimir* pelo texto e como o texto que lhe é imposto. Ontem, esse texto era escolar. Hoje, o texto é a própria sociedade. Tem forma urbanística, industrial, comercial ou televisiva.⁸⁷ (grifos no original)

Voltando apenas de passagem para nosso tema podemos afirmar que o anarquismo é "iluminista" à medida que busca a mesma coisa que os ideais das Luzes e quase pelo mesmo caminho, ou seja, através da educação escolar ou autodidata.

A leitura é distinta da decifração das letras e, também nos dias de hoje, o ato de ler está, na maioria dos casos dissociado do ato de escrever. Já tivemos a oportunidade de mencionar, neste trabalho, a atividade dos anarquistas que analfabetos até a idade adulta acabaram por se alfabetizar e, a partir daí, tornaram-se produtores de textos, escritores. Em nossos dias esse tipo de atividade está cada vez mais raro e concentrado nas mãos dos produtores de informações.

Dentre muitas coisas, essa constatação pode nos revelar que a passividade e incapacidade para o movimento estão se tornando regra. E, mais uma vez, identificamos a entrada em cena das instituições religiosas que regulam, controlam, produzem e, principalmente, dão o sentido para o texto a ser lido.

Sob este aspecto, a leitura do Catecismo ou da Sagrada Escritura que o clero recomendava antigamente às jovens e às mães, proibindo a escrita a essas Vestais de um texto sagrado intocável, se prolonga hoje com a "leitura" da televisão proposta a "consumidores" colocados na impossibilidade de traçar a sua própria escrita na telinha onde aparece a produção do Outro – da "cultura". "O nexó que existe entre a leitura e a Igreja" se reproduz na relação que existe entre a leitura e a Igreja da mídia. Sob esse modo, à construção do texto social por funcionários parece corresponder ainda a sua "recepção" por fiéis que deveriam contentar-se em reproduzir os modelos elaborados pelos manipuladores da linguagem.⁸⁸

Ainda sobre o terreno do controle do leitor pelos funcionários da produção do texto, temos a tomada do sentido literal como uma espécie de segredo

⁸⁷CERTEAU, op. cit., p.261.

⁸⁸CERTEAU, op. cit., p.264.

burocrático, só para não nos esquecermos de Max Weber. Algumas questões saltam aos olhos (ou sobre os olhos): quem produz o texto?; de onde emana a autoridade do definidor do sentido literal? Mais um esforço do "sistema" para manter acorrentados os consumidores ignorantes e imóveis, física e mentalmente.

Mas, sempre nos resta uma esperança, pelo menos uma esperança de cada vez. E, a partir desse momento, passamos para o segundo tempo, para o segundo caminho, para o lugar onde estão os escritos e os leitores. Onde novas apropriações, na maioria das vezes insondáveis em toda sua profundidade e largura, mas perfeitamente sensíveis. Não sabemos o que é, mas sabemos que está ali, ou como diriam os espanhóis: *no creo en brujas, pero que las hay, las hay*. "O leitor é o produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo".⁸⁹ Os bonsais também são árvores. O mundo é relativo, depende do ponto de vista. Nessas frestas das tentativas de controle se esgueira o leitor em busca da liberdade.

Ele se desterritorializa oscilando em um não-lugar entre o que inventa e o que modifica. Ora efetivamente, como o caçador na floresta, ele tem o escrito à vista, descobre uma pista, ri, faz "golpes", ou então, como jogador, deixa-se prender aí. Ora perde aí as seguranças fictícias da realidade: suas fugas o exilam das certezas que colocam o eu no tabuleiro social. (...)

Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente mas agora trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando aos bens do Egito para usufruí-los.⁹⁰

Juntando as pontas das linhas, chegamos a uma estrutura de análise que procura tocar aquilo que não é tocado por outras abordagens. Ao mesmo tempo, como esperança contra a danação eterna, o caçador consegue se esgueirar e safar-se das ameaças da paralisia total.

⁸⁹CERTEAU, op. cit., p.269.

⁹⁰CERTEAU, op. cit., p.269-270.

A própria escritura desse autor pode ser objeto/alvo da caça de outros, mesmo que funcionários da escrituração dos "textos sagrados". Enfim, sempre é possível conseguirmos apontar nossas armas e acertar o alvo. Roger Chartier tem no seu trabalho *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, uma menção às idéias de Michel de Certeau. Podemos retomar nosso rumo a partir dessa síntese e seguirmos em busca de um norte.

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.⁹¹

Buscando ainda um pouco mais essa compreensão dos significados da escrita, de seus usos, das diferentes maneiras de lidar com ela e, por fim mas não menos importante, as expectativas depositadas sobre seus efeitos educativos, informadores, vamos emparelhar a esta visão uma outra, técnica, da lingüística. Do contraste, ou da semelhança, chegaremos às nossas conclusões.

2.3.4 Leitores Revolucionários

Trataremos dessa última questão no item corrente. Para realizarmos esse trabalho, o livro de Robert Darnton, *Os best-sellers proibidos da França pré-*

⁹¹CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999. p.77.

revolucionária, será nosso principal suporte. Conforme mencionamos no início do presente texto, vários historiadores trataram e tratam do tema da leitura, ou melhor, da história da leitura. Além dos elementos culturais, atualmente estão presentes os componentes sociais às análises sobre esse tema.

Repetindo a pergunta colocada acima "os livros provocam revoluções?", vamos dar início à explicitação daquilo que chamaremos de uma primeira resposta.⁹² Para nós, trata-se de pensar a questão do ponto de vista da valoração feita sobre o texto escrito, mais especificamente um tipo de texto escrito, que poderia ser encenado, dramatizado, lido em voz alta ou em silêncio, enfim, estamos tratando de outro problema que não aquele tratado por Robert Darnton. Contudo, a forma como ele aborda o seu tema e a sua problemática nos ajuda a avançar.

Um primeiro aspecto da discussão levantada em seu texto nos leva a retomar o trabalho de Roger Chartier, da ótica de Darnton, para reafirmar a necessidade encontrada por aquele autor de agregar aos seus pressupostos aspectos culturais e, finalmente, sociais, para compor um quadro mais completo da história da difusão e da recepção dos textos. Trataremos de seguir o mesmo caminho de Chartier, no sentido de lidarmos com o social e o cultural em nosso trabalho.

Esse alinhamento da cultura e do social passa, em nosso caso, pela identificação, logo de saída desses elementos acima mencionados. Consideramos que existem alguns textos impressos que são mais lidos do que outros, mesmo tendo uma estrutura, do ponto de vista da teoria literária ou da lingüística,

⁹²Essa questão aparece como título da parte III desse livro de Robert Darnton. Além disso, abre o item 7 da referida parte III. Lá está presente a nota de rodapé que transcrevo a seguir: "A pergunta é formulada por Roger Chartier em *Les origines culturelles de la Révolution française*, p. 86. Ao citá-la, não quero dizer que ele demonstra uma visão simplista de ideologia e revolução. Ao contrário, sigo seu exemplo, usando a pergunta para questionar uma visão simples da causalidade ideológica." Em nosso caso, fazemos quase o mesmo uso. Usamos a pergunta como uma chave para abrimos a porta de nossa grande questão, que podemos formular assim: "Por que tanta expectativa entre os anarquistas sobre o poder dos livros fazerem militantes e revoluções?" Tomamos essa passagem de Darnton da página 197 e a nota de rodapé encontra-se à página 424. Ver DARNTON, *Os best-sellers...*, op. cit.

absolutamente idêntica. Sabemos, desde o senso comum, que algumas histórias são mais lidas do que outras. Esse é um primeiro ponto, a saber, o mapeamento das "histórias" preferidas. Mas isso não é suficiente. Robert Darnton assinala uma primeira pista:

Bons mots [espécie de sátira feita através de pichações, canções, petições etc.] e baladas tendiam a desaparecer e cair no esquecimento. Os livros, porém, fixavam os temas na *palavra impressa*, preservando-os, difundindo-os e multiplicando seu efeito – e, o que é ainda mais importante, incorporavam-nos em histórias altamente persuasivas. Uma anedota ou um aparte irreverente era uma coisa num café e outra num livro impresso. Seu significado se alterava, porque os livros reuniam elementos aparentemente triviais para compor grandes narrativas, que muitas vezes levavam à filosofia e à história. Naturalmente algumas narrativas eram mais eficazes do que outras.⁹³

Queremos destacar nessa passagem o maior poder de convencimento da palavra impressa sobre as demais. O livro dá um sentido de verdade para as coisas ali impressas. Seja no libelo político, que Darnton trata a seguir em seu texto, seja na enciclopédia ou no tratado de filosofia, a força do texto impresso é maior.⁹⁴ Guardadas as devidas proporções, o texto impresso dos séculos XVIII e XIX ocupava o lugar das *mídias* modernas, o rádio, o cinema, a televisão e, por enquanto em escala mais reduzida, a internet.

No sentido que estamos procurando dar a esta discussão, devemos tomar um cuidado especial para não fecharmos as portas e deixarmos abertas as janelas. Queremos dizer que não pretendemos estudar qual era a leitura feita pelos militantes, qual era a apreensão feita por aqueles militantes dos textos lidos, se é que eram lidos. Voltamos a Darnton para fecharmos, temporariamente, este ponto da discussão.

⁹³DARNTON, *Os best-sellers...*, op. cit., p.206-7.

⁹⁴"Em fins da Idade Média, *libelle* (do latim *libellus*, diminutivo de *liber*, 'livro') significava 'livrinho'. Embora continuasse se aplicando a todo tipo de panfleto, o termo associava-se basicamente a ataques curtos e difamantes contra indivíduos de destaque. Em 1762, o dicionário publicado pela Academie Française definiu *libelle* simplesmente como *écrit injurieux*, ou 'obra ofensiva'". DARNTON, *Os best-sellers...*, op. cit., p.215.

Aqui entramos declaradamente no terreno da especulação, pois não dispomos de informações precisas sobre a maneira como as pessoas selecionavam mensagens dos livros e como os livros incorporavam material de outras fontes. No entanto, parece válido supor que o processo ocorria nos dois sentidos e que o veículo impresso desempenhava um papel-chave, preservando e multiplicando o discurso das ruas. Na verdade, fazia muito mais do que isso. Ao fixar os temas por meio da palavra impressa, os livros os inseriam em narrativas e lhes conferiam ampla significância. A versão impressa das coisas organizava a informação – anedotas, "ruidos públicos", "notícias" (*nouvelles*) – em quadros convincentes e os distribuía pelos enredos, direcionando-os e definindo situações. A seu modo, como um tipo específico de literatura, os best-sellers clandestinos reforçavam a maneira geral de moldar significados: *forneciam estruturas para organizar a realidade*.⁹⁵ (grifo nosso)

Mais uma vez, para podermos continuar nosso caminho e abriremos outras portas, torna-se necessário fechar esta. E, para fecharmos esta, uma última idéia significativa. Começando com *Os best-sellers proibidos*, podemos dizer que "a vantagem da história do livro como um tipo de estudo de difusão consiste no fato de que sabemos precisamente o que está sendo difundido: não o discurso, não a opinião pública, e sim os livros".⁹⁶

Não importa, para nós, se os anarquistas liam os textos propostos. Também não nos importa qual era o entendimento, caso os anarquistas lessem os referidos texto, que eles poderiam ter do material lido. O que para nós é fundamental é que as listas de leituras eram uma constante e que os títulos se repetiam ao longo das décadas, na quase totalidade. Pensarmos a questão dessa forma nos permite estudar, analisar o militante, sua formação, através da leitura que os dirigentes (se é que podemos usar esse termo no caso do anarquismo...) esperavam que eles lessem.

⁹⁵DARNTON, *Os best-sellers...*, op. cit., p.207.

⁹⁶DARNTON, *Os best-sellers...*, op. cit., p.197.

CAPÍTULO 3

O SER MILITANTE

É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano) se dava a ler livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitos trechos de terra de sementeira para comprar livros de cavalarias que ler, com o que juntou em casa quantos pode apanhar daquele gênero. Dentre todos eles, nenhuns lhe pareciam tão bem como os compostos pelo famoso Feliciano da Silva, porque a clareza da sua prosa e aquelas intrincadas razões suas lhe pareciam de pérolas, e mais, quando chegava a ler aqueles requebros e cartas de desafio, onde em muitas partes achava escrito: *a razão da sem-razão que à minha razão se faz, de tal maneira a minha razão enfraquece, que com razão me queixo da vossa formosura. E também quando lia: os altos céus que de vossa divindade divinamente com as estrelas vos fortificam, e vos fazem merecedora do merecimento que merece a vossa grandeza.*

Com estas razões perdia o pobre cavaleiro o juízo, e desvelava-se por entendê-las, e desentranhar-lhes o sentido, que nem o próprio Aristóteles o lograria, ainda que só para isso ressuscitara.

Miguel de Cervantes Saavedra. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha.*

Tentamos durante vários dias nos esquivar desta apresentação. Por que tentamos evitá-la? Porque nos parecia impróprio o uso de tom pessoal para o trabalho acadêmico. Estaríamos fugindo ao rigor científico. Por que então, não conseguimos atingir esse objetivo? Talvez porque os trabalhos acadêmicos que utilizamos para nos auxiliar a pensar o militante, em sua maioria, carregam um rancor indisfarçável contra os militantes em geral, e em particular. Não importa se tratam dos militantes comunistas, anarquistas, de direita ou de esquerda. Um arsenal de ironias, críticas ácidas, autópsia em vida, está presente nesses trabalhos.

Já fomos militantes durante vários anos. Trabalhar esse tema com esse tipo de bibliografia não se mostrou tarefa fácil. Não chegamos ainda aos rigores do pensamento lógico e das normas em vigência para a redação de um trabalho acadêmico. Estamos nos referindo ao processo intelectual que se desenvolve,

chamemos assim, *internamente*. Mas, a luta continua, companheiros. Estamos nos dando este tipo de licença para que o diálogo entre o instinto e a razão se torne possível. Para uma maior clareza, temos a acrescentar que não consideramos a necessidade de expor as dificuldades da vida militante por meio de ironias, por exemplo. Além disso, por estarmos colocados diante de um trabalho acadêmico nos parece fundamental que dialoguemos, com todos os interessados. Pelo menos, é este o nosso desejo.

Para mantermos a coerência com as idéias acima procuramos seguir um caminho, neste capítulo, que não aparenta ser o mais tradicional. Decorre daí o fato de estarmos entregando ao leitor uma espécie de mapa. Tratamos, inicialmente, do militante a partir de uma visão mais geral, genérica, essencial, filosófica, para, em seguida, lidarmos com o militante comunista, que tanto ódio e rancor tem despertado.⁹⁷ É bom explicitarmos de saída que dedicamos um espaço muito maior para compormos um painel do militante comunista do aquele reservado para o anarquista. Não manifestamos com isso nenhum tipo de preferência. Apenas mantivemos a diferença existente na bibliografia, ou seja, existem muito mais trabalhos sobre os partidos comunistas e seus militantes do que sobre temas do anarquismo. E, ainda, porque consideramos que o perfil do militante comunista é uma referência analítica, compondo uma espécie de molde ou padrão. Ao traçarmos esse perfil, esperamos ter a oportunidade de apresentar a essência do militante político de esquerda. Não nos esqueçamos que o foco deste trabalho aponta para o militante anarquista. Contudo, parece-nos que os comunistas lograram concentrar todas as marcas características do militante, o que nos levou a estendermos nosso texto sobre esse perfil. Quando concluímos esta parte, passamos a tratar, daí sim, dos anarquistas, apoiados no molde do militante comunista. Esperamos que todas

⁹⁷Alertamos que essa frase não foi uma ironia. Para não irmos muito longe, sugerimos a leitura, não necessariamente o estudo, dos trabalhos que utilizamos nesta tese, mais precisamente, o Gérard Vincent e o de Monclar Valverde.

as ressalvas e esclarecimentos sobre as diferenças e semelhanças entre eles apareçam claramente.

3.1 O MILITANTE

A militância política tem uma história muito antiga. Nos padrões que a conhecemos na atualidade, remonta ao século XIX. Esse modelo, contudo, não se mostrou regular em todos os seus aspectos. Ao longo das décadas, a matriz inicial sofreu transformações importantes. Iniciando essa discussão pela gênese do termo, nos encontramos diante de uma origem mais remota que o século XIX. Partindo da etimologia da palavra, temos o seguinte:

milite. [Do lat. *milite.*] **S. m.** *Poét.* Soldado(3)...

militante. [Do lat. *militante.*] *Adj.* 2 g. **1.** Que milita; combatente. **2.** Que atua; participante. **3.** Que funciona ou está em exercício. ■ **S. 2 g.** **4.** Aquele que está engajado na luta por uma causa, uma idéia, um partido, etc. **5.** Aquele que adere sem restrições a uma organização política, sindical, etc., e que participa intensamente da vida dessa organização. **6.** Aquele que pertence a alguma das organizações apostólicas da Igreja. ■ **S. m.** **7. Ant.** Soldado, guerreiro.⁹⁸

O termo militante nos conduz para vários significados, desde aqueles produzidos pela homofonia, como, por exemplo, militar, a ação e a profissão, chamemos assim, até as ligações com a religião e a Igreja Católica em particular. Trataremos de articular os vários significados com uma idéia básica da militância, ou melhor, de um dos sentidos do termo militante, que é o difusor de uma verdade redentora.

Antes disso, contudo, vamos retomar o tom dos dicionários, começando com o termo militante: este tem origem latina e vem do verbo *militare*, sendo de uso corrente na Idade Média e designando o soldado da milícia ou o soldado

⁹⁸Ver FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.1337.

profissional. Conforme já mencionamos neste trabalho, na ordem dos Cavaleiros Templários houve uma soma de tarefas. O militante, soldado da milícia, agora também era um divulgador da fé. Nesse momento temos o surgimento do protótipo do militante contemporâneo, aquele que luta em defesa de uma causa e propaga as idéias relativas a ela.

Somente no século XIX, setecentos anos após a fundação da Ordem dos Templários, é que o termo militante passa a fazer parte do jargão da política ou, talvez melhor, do jargão dos políticos. Entra em cena nesse momento o *militante político*. Etimologicamente resultado da fusão dos sentidos militar, religioso e político, o "nosso" militante carrega consigo um pouco de cada um desses significados.⁹⁹

O militante tem como elementos constitutivos da sua identidade, e "sua", no nosso caso, significa a identidade do indivíduo, esses elementos religiosos, políticos e militares – não necessariamente nessa ordem – como articuladores da vida. O fato de ser militante confere ao indivíduo um lugar no mundo e, além disso, torna o mundo legível para esse indivíduo, possibilitando que ele decifre os códigos e estabeleça um contato, uma relação com os demais membros da espécie.

A leitura, tanto a mencionada acima como aquela que dá sentido a caracteres, símbolos ou outro instrumento qualquer, funciona como uma espécie de organizadora do mundo, da maneira de se ver o mundo, de se relacionar com as pessoas do próprio grupo e de fora dele. A militância política, *mutati mutandi*, estrutura a vida dos militantes e transforma-se numa espécie de substituto simbólico e efetivo da religião. A título de exemplo, os judeus eram chamados pelos muçulmanos de o *povo do livro*.

Para não sermos excessivamente ligeiros, contudo, destacaremos alguns elementos apontados acima com o objetivo de adensar certas características do

⁹⁹Ver SOUZA, op. cit. Em parte dessa discussão foi utilizado o trabalho acima.

nosso militante. Iniciando pela forma militar, parece-nos útil lembrarmos o mesmo tipo de aproximação feita por Monclar Valverde.¹⁰⁰ Esse autor afirma o seguinte:

Militar é a organização do movimento segundo uma lógica de guerra: a posição de espaço e tempo numa relação operacional; a definição do lugar e do momento de uma determinada ação – bélica. Militar, portanto, é ainda a própria ação que se desenrola segundo a topologia e cronometria dos campos de batalha.

A militância política duplica aquela relação e aquela definição, desdobrando o tempo cronológico em história e o espaço físico em "corpo político" de uma sociedade; fazendo do movimento uma *prática* – a ação política organizada.¹⁰¹ (grifo no original)

O jogo de palavras é quase irresistível... Está presente em outros autores, por ser a idéia mais ou menos recorrente, mas vamos tratar desse tema sem muito nos alongarmos. Todo o linguajar da política moderna passa por uma utilização constante de termos militares, como tática e estratégia, vitórias e derrotas, disciplina, guerra de posição e guerra de trincheiras (para lembrarmos de Gramsci) etc.

¹⁰⁰Ver VALVERDE, Monclar Eduardo Góes. **Militância e poder**. Campinas, 1986. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp.

Consideramos necessário tecer alguns comentários a respeito do uso que fizemos do presente trabalho. Nessa dissertação o autor procurou tecer uma rede de conceitos para sustentar suas análises sobre a militância a partir idéias presentes em textos de F. Nietzsche, G. Deleuze, M. Foucault, e outros. Esse recorte mantém-se relativamente original, ou ainda, pouco utilizado no meio acadêmico (ou em qualquer outro meio, como o político, por exemplo). Contudo, esse trabalho constitui-se em uma importante contribuição para a crítica historiográfica, para um contato mais próximo com aqueles autores. Isto, para não falarmos no foco central do trabalho, o militante político. Mesmo a esse respeito estaremos utilizando em nossa tese uma pequena parte das idéias alinhadas por Monclar. Parece-nos, à primeira vista, de difícil articulação os trabalhos de Foucault e Althusser, por exemplo. Esclarecemos ao leitor que tentamos trabalhar com obras tão díspares apenas para termos em mãos algo mais abrangente. Além disso, não deixamos de ser um pouco antropofágicos, no sentido de Oswald de Andrade, tudo devorando para regurgitarmos uma herança comum. Consideramos, por fim, que para os interessados no tema da historiografia e proximidades, valha a pena arriscar uma boa leitura. Lembramos o que já mencionamos no corpo do texto, que ele carrega um rancor muito forte e legível. Não é o único a tratar da militância que apresenta um sabor amargo. Esta dissertação, porém, supera os demais por nós estudados. Esperamos que o nosso texto não tenha se contaminado com esse tipo de veneno.

¹⁰¹VALVERDE, op. cit., p.60.

Essa superfície revela um pouco daquilo que a sustenta. Afinal, "assim como a definição das ações de guerra passa pelos movimentos da própria guerra e por um confronto entre formas de ação bélica, a configuração da 'ação política organizada' passa pelo movimento efetivo desta prática e implica a economia pela qual a militância constitui a ação e estabelece o registro do que seria propriamente 'político'".¹⁰² O fazer dos militantes, portanto, define o que é ação política, eliminando outras opções; define também o que é consciência política e/ou de classe. Enfim, é o próprio agente que traça os contornos da sua definição como agente.

A força dessa definição e dessa ação políticas é tamanha que convence a todos de sua verdade. O trabalho de desvelamento dessa prática, geralmente, é obscurecido por aquela mencionada força, levando o pesquisador a trabalhar como se navegasse pela superfície das coisas, como é próprio de outras profissões, e não consegue descobrir o que se esconde nas profundezas, vendo apenas a ponta do *iceberg*.

Ao destacarmos o lado militar da militância que toma para si a definição do próprio fazer, não conseguimos de maneira suficiente esclarecer a densidade dessa cobertura de si mesma. Então, é necessário trabalharmos um outro aspecto da militância que é recorrente nos autores estudados. Estamos nos referindo àquilo que liga a atividade religiosa à militante, em outras palavras, podemos chamar de herança mítica e religiosa da atividade militante.¹⁰³

¹⁰²VALVERDE, op. cit., p.60.

¹⁰³Assim como em outros aspectos dessa discussão sobre as características da militância, existe uma espécie de repetição das abordagens. Cada autor dá um enfoque mais ou menos acentuado para determinados detalhes do tema. Consideramos que o trabalho de esclarecimento para o leitor de todos os meandros da construção do texto levaria nosso trabalho à bancarrota. Tentaremos lidar com essas abordagens semelhantes de forma tal que não deixaremos de precisar aquilo que é nosso daquilo, o que é dos outros e, ainda, nossa contribuição ao debate. Além disto, como nós pretendemos fazer, os autores por nós trabalhados também se apoiaram em outros, como sói acontecer, dando a eles o seu arranjo. Por exemplo, quando citarmos Valverde não diremos que ele está se apoiando em Foucault ou outro autor. Diremos apenas Valverde.

Conforme mencionamos no início do presente trabalho, os cavaleiros medievais traziam consigo a tarefa de propagar, divulgar a fé católica. Aqueles indivíduos tinham como elemento propulsor de suas atividades, sabidamente arriscadas, perigosas, uma crença acentuada em alguns elementos identificadores, ou seja, criadores de identidade; criam, também, na necessidade de uma vida regrada e dedicada à causa religiosa. Aquela dedicação era estruturada pelas regras, normas de conduta, disciplina e hierarquia. Esse conjunto de procedimentos, aplicados da forma prevista e na intensidade esperada, provocava, necessariamente, a abertura das portas do céu e a amplificação da presença de Deus na Terra e dentro dos Homens.

A expectativa de uma salvação futura tem exercido um papel importante como combustível da ação dos indivíduos ao longo dos séculos. Funciona, ainda hoje, como instrumento de mobilização sem par. Basta lembrarmos das "guerras santas" e das "demonizações" do inimigo acontecendo dia sim dia não. O militante atua como um robô sem controle, com muita energia, sem levar em conta sentimentos e ponderações, guiado apenas pela verdade por ele perseguida. Contudo, alcançar essa verdade não é suficiente para ele. É necessário que ela, a verdade, seja levada até os outros, eliminando as todas as diferenças. Gérard Vincent, tratando do militante comunista apresenta uma afirmação nesse mesmo sentido.¹⁰⁴ Esse autor reafirma, por um lado, a hipótese da herança judaico-cristã na base da atividade militante e, por outro, reforça a idéia do "tudo pela causa".

Temos, assim, uma primeira grande aproximação com o combustível da militância política tal como a conhecemos desde os meados do século XIX, pelo menos. Cabe notar que não tocamos apenas no ponto relativo ao "combustível" do militante. Estamos nos aproximando, também, de outros aspectos dessa ação.

¹⁰⁴Ver VINCENT, Gérard. Ser comunista? Uma maneira de ser. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Orgs.). **História da vida privada**: 5: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.427-57.

No que tange à ação política do militante, deixando um pouco para o passado mais distante o cavaleiro medieval, o *milite*, podemos afirmar que o militante político de esquerda, pelo menos, acredita que o conhecimento dos mecanismos reguladores da realidade (se preferirmos, o caminho de desenvolvimento do processo histórico) produz uma consciência política capaz de transformar o mundo. A assim chamada "ação consciente", presente apenas no interior dos partidos e das organizações que acreditam dominar o conhecimento do processo histórico e que tendem para o monismo citado acima, será a substituta da fé, cimentando a unidade de todos os indivíduos em uma única direção, como um batalhão de soldados ou um rebanho de crentes, não importa em qual religião.¹⁰⁵

Com esse processo de substituição da fé na salvação futura pela fé na salvação presente e terrena, o militante traz do futuro para o presente o tempo de sua ação. Ao promover este deslocamento, desloca também a religião colocando em seu lugar a razão (ou ciência, se preferirmos). A iminência da revolução é a força motriz resultante deste deslocamento apontado acima que produz alguns resultados. Um deles é a transformação da política numa atitude moral, em um valor supremo a ser perseguido. Além disso, "voltado constantemente para o futuro e se ocupando cada vez mais apenas dos temas da 'grande política', o militante torna-se incapaz de viver a política".¹⁰⁶ (grifo no original)

Impedido de viver a sua ação consciente pela forma como transformou sua ação em algo previamente arranjado, moldado, consciente, o militante corre atrás da sua própria sombra. Ele deixa de viver porque não consegue superar a lentidão do cotidiano. O futuro já foi arrancado do seu lugar e colocado no presente. Mas, a pergunta que não quer calar persegue a todos os militantes: por que a revolução não

¹⁰⁵Começamos, a partir deste momento do texto, a trabalhar mais de perto com a abordagem de Valverde. Parte dessas idéias estão alinhadas no que ele chamou de "Prolegômenos".

¹⁰⁶VALVERDE, op. cit., p.18.

acontece? Enquanto marcha apressado atrás do futuro, atropela todos os brotos daquele futuro que já se encontram à sua volta.

Outro motivo importante descola o militante da sua possibilidade de viver a política. Referimo-nos ao aspecto religioso dado à política pelo próprio militante. Este a pratica como "religião adventícia, messianicamente voltada para o milênio socialista".¹⁰⁷ Não consegue, portanto, vivê-la no seu cotidiano porque este é muito lento e a realização do seu projeto não acontece nunca. Um dos resultados mais importantes dessas construções, pelo menos aquele que achamos por bem destacar aqui, é a desumanização do indivíduo.

Impedido de viver a política é, então, obrigado a vegetar através dela. Come "política", sonha "política", ama a "política", mas tem que pagar, com o mais profundo esquecimento de si, pela transparência que atribui ao mundo da história. Condena-se à opacidade e à infelicidade eternas enquanto indivíduo, para poder viver a experiência mística do *destino*, sob o disfarce convincente da missão histórica. Impossibilitado de viver o presente, posto que faz do futuro sua ideologia, o militante precisa descobrir no real a justificação e a materialização de suas intenções. Impedido por seu próprio fanatismo ascético, de admitir a legitimidade dos seus desejos, na medida em que interdita a si próprio as veleidades da pessoa, acaba por sucumbir ao singular desejo de poder, substituto eficaz da fé.¹⁰⁸ (grifo no original)

Aquela desumanização vaticinada acima produz um tipo de indivíduo que concentra em si, em sua visão de mundo (ou forma de ver o mundo), uma maneira muito peculiar de ser. Constitui uma espécie de fusão do religioso com o militar, atuando na política como um ser superior porque conhecedor da verdade (da luz) e munido do instrumental técnico (militar e racional, a tática e a estratégia) exclusivo de sua propriedade (porque está impregnado no seu ser) para atingir seus objetivo. "O 'militante' experimenta, assim, continuamente, um estado de beatitude

¹⁰⁷VALVERDE, op. cit., p.18.

¹⁰⁸VALVERDE, op. cit., p.18.

revolucionária".¹⁰⁹ É um preço muito caro a se pagar, mas aqueles que foram militantes mesmo por apenas alguns dias sabem exatamente daquilo que está sendo por nós tratado aqui. Por oposição, aqueles que nunca militaram poderão traçar apenas uma aproximação daquilo que experimenta um militante.

As conseqüências para o indivíduo já nos parecem estar suficientemente delineadas. Mas, elas não param no indivíduo, tendo desdobramentos sobre o próprio movimento da história e das formas de ação política. Isto porque, mesmo com a ausência de resultados objetivos e que apontem na direção da "vitória", o resultado adverso, enfim, da ação militante "...será incapaz de tirá-lo do delírio permanente em que se encontra, pois a Teoria, alguma teoria, devidamente fetichizada, se encarregará de assegurar-lhe a justeza de seus movimentos. E se porventura os fatos insistirem em não coincidir com a 'teoria', bem, como já se disse, neste caso,... pior para os fatos".¹¹⁰

Quando os fatos entram em cena, como fizeram agora, é o caso, para nós, de mencionarmos a substituição, promovida pelo tipo de ação militante, da política pela ação do próprio militante. Enredado nas suas atividades o militante também se enreda na dificuldade de identificar com um mínimo de clareza o que constitui sua própria atividade e o que constitui a política. Assim, ele acaba por substituir uma coisa pela outra, o que tem como conseqüência imediata a volta para o lugar de origem da própria militância, a saber, a religião. "Concebida como exercício dogmático de algum ritual pagão, a prática 'revolucionária' introduz a religião do fazer. Nela, o processo pelo qual a sociedade se constitui e se transforma é esquecido em função da adoração dos seus resultados; o passado apenas anuncia o presente que, por sua vez, porta a semente do futuro. Perde-se a dimensão da luta atual e, com ela, a dimensão atual da luta. Apaga-se a tensão 'constitutiva' da história".¹¹¹

¹⁰⁹VALVERDE, op. cit., p.18.

¹¹⁰VALVERDE, op. cit., p.19.

¹¹¹VALVERDE, op. cit., p.20-21.

Ao entrarmos nesse movimento circular criado pela forma de construção da política militante que sai da religião para ela retornar no momento seguinte, em função da necessidade de substituição de um deus pelo outro, começamos a esbarrar naquelas imagens construídas por estudiosos e militantes de um tipo particular, o militante comunista. Trataremos de caminhar agora no sentido do esmiuçamento desse tipo de militância. À medida que formos descrevendo esses padrões do militante comunista (quase que construindo um "tipo ideal" weberiano do militante), procuraremos também articular certos elementos apenas esboçados até agora sobre o militante "em geral". Esperamos, assim, que os comunistas nos auxiliem nesse processo de autópsia do corpo militante.

3.2 O MILITANTE COMUNISTA

A discussão que ora realizamos procura tecer um perfil do militante de esquerda, formado no século XIX e que permanece até nossos dias. O militante comunista encarna os principais componentes desse perfil. Para trabalharmos a gênese desse tipo, vamos buscar em Isaiah Berlin o referencial para atingirmos esse intento.¹¹² Quando trata do populismo russo esse autor nos oferece todas as indicações para seguirmos em busca dessa referida gênese, ou seja, o momento em que as principais características do militante de esquerda contemporâneo surgiram.

O populismo russo é o nome não de um partido político, nem de um conjunto coerente de doutrinas, mas de um amplo movimento radical, que se deu na Rússia em meados do século XIX. Nasceu durante a grande efervescência social e intelectual que se seguiu à morte do czar Nicolau I e à derrota e humilhação da Guerra da Criméia, alcançou fama e influência durante as décadas de 1860 e 1870, e atingiu o auge com o assassinato do czar Alexandre II, então declinando rapidamente. Seus líderes eram homens de origens, posturas e capacidades muito diversas; em todos os seus estágios, o populismo russo não passou de um frouxo aglomerado de pequenos grupos independentes de conspiradores ou simpatizantes, que às vezes se uniam para a ação comum e, em outros

¹¹²BERLIN, Isaiah. **Pensadores russos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

momentos, operavam isolados. (...) Suas idéias gerais não eram originais. Compartilhavam os ideais democráticos dos radicais europeus de sua época e, além disso, acreditavam que a luta entre as classes econômicas e sociais era o fator determinante na política. Sustentavam essa teoria não sob sua forma marxista, que só chegaria efetivamente à Rússia na década de 1870, mas sob a forma como era ensinada por Proudhon e Herzen e, antes deles, por Saint-Simon, Fourier e outros socialistas e radicais franceses, cujos textos haviam penetrado na Rússia, legal e ilegalmente, durante várias décadas, obedecendo a um fluxo rarefeito, mas constante.¹¹³

Os principais objetivos dos populistas podem ser resumidos em duas grandes linhas, segundo Berlin, a justiça e a igualdade sociais. Em meados do século XIX a propaganda revolucionária, principalmente aquela feita por Herzen, havia convencido os populistas de que a comunidade camponesa russa já possuía em seu âmago os elementos dessa dupla igualdade. A cristalização desse elemento era uma unidade coletiva denominada *mir*.

O *mir* era uma livre associação de camponeses, que redistribuía periodicamente a terra arável para ser cultivada; suas decisões se impunham a todos e constituíam a pedra angular sobre a qual poderia se erguer, segundo afirmavam os socialistas, uma federação de unidades socialistas autogeridas, concebidas segundo uma orientação popularizada pelo socialista francês Proudhon. Os líderes populistas acreditavam que essa forma de cooperação oferecia a possibilidade de um sistema social livre e democrático na Rússia, com suas origens nos mais profundos instintos morais e valores tradicionais da sociedade russa, e na verdade de todas as sociedades humanas. Acreditavam também que os trabalhadores – e com isso se referiam a todos os seres humanos –, seja na cidade ou no campo, poderiam concretizar esse sistema com um grau de violência e coerção muito menor do que ocorrera no Ocidente industrial. Esse sistema, por ser o único que derivava naturalmente das necessidades humanas fundamentais e do sentido da retidão e do bem que existia em todos os homens, asseguraria a justiça, a igualdade e a mais ampla oportunidade para o completo desenvolvimento das faculdades humanas.¹¹⁴

¹¹³BERLIN, op. cit., p.214.

¹¹⁴BERLIN, op. cit., p.215-6.

Encontramos aqui, portanto, os elementos da realidade que deram sustentação empírica às ambições de justiça e igualdade daquele movimento precursor da militância de esquerda na antiga Rússia. Ali se encontravam também alguns componentes fundamentais da ideologia anarquista e o principal deles, a crítica ao Estado. Continuando com Berlin, este retira da exposição anterior algumas conclusões. Vamos a elas:

Como corolário disso, os populistas acreditavam que o desenvolvimento de uma indústria centralizada em larga escala não era "natural" e, portanto, conduzia inexoravelmente à degradação e desumanização de todos os que eram colhidos em seus tentáculos. O capitalismo era um mal terrível, destruía o corpo e a alma, mas não era inelutável. (...) Acreditavam que era possível melhorar a vida através de técnicas científicas, sem destruir necessariamente a vida "natural" da aldeia camponesa ou criar um imenso proletariado urbano pauperizado e indiferenciado. (...) A exemplo dos seus mestres franceses, os discípulos russos sentiam um ódio particular pela instituição do Estado que, para eles, era ao mesmo tempo o símbolo, o resultado e a principal fonte da injustiça e da desigualdade, arma brandida pela classe governante a fim de defender os próprios privilégios, que, em face da resistência cada vez maior de suas vítimas, tornava-se cada vez mais brutal e cegamente destrutiva.¹¹⁵

Tendo por base esse tipo de configuração social e análises políticas da realidade russa, os populistas se desenvolvem como um agrupamento de militantes que dará um modelo para seus sucessores. O caso mais importante, talvez, aquele partido socialista do qual uma de suas divisões internas se transformou depois em Partido Comunista da União Soviética. Começamos a identificar nas palavras de Berlin os mesmos elementos que estamos trabalhando aqui no que tange à constituição do militante.

O ânimo dos populistas, sobretudo na década de 1870, pode ser corretamente qualificado como religioso. Esse grupo de conspiradores ou propagandistas considerava-se, e era considerado pelos outros, como integrantes de uma ordem dedicada. A primeira condição para se tornar membro era o sacrifício de toda a sua vida ao movimento, tanto ao grupo e ao partido particular como à causa da

¹¹⁵BERLIN, op. cit., p.216.

revolução em geral. No entanto, a noção da ditadura do partido ou de seus líderes sobre as vidas dos indivíduos, principalmente sobre as crenças dos revolucionários enquanto indivíduos, não faz parte dessa doutrina e na verdade é contrária a todo o seu espírito. O único censor dos atos de um indivíduo é sua consciência individual.¹¹⁶

Disciplina, hierarquia, fé. Embora algumas nuances diferenciem o perfil do militante dos militantes, esse trio está presente em todas as descrições a respeito dele. Contudo, a afirmação mais importante feita por Isaiah Berlin é aquela relativa à gênese do militante e do partido de esquerda como o conhecemos nos dias de hoje, mais precisamente ainda, o modelo de militante e de partido que triunfou ao longo da história do século XX e constituiu-se em paradigma.

Os populistas, na verdade, praticamente inventaram o conceito do partido como um grupo de conspiradores profissionais sem vida privada, obedecendo a uma disciplina total, como um núcleo de profissionais "duros" em contraposição aos meros simpatizantes e companheiros de percurso. Isso, porém, nasceu da situação específica que prevalecia na Rússia czarista, das necessidades e condições para uma conspiração eficaz, e não da crença na hierarquia como uma forma de vida desejável ou sequer tolerável em si mesma. Os conspiradores tampouco justificavam seus atos invocando um processo cósmico que santificasse cada ato deles, pois acreditavam na liberdade da escolha humana e não no determinismo. A concepção leninista posterior do partido revolucionário e sua ditadura, embora historicamente muito devesse a esses mártires experimentados de uma época anterior, nasceu de uma perspectiva muito diversa. Os jovens que espalharam pelas aldeias durante o célebre verão de 1874, apenas para encontrar a incompreensão, a desconfiança e freqüentemente a hostilidade declarada por parte dos camponeses, teriam ficado profundamente assombrados e indignados se lhes dissessem que deveriam encarar a si mesmos como instrumentos sagrados da história, e que portanto seus atos deveriam ser julgados por um código moral diferente do código comum aos outros homens.¹¹⁷

Apenas para evitar confusões, retomamos a idéia acima do modelo de partido e militante, não uma transposição direta, porque havia diferenças de valores morais entre uns e outros, populistas e leninistas, mas o perfil idêntico. Finalmente, o

¹¹⁶BERLIN, op. cit., p.234.

¹¹⁷BERLIN, op. cit., p.234-5.

último aspecto importante a ser destacado é o contraste entre os desejos dos revolucionários e os desejos do povo. Berlin nos alerta para esse descompasso entre a verdade da revolução e a verdade dos camponeses.

O movimento populista foi um fracasso. "O socialismo ricocheteou no povo como ervilhas numa parede", escreveu o conhecido terrorista Kravtchinski a sua companheira revolucionária Viera Zassulitch em 1876, dois anos depois de se extinguir a primeira onda de entusiasmo. "Eles ouvem os nossos como ouvem o padre" – respeitosamente, sem entender, sem nenhum efeito sobre suas ações.

*Há barulho nas capitais
Os profetas trovejam
Trava-se uma furiosa guerra de palavras
Mas nas profundezas, no coração da Rússia,
Tudo está tranqüilo, lá existe uma antiga paz.*

Esses versos de Nekrassov transmitem o estado de frustração que se seguiu ao fracasso dos esforços esporádicos realizados pelos idealistas revolucionários no final dos anos 60 e início dos anos 70, tanto os propagandistas pacíficos como terroristas isolados, dos quais Dostoievski pintou um retrato tão violento em *Os Possessos*. O governo apanhou esses homens, exilou-os, mandou-os para as prisões e, graças a sua obstinada relutância em promover quaisquer medidas que aliviassem as conseqüências de uma reforma agrária inadequada, acabou fazendo com que a opinião liberal demonstrasse simpatia pelos revolucionários. Estes sentiram que a opinião pública estava do seu lado, e finalmente recorreram ao terrorismo organizado.¹¹⁸

Não restou muito para os populistas a não ser as bombas e atentados. Vamos, agora, depois de identificarmos a gênese do militante comunista, dar continuidade a nossa tentativa de traçarmos as grandes linhas que compõem o perfil do militante comunista.

Lembramos que, na maioria dos estudos sobre o comunismo e seus militantes, predomina uma forma apaixonada de fazê-lo. Seja com amor, seja com ódio, destacam-se as paixões das mais ardentes. É com este tom que Gérard Vincent inicia seu capítulo sobre os militantes comunistas.¹¹⁹ O aspecto religioso que

¹¹⁸BERLIN, op. cit., p.235.

¹¹⁹Ver VINCENT, op. cit.

mencionamos acima também aparece de forma intensa no ensaio de François Furet.¹²⁰ Para ele o comunismo foi uma grande ilusão que moveu grande parte do século XX. De intelectuais a governantes, passando por operários e generais, o mundo inteiro seduziu-se pela idéia implementada na Rússia e divulgada em todos os cantos do planeta. Além da própria força da idéia, os Partidos Comunistas e seus militantes encarregaram-se de difundir a idéia redentora. A idéia de Revolução seduziu tantos corações e mentes porque atualiza a religião. "O que é uma negação a mais da divindade, durante tanto tempo senhora única do teatro humano, mas também uma maneira de reinvestir as ambições da religião na política, já que também a revolução é uma busca de salvação".¹²¹

Como a maioria dos ex-militantes que ao sair bate a porta, Furet nos informa que depois de integrar o movimento comunista, de nele militar de 1949 a 1956, "dele saí com um começo de questionário sobre a paixão revolucionária e vacinado contra o investimento pseudo-religioso na ação política".¹²² Mantendo sua elegância François Furet bate a porta com eficiência e delicadeza.

Vemos a retomada da explicação do movimento do militante comunista pela via religiosa também no trabalho Gérard Vincent. Em grande medida, podemos aproximar a idéia de Furet que orienta todo seu ensaio, a ilusão, com aquilo que Vincent chama de paixão. Deixaremos de lado o tom negativo usado por esse autor e partiremos para aquilo que nos interessa mais. No entanto, cabe mencionarmos, mais uma vez, o fato de que o irracional acaba se destacando no momento em que procuramos trabalhar de forma isenta, manuseando os instrumentos do método científico e acadêmico. Mas, vamos ao trabalho de Vincent.

¹²⁰Ver FURET, François. **O passado de uma ilusão**: ensaios sobre a idéia comunista no século XX. São Paulo: Siciliano, 1995.

¹²¹FURET, op. cit., p.45.

¹²²FURET, op. cit., p.14.

A primeira idéia significativa apresentada por esse autor associa a militância dos comunistas a um tipo de "religião secular", entre aspas como no original. Recuperando os desígnios da civilização judaico-cristã ocidental, Gérard Vincent articula a militância a um tipo de herança dessa civilização.

A adesão ao Partido (com maiúscula, visto, aos olhos do neófito, é o único partido que conta) é incompreensível sem a referência à herança judaico-cristã. A passagem da escatologia à teleologia se explica pela nostalgia monista: reduzir a diversidade fenomênica a um princípio unitário de explicação. Que a humanidade seja maleável à vontade de alguns agentes de decisão que atuam com conhecimento das causas e dos efeitos, tal é, há séculos, o desejo do pensamento.¹²³

Para além dessa herança, ou mais precisamente, no que diz respeito à civilização judaico-cristã, a militância política assume uma proximidade maior com parte dessa tradição, mais especificamente aquela ligada à Igreja Católica. "É de se lembrar que, durante anos, ficou afixada nos escritórios do jornal *L'Humanité* [jornal do Partido Comunista Francês] a seguinte frase de Gabriel Péri: 'Mantive minha profissão como uma espécie de religião que tinha seu sacerdócio, todas as noites, na redação de minha matéria diária'".¹²⁴

Para o militante comunista é a realização de um sonho poder reunir o pensamento, leia-se teoria revolucionária, à atividade política, leia-se militância comunista, para a transformação da humanidade inteira. No decorrer desse longo percurso, no qual o militante tenta salvar a humanidade mediante seu trabalho político, a influência da Igreja (conforme nos lembra o autor, do grego, *ekklesia*, assembléia) se fez sentir de várias formas. A mais perversa talvez tenha sido o culto da personalidade. O Deus é único, o pensamento é único, o papa é único, o partido idem e seu grande líder também. "Os militantes não percebem o que está acontecendo?", podemos perguntar ingenuamente. É provável que um número

¹²³VINCENT, op. cit., p.427.

¹²⁴VINCENT, op. cit., p.427.

significativo perceba. Mas, é como se não o fizesse porque, segundo Vincent, ser comunista é também uma forma de ascensão social. Portanto, é mais prático não deixar de ser comunista, mesmo que isto custe um preço ético relativamente alto.

Acrescentemos que a viscosidade social na sociedade francesa é extrema tanto nos anos 20 quanto nos anos 50, e que o Partido, pela subversão que pretende promover, permite esperar "trajetórias sociais" de longo fôlego, ao passo que a sociedade estabelecida (com raras exceções) autoriza apenas a "reprodução". "Não é por ser comunista que o sujeito é necessariamente fabuloso. Conheço comunistas idiotas. Claro... Tem que ter. Mas, diferente dos outros idiotas, são idiotas que são comunistas... Mesmo com a idiotice deles, eles participam na transformação da sociedade." São as palavras de um operário frisador.¹²⁵

Não precisamos concordar com nenhuma das afirmações apresentadas acima. Contudo, não se trata aqui de concordar ou não. Podemos afinar um pouco mais a percepção de nosso autor, lembrando que existe um número significativo de militantes com condições financeiras mais favoráveis do que o operário do chão da fábrica.¹²⁶ Por outro lado, não podemos enfiar a cabeça na areia, como avestruzes, e deixar de ver que se o motivo de ingresso no Partido não foi a busca de uma posição de *status* mais favorável, a permanência do indivíduo no interior dos quadros partidários pode ser identificada em função das benesses, inclusive (e talvez, principalmente) financeiras.

Destacamos esse aspecto tratado por Vincent para termos uma referência diante da seguinte pergunta: por que os militantes continuam no interior do partido mesmo após perceberem coisas, chamemos assim, "reprováveis"? A resposta mais ligeira é esta. Mas, não pode ficar como sendo a única. E o próprio autor vai nos indicar aquilo que podemos chamar de sofisticação desse argumento. Seguindo com

¹²⁵VINCENT, op. cit., p.431.

¹²⁶Apenas como lembrete, não iniciamos ainda a análise do militante anarquista. Temos em conta que alguns aspectos importantes diferenciam esse militante do comunista. Como, no entanto, estamos procurando formatar alguns elementos presentes no código genético do militante político e que lhe fornecem características universais, optamos por centrar momentaneamente nosso foco nos comunistas.

ele, temos o desenvolvimento dessa idéia inicial para, a seguir nos apresentar um complexificação dessa mesma abordagem. Assim temos que

"O homem não é totalmente bom nem totalmente mau", escrevia Maquiavel, e G. Lefebvre dizia que é a convicção de servir simultaneamente aos próprios interesses e aos interesses da coletividade que torna uma classe revolucionária. Para compreender a filiação em massa de intelectuais "burgueses" ao PCF do pós-guerra, cabe lembrar que ele constituía uma subsociedade oferecendo a pessoas bastante jovens cargos que, na sociedade francesa em geral, fortemente gerontocrática, seriam acessíveis apenas a pessoas de mais idade. Para um homem de 25 anos, era gratificante comandar os batalhões da UEC (União dos Estudantes Comunistas) na grande manifestação de 28 de maio de 1952 contra "Ridgway, a peste", sucessor de Eisenhower no comando do SHAPE. Igualmente gratificante para um jovem estudante era trabalhar como grande repórter em *Ce soir* (jornal vespertino com uma tiragem de 600 mil exemplares) e percorrer os países do Leste. "Encontra-se uma repercussão imediata que, aliás, lhe devolve o que você tinha dito com enormes amplificações. O que é lisonjeiro (...). A pessoa vira intérprete de um grupo e não é mais um intelectual solitário", diz Jean-Toussaint Desanti, lembrando o pós-guerra. Quanto a saber se o Partido delegava poderes efetivos a esses trânsfugas, o mesmo autor responde "sem hesitar: o simulacro do poder".¹²⁷

O Partido Comunista constitui, como afirma esse autor, uma subsociedade. Esse tipo de agrupamento tem suas características próprias. Os interesses materiais dos integrantes dessa subsociedade, por certo, cumprem um papel importante na manutenção do grupo. Contudo, conforme vemos em outros autores também, existe uma característica que assume um papel mais superficial em alguns e mais ontológico em outros e que nos ajuda a entender melhor o conjunto de motivos que leva o militante a se manter como tal. Estamos nos referindo ao "ódio" em particular e ao "ódio à burguesia" de forma mais genérica. Esse tipo de sentimento irracional, que pode ser entendido inicialmente como negação, negatividade, percorre, segundo os autores em pauta, a vida dos militantes.

Existem pelo menos dois tipos de tratamento para esse tipo de emoção militante. Uma primeira abordagem se faz de um ponto de vista mais sociológico,

¹²⁷VINCENT, op. cit., p.433-4.

chamemos assim. As desigualdades sociais geram um ódio à burguesia, por exemplo. Já na segunda forma de se tratar essa questão temos a ligação do sentimento com um tipo de visão niilista da vida. Para François Furet esse ódio se apresenta de forma mais específica, mais sociológica. Ele considera que os grandes políticos do século XX, que realmente apresentaram formas inéditas de fazer política e governos foram Lênin e Hitler. Nos dois casos, o ódio à burguesia foi o combustível para eles. Esse ódio "percorre todo o século XIX, antes de encontrar seu ponto culminante em nossa época, uma vez que a burguesia, sob seus diferentes nomes, constitui para Lênin e para Hitler o bode expiatório das desgraças do mundo".¹²⁸

Ainda resta perguntarmos por que esse ódio aos burgueses ganha tamanho poder de mobilização, levando milhões de militantes a se baterem contra essa classe. Ainda para Furet, a explicação é relativamente simples:

nas sociedades anteriores, a desigualdade tinha um estatuto legítimo, inscrito na natureza, na tradição ou na providência. Na sociedade burguesa, a desigualdade é uma idéia que circula de contrabando, contraditória à maneira como os indivíduos se imaginam a si mesmos; e, no entanto, ela está em toda parte na situação que eles vivem e nas paixões que ela alimenta. A burguesia não inventa a divisão da sociedade em classes. Mas faz dessa divisão um sofrimento, envolvendo-a numa ideologia que a torna legítima.¹²⁹

Temos aqui uma espécie de justificativa para esse ódio mobilizador que conseguiu sustentar ao longo do século XX duas formas originais de governo e uma forma específica de militância de esquerda, a comunista. Existem ainda outras abordagens possíveis para este tema. Uma delas é aquela presente no texto de Gérard Vincent. Para ele, existe um aspecto da relação partido/militante que nós vamos chamar, com uma certa licença acadêmica e não poética, de amor e ódio. Um amor interno e um ódio externo. Assim, como "toda subsociedade, o Partido

¹²⁸FURET, op. cit., p.18.

¹²⁹FURET, op. cit., p.20.

constitui uma associação de admiração mútua, desde que se respeite a *doxa*".¹³⁰ Essa idéia de admiração comum é um dos elementos que ajuda a compor a identidade do militante. Gérard Vincent não estabelece esta ligação, contudo, consideramos que ela existe. Para ele, "a identidade do militante se constrói e se perpetua pela complexa combinação de duas forças: uma, de recusa, leva-o a rejeitar qualquer informação que conteste a teleologia marxista; a outra, ele a extrai, por assim dizer, *do ódio que desperta enquanto destruidor potencial da ordem estabelecida*".¹³¹ (grifo nosso)

Destacamos, portanto, os aspectos mobilizadores do ódio contra a sociedade a ser destruída e aglutinadores da reverência, admiração, que os militantes nutrem pelo partido, ou melhor, Partido. No que tange ao primeiro aspecto do argumento acima, os militantes atuam como as figuras dos três pequenos macacos que nada falam, nada vêem e nada ouvem. Diante de tantas atrocidades cometidas pelos dirigentes políticos, os militantes permanecem integrados ao Partido, sem nada questionar. Vincent chama este elemento de sua análise de "a recusa do 'real'". Contudo, considera essa recusa como típica, nas palavras dele, "constitutiva da vida privada". Não pertence, portanto, apenas ao militante, mas ao conjunto da sociedade contemporânea. Como um dos exemplos para comprovar essa hipótese, menciona as "mães da Praça de Maio" que tiveram que insistir muito para que os "outros" indivíduos "vissem" a verdadeira situação de paz romana reinante na Argentina há trinta anos.

Retornando ao segundo elemento estruturador do militante comunista, o ódio, podemos concluir da leitura de Vincent que esse sentimento delimita identidades e verdades ao propor uma referência na ação do outro, que sempre diz a mentira. Se "eles" sempre mentem, basta que "nós" digamos o contrário para

¹³⁰VINCENT, op. cit., p.436.

¹³¹VINCENT, op. cit., p.438.

estarmos com a verdade. Além disso, a rejeição pelo "outro" sedimenta a identidade dos rejeitados. Por fim, podemos inserir outro aspecto que aparece como uma legenda à figura da página 441: "*Era preciso muito medo par ter tanta coragem. A que gestos de valentia o pânico pode levar uma lebre! A cabrita perdida salta os precipícios. Estar amedrontado ao ponto da imprudência é uma das formas de pavor*" (Victor Hugo, *L'homme qui rit* [O Homem que ri]) *Trata-se de estimular a coragem dos proprietários?*¹³² (grifo no original)

Uma vez que temos a identidade formada, conforme dissemos até aqui, outro aspecto da vida privada vem colocar a sua contribuição à estabilidade emocional do indivíduo militante.

A subsociedade comunista se apresenta como uma "grande família". Ela se funda sobre a família. É flutuante a fronteira entre a vida militante e a vida privada. São freqüentes os casamentos entre militantes. A ascese moral comunista é uma continuação da judaico-cristã. Os casais não precisam ter papel passado, mas devem ser duradouros. O adultério é condenado, e o divórcio não é aceito, a não ser que um dos cônjuges não seja comunista. Nesse caso, admite-se que a vida conjugal seja impossível.¹³³

Assinalamos que na passagem acima podemos ver mais um dos elementos que Vincent utiliza para associar a militância comunista à moral judaico-cristã. Podemos ir um pouco mais longe e pensarmos nas ordens monásticas e de cavaleiros medievais em que o *milite*, conforme já expusemos anteriormente, transforma-se num propagador e defensor da mesma fé religiosa. No caso do militante comunista temos um defensor do Estado Soviético e um propagador da fé revolucionária para a revolução redentora. A diferença, para abreviarmos a frase, é que esse militante já passou por séculos de experiência na ação e, portanto,

¹³²VINCENT, op. cit., p.441.

¹³³VINCENT, op. cit., p.442. Nesse campo, da moral doméstica é importante destacar uma semelhança com os anarquistas, conforme alguns críticos do anarquismo. Estamos nos referindo ao ensaio de Jardel Cavalcanti intitulado *Os anarquistas e a questão da moral*. Voltaremos a este ponto.

condensa no seu fazer político todos os elementos que foram selecionados pelo tempo como os mais importantes para a eficiência dessa ação política.

Para Monclar Valverde, existe uma ordem própria nessa ação do militante. "A militância se apodera, de início, da própria ação; qualificando-a, situando-a no registro do político. Mas o que, na militância, guia esta apropriação é uma vontade de transformação que tira sua força da *negatividade*. Ela quer estabelecer uma nova ordem, mas crê poder gerá-la como fruto de uma destruição, uma negação da ordem estabelecida".¹³⁴ (grifos no original). Inicialmente podemos chamar essa força negativa, destruidora, como uma variação daquele ódio tratado acima. Mas isto é o que menos importa para nós agora. O fundamental é tratarmos esse desejo negador e destrutivo e a operação mental que o transforma em positivo e fundador.

Essa referida operação cria uma nova ordem das coisas, e isto faz a diferença entre a destruição pura e simples e aquela que segue uma justificação racional, embora calcada em pulsões irracionais. "É, portanto, no campo de oposição entre duas ordens de relações que a militância define o corpo de suas ações também como *ordem*: organização positiva da ação fundada num ato originariamente negador. É a natureza *reativa* de sua força que confere, então, à militância, seu caráter positivo, sua capacidade supostamente transformadora".¹³⁵ (grifos no original)

Uma vez que o militante comunista consegue recuperar, construir um sentido para sua ação e para sua própria existência que está subordinada àquela ação, ele encontrará as maiores dificuldades para romper com o Partido. "O comunista milita dentro da empresa, onde seu discurso o expõe ao risco permanente de demissão. Ele milita fora do expediente: reuniões de célula, colagem de cartazes, propaganda de porta em porta etc. Ele milita dentro da própria família, o que não

¹³⁴VALVERDE, op. cit., p.62.

¹³⁵VALVERDE, op. cit., p.62.

deixa de ocasionar conflitos e rupturas".¹³⁶ Nessas condições de trabalho, ou melhor, de militância, não é de se esperar que o indivíduo mantenha uma vida dentro de certos padrões de normalidade. Por mais que os militantes afirmem que o bom militante tem uma vida normal, não podemos acreditar neles sem mediações: a normalidade, por ser relativa, é a normalidade do militante. Nesse ritmo desgastante "sair do Partido é um dilaceramento (a pessoa perde seus amigos, e conseguirá fazer novos?) e um risco (as sereias do anticomunismo estão prontas a recebê-lo em troca do relato de seus sofrimentos e a confissão do seu rancor). O militante comunista sem dúvida se sente diferente, certamente superior (...) ele participa de um projeto redentor da humanidade".¹³⁷ Esse fundo religioso, motor da militância, que aparece em vários autores estudados, penetra até a alma dos indivíduos. Ou, se preferirmos, vem da sua alma.

A ação do militante faz sentido para ele na medida em que aquela recusa inicial, da realidade e da ordem existentes, significa a própria articulação de seus movimentos, "recebendo o selo passivo de uma promessa de paz colocada no futuro, como fim e fim da própria ação, na forma de uma solução terminal e como expectativa de uma felicidade de escravos".¹³⁸ Mesmo com a redenção sendo constantemente adiada, assim como as previsões do fim do mundo, o militante mantém-se ligado ao Partido porque, na pior das hipóteses, é mais cômodo. E, na melhor das hipóteses, todos os inimigos de classe estarão mortos e a justiça, finalmente, triunfará.

No sentido para o qual estamos apontando o perfil do militante comunista, nosso paradigma de militante, surge como mais um elemento significativo para nos

¹³⁶VINCENT, op. cit., p.450.

¹³⁷VINCENT, op. cit., p.450.

¹³⁸VALVERDE, op. cit., p.62.

ajudar a compor nosso quadro. Os militantes na vêm em seu trabalho, em sua atividade, apenas uma luta para transformar o mundo.

Seu projeto inclui um ideal de negação dos valores dominantes, pelo qual ela [a militância] seria um instrumento de transmutação de determinados valores. Especialmente aqueles da moral ou da "ideologia" dominantes, aos quais oporia um ideal de justiça defendido com os critérios e as armas "científicas" e fundado, em última instância, numa crença romântica nas categorias da razão. Seu investimento construtivo será, portanto, materializado numa intervenção política que visa a história segundo uma perspectiva que tem na "finalidade", na "totalidade" e na "objetividade" seus principais paradigmas; a suposta garantia de adequação entre seus meios e fins e da justeza dos resultados de suas ações.¹³⁹

Nesse momento de nosso desenho dos elementos constitutivos do corpo militante atingimos um aspecto central que será retomado logo mais. Estamos nos referindo à menção dos ideais de justiça e igualdade que povoam a imaginação da militância. Contudo, como já dissemos, isto virá em breve. Vamos particularizar algumas das características que apontamos para a militância comunista em relação aos militantes anarquistas. Esperamos, então, fechar estes aspectos descritivos do perfil militante, na direção que estamos dando para essa discussão até o presente momento. Não resistimos, contudo, à exemplificação um detalhe, um desdobramento, dessa discussão relativa à justiça, que passa pela questão moral. "Se 'o homem livre é um *guerreiro*', o militante surge, nessa perspectiva, não propriamente como um lutador, mas como um administrador da luta e uma espécie de gerente da própria liberdade, confinada nesta 'vontade revolucionária' que está no fundamento de sua moral de rebanho".¹⁴⁰ (grifo no original). Mesmo a fachada de guerra deixa entrever o papel formal do militante, como nos alerta Valverde. A moral revolucionária, portanto, não se mostra mais do que uma espécie de cartilha onde se encontram as normas

¹³⁹VALVERDE, op. cit., p.62-3.

¹⁴⁰VALVERDE, op. cit., p.212.

que regem o funcionamento da vida militante. O que importa nesse caso é o verbo militar, militar dentro da ordem.

Para seguirmos adiante, dando uma espécie de "fecho" a esta parte do presente trabalho, vamos tomar quase literalmente a conclusão do quarto capítulo da dissertação de Valverde que nos tem sido muito útil, funcionando ora como espelho, ora como navalha ou bisturi.

"Quem é mais moral?", pergunta-se Nietzsche, para responder em seguida: "*Em primeiro lugar, o que cumpre a lei mais escrupulosamente (...). Em segundo lugar, o que cumpre também a lei nos casos mais difíceis. (...) O mais moral é o que mais se sacrifica aos costumes (...). Escrevendo sobre os critérios adequados para a escolha dos dirigentes revolucionários, Mao Tse-Tung cita as quatro condições formuladas por Dimitrov ao tratar da política de quadros: "devoção total, ligação com as massas, capacidade para orientar-se independentemente em toda situação e espírito de disciplina" (...). A militância combina a moral do cumprimento mais frequente com a da obediência mais difícil, no sacrifício aos costumes rígidos e exteriores que a caracterizam.*"¹⁴¹ (grifo no original)

Valverde prepara o terreno para tentar assestar o golpe derradeiro sobre o militante sincero e ingênuo, ignorante do seu próprio mecanismo interno de funcionamento. Trabalhando com "manuais", catecismos da militância, é possível identificarmos o apelo a certos valores caros à disciplina pretendida.¹⁴² Eles, os manuais, existem em vários formatos e modelos, para atender a diversos aspectos da necessidade militante. Temos, a título de exemplo, o texto de um militante anarquista, depois comunista e depois trotskista, Victor Serge, *O que todo revolucionário deve saber sobre a repressão*, que trata dos procedimentos a serem

¹⁴¹VALVERDE, op. cit., p.212.

¹⁴²Temos, a seguir, alguns títulos que representam uma amostra significativa daquilo que chamaremos de manuais de boa conduta dos militantes. São eles: CHAO-CHI, Liou. **Pour être un bon communiste**. Paris: Union Générale D'Éditions, 1970; SERGE, Victor. **O que todo revolucionário deve saber sobre a repressão**. São Paulo: Quilombo, s.d. e SPARTACUS. Cópia xerográfica, sem numeração, sem data, editada em Paris. Capa: Jean BARRUÉ – BAKOUNINE ET NETCHAIEV – TROIS ÉTUDES SUR BAKOUNINE – LE CATÉCHISME. RÉVOLUTIONNAIRE DE NETCHAIEV.

tomados pelo militante quando clandestino, quando preso, sobre a delação e outros. Este, contudo, não se mostra o mais significativo para a abordagem em pauta, mas pode ser adicionado àqueles que tratam do conjunto de valores morais a que Valverde está se referindo.

No caso do anarquismo, temos o famoso *Catecismo revolucionário*, de Netchaiev, que trataremos a seguir, que revela no nome a herança religiosa da catequização, embora o termo catecismo tenha, também, como um de seus sentidos iniciação à ciência...

No caso dos comunistas, os chineses deixaram relevante contribuição para o tema. Referimo-nos ao pequeno opúsculo de Liou Chao-Chi, importante dirigente do Partido Comunista Chinês, que caiu em desgraça no final dos anos sessenta, intitulado *Para ser um bom comunista*.¹⁴³ Nesse caso, o objetivo geral do texto é o da formação política, da educação. Segundo os preceitos desse manual, a diferença entre os militantes se dá pelo esforço individual. Diante da questão: "por que alguns são melhores do que outros?" a resposta é porque alguns se esforçam mais do que outros. Essa educação individual procura convencer o militante de que em primeiro lugar vem o Partido, depois o militante.

Ele [o comunista] deverá ser capaz, se há conflitos entre eles [os interesses do militante e os do Partido], de submeter o primeiro ao segundo, de o sacrificar sem a menor hesitação, sem a menor repugnância. *Estar pronto a sacrificar sem nenhuma hesitação seu interesse pessoal e mesmo sua vida pelo Partido e o proletariado*, pela liberação nacional e pela libertação de toda a humanidade, é a manifestação daquilo que nós chamamos habitualmente de "espírito de Partido", a "noção de Partido" ou o "ponto de vista da organização". É a mais alta manifestação da *moral comunista*, do espírito de princípio do partido proletário e da *consciência de classe proletária mais pura*.¹⁴⁴ (grifo nosso)

¹⁴³Esse texto é o resultado de algumas conferências pronunciadas no Instituto do Marxismo-Leninismo, de Yenan, em 1939 e, na versão que utilizamos, reeditadas em 1962, com algumas modificações de estilo e adjunções, como nos informa a edição em pauta. Informamos ainda que a presente edição está em francês, porém, fizemos a tradução para as citações.

¹⁴⁴CHAO-CHI, op. cit., p.74.

Retomando a menção feita acima sobre a perseguição sofrida por Liou Chao-Chi, podemos informar que as críticas ocorridas nesses processos de depuração da direção e da militância partidárias, geralmente, procuram justificar o alijamento do poder em função de algum "grande erro" ou "traição" cometidos. Nesse caso ele foi criticado por ter proferido essas palestras que resultaram no presente manual. Uma das críticas mais significativas para nossa abordagem diz respeito à relação entre o Partido e o militante. Desenvolvendo a tese seguinte, "desde que o interesse do Partido não seja lesado, um membro do Partido pode ter uma vida privada e familiar, desenvolver sua personalidade e suas aptidões", nosso autor chegou a concluir que o Partido poderia ajudar o militante em certas condições. Este tipo de afirmação rendeu páginas de críticas e justificou a perseguição política.¹⁴⁵

Se voltarmos às afirmações de Mao Tse-Tung, temos o que segue

O comunista deve ser sincero e franco, leal e ativo, por os interesses da revolução por cima de sua própria vida e subordinar seus interesses pessoais aos da revolução; em todo momento e lugar, há de apegar-se aos princípios justos e lutar infatigavelmente contra todas as idéias e ações incorretas, a fim de consolidar a vida coletiva do Partido e a ligação deste com as massas; há que preocupar-se mais com o Partido do que com qualquer indivíduo, e mais com os outros do que consigo mesmo. Só uma pessoa assim é digna de chamar-se comunista.¹⁴⁶

Podemos notar uma semelhança muito grande entre os chineses, ou melhor, entre esses textos sobre a militância comunista. A preponderância do Partido sobre o indivíduo é total. Esse tipo de moral merece o comentário feito por Monclar Valverde, a partir de Nietzsche:

"O indivíduo deve sacrificar-se, assim o exige a moralidade dos costumes. (...) Sob o domínio da moralidade dos costumes, toda espécie de originalidade tinha má consciência. (...) O homem livre é imoral (...) porque, em todas as coisas, *quer* depender de si mesmo e não de uma tradição estabelecida" (...). Por trás desta

¹⁴⁵CHAO-CHI, *op. cit.*, p.81.

¹⁴⁶Passagem retirada de VALVERDE, *op. cit.*, p.212-3.

sua "liberdade" que se apresenta como "inteligência da necessidade", o militante esconde a inércia de seu "corpo de atos". Sob a impostura de sua alma "universal", majorizada por uma consciência de classe e uma memória histórica, há apenas um corpo interiormente mutilado, eternamente separado de si por ter tido sua vontade amputada. A transgressão de que é capaz – sua "imoralidade" – é no máximo sua concupiscência de eunuco moral, indefinidamente tentando inseminar o mundo e a história com a tirania do seu "sentido", vivendo sua "responsabilidade" não como domínio de si mesmo, mas, de modo transitivo, na remota atuação da "vontade geral" de seu rebanho.¹⁴⁷

3.3 O MILITANTE ANARQUISTA

A partir daquilo que procuramos definir como essencial na caracterização do militante, vamos tentar encontrar esses elementos na construção do perfil do militante anarquista.

Começaremos nossa análise pela marca da religião impressa no militante. O anarquismo possui como uma de suas características das mais importantes o anticlericalismo. Um dos mais importantes e conhecidos jornais anarquistas, *A Plebe*, que sucedeu *A Lanterna*, se apresenta como anticlerical. Apesar disso, afirmamos que esse tipo de postura contra a Igreja não retira do militante anarquista a postura asceta do sacerdote, conforme Monclar Valverde tratou em seu trabalho.

Acompanhando a reflexão feita por Nietzsche, Valverde considera que o militante se constitui como uma espécie de representação do niilismo. Isto significa que ele traz em si um conjunto de valores morais que se relacionam com sua postura niilista diante da vida.

Em sua análise da origem dos valores morais e sua relação com as formas de niilismo, Nietzsche estabelece correspondências no plano genealógico – entre as figuras do escravo, do sacerdote ascético e do filósofo dogmático, a partir da relação entre os ideais do mundo do "bem", do mundo "divino" e do "mundo-verdade", postos em equivalência nos termos da equação socrática: "razão = virtude = felicidade". O terreno por excelência desta correspondência seria exatamente o ódio, que funda a

¹⁴⁷VALVERDE, op. cit., p.213.

moral escrava (...), que é a expressão e o desdobramento astucioso da impotência sacerdotal diante das aristocracias guerreiras (...) – que no cristianismo se transforma no "amor" altruísta, tão profundamente marcado pelo rancor (...) e pelo autodesprezo (...) – e que se manifesta na recusa ascética do mundo sensível, condição de existência do filósofo...¹⁴⁸

Tendo esse pano de fundo para pensarmos a religião no interior do ideário anarquista, parece-nos que ela muda um pouco de lugar em relação àquilo que vimos até então. A crítica à religião ocupa o espaço de uma disputa pela manipulação. O militante anarquista, portador da verdade, tenta retirar de outros portadores de outras verdades o espaço da salvação. Identificando no sacerdote um doutrinador, torna-se necessário disputar com ele o público a ser doutrinado.

Mas, o militante surgirá como uma espécie de desdobramento, de evolução desse processo. E o militante anarquista não fugirá desse caminho, trilhando-o com a mesma velocidade com que a verdade vai estabelecendo seus marcos de conquista.

A modernidade, com a indústria e seus ideais de "progresso", trouxe outro membro a esta família de negadores da vida: o sacerdote da Ciência (...), este sábio do "pequeno racionalismo", do "pensamento operatório", que aprendeu a manipular as coisas e "renuncia a habitá-las" (...); este escravo de um novo Senhor, crente ateu que reconhece seu Deus nas figuras da "verdade" (...). Família novamente ampliada com o advento do militante contemporâneo, dotado de seu "ódio de classe" e de sua crença numa "ciência da história". Com o "leninismo" e sua tecnocracia política, a militância pôde ampliar o reino da bem-aventurança sobre a terra, cientificizá-lo e politizá-lo: em nossos dias, a "equação socrática" poderia ser reescrita – "razão = virtude = felicidade = saber = revolução". E assim talvez se complete a família cristã; o reino do niilismo pleno...¹⁴⁹

A sobreposição das verdades religiosa e racional produz um tipo de indivíduo militante que traz como característica ontológica, ou universo de valores morais, a promessa da revelação religiosa. Ao mesmo tempo, essa revelação religiosa é capaz de libertar os indivíduos em suas vidas terrenas, sem esperar a

¹⁴⁸VALVERDE, op. cit., p.64-5.

¹⁴⁹VALVERDE, op. cit., p.65.

inevitável morte para a obtenção das recompensas prometidas pela religião para além vida. Assim, nosso bom e velho militante, anarquista e anticlerical, iluminado pelas considerações articuladas no trabalho de Monclar Valverde, parece mais estar disputando com a concorrência o controle do rebanho do que tentando remover a ideologia "cegadora" da religião.

Ainda no interior do tema religioso vamos trabalhar, a partir deste ponto, um pequeno texto, mencionado acima, que carrega no nome parte do conjunto de suas significações. Referimo-nos a *O catecismo revolucionário*, de Serge Netchaiev.¹⁵⁰ Esse texto é composto de vinte e seis normas, divididas em "deveres do revolucionário para consigo mesmo",¹⁵¹ deveres para com seus camaradas, para com a sociedade e deveres da associação para com o povo. Perfeitamente de acordo com a definição constante no dicionário, o texto busca se constituir num manual do bom militante. A definição: "**catecismo**. [do gr. *katechismós*, 'instrução', pelo lat. *catechismu*.] **S. m. 1.** Livro elementar de instrução religiosa por perguntas e respostas. **2.** Ensino de dogmas e preceitos da religião. **3. P. ext.** Doutrina elementar sobre qualquer ciência ou arte".¹⁵²

¹⁵⁰Alguns esclarecimentos tornam-se necessários. Em primeiro lugar, o presente *Catecismo* é uma versão em francês, por nós traduzida. Ainda sobre esse texto, há uma certa controvérsia se teria sido escrito por Serge Netchaiev e Bakunin ou apenas pelo primeiro. Tendemos a concordar com Jean Barrué, que faz a introdução da revista SPARTACUS, mencionada acima, na qual encontramos o referido *Catecismo*, que a autoria é de Netchaiev. Este, por sua vez, foi um revolucionário russo, que organizou uma relativamente poderosa organização de estudantes revolucionários na Rússia czarista do final do século XIX. Não podemos colocar sobre esse militante a placa definitiva de anarquista. Contudo, havia uma certa proximidade entre este e Bakunin, assim como havia também muitas discordâncias, inclusive sobre o próprio *Catecismo*. Por eliminação, acabamos por colocá-lo nesse campo da esquerda, o anarquismo, ou seja, ele não constituiu um grupo comunista ou socialista, que eram as alternativas da época. Assim, mesmo que os anarquistas pudessem rejeitar o texto parcial ou totalmente, nós o consideramos muito revelador da personalidade dos militantes em geral e dos anarquistas em particular.

¹⁵¹SPARTACUS, p.61.

¹⁵²FERREIRA, op. cit., p.428.

A primeira linha do primeiro preceito já define o ritmo através do qual fluirá o conjunto de normas. Está lá que "o revolucionário é um homem que fez o sacrifício de sua vida".¹⁵³ Esse homem deve se livrar de todos os valores e sentimentos da sociedade em que vive para poder destruí-la. A partir dessa "libertação" inicial do indivíduo ele pode, como militante revolucionário, utilizar-se de todos os recursos para atingir seus objetivos, desde a submissão do conhecimento e da ciência até os amigos, as mulheres e os demais integrantes da sociedade.

Para ele, o que é moral, é aquilo que favorece a Revolução, o que é imoral e criminoso, é o que se opõe a ela. (...) Todas as simpatias, todos os sentimentos que podem nele existir e que nascem da família, da amizade, do amor ou do reconhecimento, devem ser asfixiados nele pela única e fria paixão da obra revolucionária. (...) A natureza do verdadeiro revolucionário exclui todo o romantismo, toda a sensibilidade, todo o entusiasmo, todo o élan. Ela exclui também todo o sentimento de ódio e de vingança pessoais. À paixão revolucionária, transformada no militante em um hábito constante e cotidiano, deve se unir o frio cálculo.¹⁵⁴

O bom militante deve, portanto, "limpar-se" de todos os vícios do mundo capitalista. Isto significa, também, transformar a si e aos outros em peças de uma máquina revolucionária. "Todo militante revolucionário deve ter à sua disposição alguns revolucionários de segunda ou terceira ordem, ou seja, aqueles que ainda não são totalmente iniciados".¹⁵⁵ Mencionando um dos tipos de detentores do poder, classificados em função das riquezas e das relações pessoais, o *Catecismo* afirma ser tarefa do militante "fazer deles nossos escravos. Dessa maneira seu poder, suas relações, sua influência e sua riqueza serão para nós um tesouro inesgotável e um precioso socorro em muitos empreendimentos".¹⁵⁶ Como dever implícito do bom

¹⁵³SPARTACUS, p.61.

¹⁵⁴SPARTACUS, p.62.

¹⁵⁵SPARTACUS, p.63.

¹⁵⁶SPARTACUS, p.65.

militante, este deve pertencer a uma associação ou organização política. Esta organização se pretende responsável por fazer a revolução, não de cima para baixo, mas de baixo para cima, talvez.

A Associação não possui outra tarefa que a emancipação total e o bem-estar do povo, isto é, daquela parte da humanidade submetida ao trabalho pesado. Mas, persuadida de que essa emancipação e esse bem-estar não serão conseguidos a não ser por uma revolução popular que destruirá toda a sociedade, a Associação trabalhará para expandir e multiplicar os males e os sofrimentos que desgastarão a paciência do povo e desencadearão sua revolta massiva.¹⁵⁷

Defensor da tese do "quanto pior melhor", o *Catecismo* considera, também, o Estado como um mal a ser extirpado. É tarefa da Associação, portanto, preparar "uma revolução que condene absolutamente toda idéia de Estado e transforme de cima a baixo, na Rússia, as tradições, as instituições e as classes sociais do Estado".¹⁵⁸ Este último aspecto nos parece dar a distinção dessa proposta catequizadora em relação às demais correntes revolucionárias. O anarquismo, em suas diferentes formas, possui em comum essa eleição do alvo principal no Estado e em suas instituições. Além disso, é possível verificarmos nas páginas do *Catecismo* elementos importantes na caracterização do processo de funcionamento do militante, entre eles aquele relativo ao formato religioso da coisa militante.

A militância política, nas suas variadas formas, mantém elos comuns de identidade. Parece-nos mais eficaz encontrá-los nesses aspectos oriundos da religião de forma mais geral e de características específicas da civilização judaico-cristã e ocidental. Num certo sentido, podemos chamar de arquétipos do ser. O tipo de organização racional da realidade acaba por produzir esses fenômenos que vão se sobrepondo e ocultando cada vez mais as raízes dos padrões de comportamento

¹⁵⁷SPARTACUS, p.66.

¹⁵⁸SPARTACUS, p.66.

esperados e de fato ocorridos. No nosso caso, temos essa já mencionada sobreposição de elementos.

A militância política introduz um dado novo: enquanto o sacerdote ascético mudou a direção do ressentimento transformando-o em má consciência, em consciência do pecado e necessidade de vivência da dor, o militante, através de sua "prática organizadora", traz a promessa de libertação da dor – da exploração, da opressão, da infelicidade e da injustiça.

Modificando a direção da culpa e transformando-a em novo ressentimento, deslocando o próprio ressentimento – potencializando-o pela organização, conferindo-lhe alcance "histórico" e dimensão "social" –, o militante cria as condições para o mais radical niilismo: o fim do *pólemos* como ideal de vida social, a indiferenciação, a homogeneidade, a morte. Oferecendo-se para tirar os fracos e doentes do estado inofensivo em que os colocou o sacerdote ascético, prometendo-lhes força num reino de igualdade, o militante tenta reunir um grande exército, o maior de todos, para com ele conquistar o *seu* próprio reino, onde o "sentido", enfim recuperado, estará definido pela força aniquiladora de incomensurável vontade de poder.¹⁵⁹ (grifos no original)

Não é tão simples como pode parecer à primeira vista. Os elementos que reagem entre si para produzir tal quadro são muito antigos e provêm de várias regiões. Talvez, pensando desta maneira se torne mais produtivo o estudo sobre a militância política de esquerda e a anarquista em particular. Reconhecemos uma certa singularidade nesse tipo de "entrada" para o problema. Por um lado, isso pode significar falta de reconhecimento entre os pares para esse tipo de análise. Preferimos trabalhar com a hipótese de que os objetos dos estudos acadêmicos contam, em vários casos, com um tipo de "contaminação" dado pelo autor. Uma certa complacência, em função de afinidades eletivas, acabou transparecendo em alguns trabalhos. Nesse caso, pode ser mais esclarecedora a entrada em cena de uma postura radicalmente crítica que desvelará aspectos até então imersos nas sombras do conhecimento. Isto não quer dizer que não há problemas com essa abordagem. Para cada opção temos um ganho e uma perda.

¹⁵⁹VALVERDE, op. cit., p.68-9.

3.3.1 Identidades Anarquistas

Para iniciarmos uma aproximação do militante anarquista com nosso tema específico podemos recorrer às abordagens mais comuns na literatura acadêmica sobre o assunto. Talvez por comparação ao militante comunista, que sempre aparece carregado com cores negativas, os anarquistas são mostrados, na maioria dos casos, de forma mais simpática, para usarmos um termo corriqueiro. Inicialmente, portanto, trataremos de equilibrar, de acordo com nosso ponto de vista, essa representação desse militante no sentido de identificarmos suas "verdadeiras" características. O militante anarquista difere em alguns aspectos do militante comunista, como já procuramos demonstrar. Tomaremos, dentre inúmeros outros trabalhos sobre o tema, aquele de Raquel Azevedo, por ser de mais recente publicação, para nos servir de mote em relação à representação do militante anarquista na maioria dos trabalhos acadêmicos sobre o tema. Em *A resistência anarquista*, encontramos elementos que nos permitem lidar com essas peculiaridades, chamemos assim.¹⁶⁰

Nesse trabalho a autora nos mostra como os anarquistas procuram manter sua identidade de militantes recuperando formas de manifestação dessa identidade presentes no início do século XX, quando o anarquismo era majoritário no movimento operário brasileiro que se articulava em torno de organizações políticas. Os meios tomados para tal demonstração passam pelos princípios organizativos, as formas de divulgação do ideário anarquista, que podem ser desdobradas na leitura, nas atividades lúdicas, na utilização de ilustrações nos periódicos, na tentativa de responder às críticas constantes ao movimento vindas da burguesia, e a greve como estratégia para a luta política. Temos, portanto, um leque de elementos articulados pelo tipo particular de militante organizado que é o anarquista.

¹⁶⁰Ver AZEVEDO, Raquel de. **A resistência anarquista**: uma questão de identidade (1927-1930). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

Na análise de ilustrações publicadas nos jornais do movimento, alguns elementos de auto-afirmação do anarquismo se fazem sentir.

A ilustração mostrava de forma agressiva e incisiva, a atitude a ser tomada pelos trabalhadores, chutando as nádegas de um agente do Ministério do Trabalho para não permitir que este interferisse ou vigiasse as ações sindicais. (...)

Assim, **força**, **coragem** e **orgulho** davam identidade à imagem do trabalhador, além de representar cenas idealizadas de uma revolução futura, encontrando espaço para agir na cena nacional. Essa idéia encontra-se bem representada numa outra ilustração publicada por *A Plebe*, em dezembro de 1932 (...), na qual o trabalhador altivo e bravo, com o punho cerrado, o peito estufado e em atitude de repulsa, expulsa o integralista Gustavo Barroso e seu grupo aterrorizado da praça pública em Niterói.¹⁶¹ (grifos no original)

O militante anarquista procura outros caminhos, distintos daqueles trilhados pelos comunistas, por exemplo, para atingir seus objetivos políticos. A essência do ser militante continua presente ali também, no meio anarquista. A diferença mais geral e visível em relação ao outro, também militante, está na superfície e não na raiz das coisas. Pressionado pelos inimigos de classe por um lado (a burguesia e seus agentes) e pelos adversários políticos de outro (sindicalismo conservador ou amarelo, socialistas e, depois, os comunistas), o recurso do anarquismo foi "a insistência na remissão ao passado e na manutenção de um conjunto de padrões morais, culturais e organizativos (...) para a garantia da integridade de uma identidade que se defrontava e se afirmava em meio hostil".¹⁶²

Vemos, assim, no trabalho de Raquel de Azevedo, a articulação de um recurso à identidade do próprio grupo para se defender dos inimigos. Ou seja, a construção de uma espécie de concha na qual se abrigava o movimento em declínio. Passa a fazer parte das atividades do grupo a intensificação de recursos educativos, por exemplo, que vão reforçar os laços de identidade entre os militantes.

¹⁶¹AZEVEDO, Raquel de, op. cit., p.213. Suprimimos as imagens tendo em vista considerarmos que a descrição das cenas nos pareceu suficiente para atingirmos nossos objetivos.

¹⁶²AZEVEDO, Raquel de, op. cit., p.360.

Além disso, essas atividades mantêm seus laços com o passado não tão distante assim e permitem a continuidade do trabalho de propaganda dos ideais libertários.

A viabilidade da prática educativa, fundamental na concepção libertária, calcava-se nas formas de organização dos sindicatos e de grupos que tinham, como base, o princípio antiautoritário e mecanismos que impedissem o estabelecimento de chefes ou interesses que desviassem a opção consciente dos trabalhadores pela associação solidária. As atividades culturais, como os festivais, cursos e palestras, não eram apenas complementos às atividades sindicais e aos grupos, mas compunham-se como meios para a concretização de suas finalidades primordiais, ou seja, para a formação e conscientização do trabalhador.¹⁶³

Deixando momentaneamente de lado a visão um tanto complacente de que não havia autoritarismo no meio anarquista, ou melhor, que os anarquistas combatiam o autoritarismo, podemos identificar os aspectos mais marcantes da visão de mundo do movimento anarquista que nos interessam destacar. Referimo-nos às "atividades culturais" apontadas por Raquel de Azevedo. Esse conjunto de atividades pressupõe vários tipos de leituras. É essa articulação que procuraremos fazer a seguir.¹⁶⁴

Antes disso, contudo, nos parece útil reforçar esse aspecto da militância anarquista propriamente dita. Estamos nos referindo à maneira pela qual os anarquistas viam o seu lugar na relação com a transformação do mundo. Num segundo momento, trataremos de articular essa questão com a moral anarquista, ou se preferirmos, discutiremos os anarquistas e a questão da moral... Para os principais líderes do movimento anarquista, o militante deveria funcionar como uma

¹⁶³AZEVEDO, Raquel de, op. cit., p.360.

¹⁶⁴Antes disso, contudo, vale mencionarmos que, por estarmos tratando do militante anarquista, cabe-nos apresentar uma distinção existente no meio anárquico entre as duas concepções mais conhecidas: os anarco-sindicalistas e os anarco-comunistas. Os primeiros centravam na ação sindical seu foco enquanto os outros lutavam contra todos os tipos de autoridade, inclusive aquela oriunda dos sindicatos. Temos, assim, uma distinção entre eles. Para nossos propósitos não nos parece necessário aprofundarmos esta questão. Daí apenas esta pequena menção.

espécie de pastor, no sentido religioso do termo, de pregador de boas idéias, aquele que semeia idéias anarquistas hoje para colher a revolução amanhã.¹⁶⁵

É certo, entretanto, que a propaganda pela ação direta, conforme preconizava Bakunin, apesar de pressupor a iniciativa dos próprios trabalhadores, em parte desacreditava a sua capacidade espontânea nesse sentido e valorizava a atuação do militante libertário junto a esses. Entendendo o capitalismo como uma organização que degradava os homens, e entre eles as classes trabalhadoras, os anarquistas criam na necessidade da (re)educação destas com vistas à regeneração humana que se daria com a Anarquia. Preconizavam, portanto, "um trabalho sistemático de propaganda, educação e exemplo" (...) realizado pelos militantes libertários.¹⁶⁶

Havia naquele momento uma visão específica da própria militância de que os indivíduos que possuíam o saber eram distintos dos demais e deveriam levar até eles uma mensagem redentora. Esse procedimento representava, para o militante, um sentimento de superioridade. Ele apenas se via como o indivíduo igual aos outros que ao tomar contato com as idéias anarquistas evoluiu para um nível superior. Seu dever, agora, é o de levar para o maior número possível de trabalhadores essa verdade que fará com que eles também se emancipem, tanto em relação à própria consciência quanto em relação à exploração capitalista. O trabalho de Claudia Leal faz uma abordagem desse tema, mostrando que os militantes procuravam aparentar essa igualdade, mas, "fica evidente (...) que a militância

¹⁶⁵Não pretendemos, com este tipo de afirmação, estabelecer juízos a respeito dos militantes. Estamos tentando apenas caracterizar sua ação. Isto significa que aqueles indivíduos eram íntegros o suficiente para dedicarem suas vidas ao assim chamado movimento. É uma reclamação constante entre os velhos militantes que as coisas mudaram muito. "Hoje em dia" as pessoas não mais se dedicam à causa como antes. O fato de o militante agir em nome da consciência de classe não significa que ele tenha nem a consciência de classe nem a do indivíduo e suas ações propriamente.

¹⁶⁶Nessa dissertação a autora trata da relação entre a literatura de ficção e a propaganda anarquista. Da contextualização da militância ali presente é que pudemos sacar estas proposições sobre os anarquistas. Ver, portanto, LEAL, Claudia Feierabend Baeta. **Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)**. Campinas, 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. p.35.

libertária era vista, por ela mesma, a partir de traços de distinção em relação aos demais homens".¹⁶⁷ Contudo, se aqueles militantes se distinguiram dos demais indivíduos, procuravam se unir a eles para retirá-los de sua condição de explorados e fazer a revolução. E, é claro que a condição de operários retiraria dos militantes o tempo necessário para a re-educação e o trabalho de difusão das idéias ácratas. Os operários, ao adquirirem tais idéias, provavelmente deixariam de ser operários, tornando-se militantes.

No Brasil, houve exemplos de libertários que perfizeram trajetórias semelhantes [aqueles que nunca tiveram ocupação fabril, por exemplo], como Benjamim Mota, anarquista brasileiro, diretor do jornal *A Lanterna* em seus primeiros anos, responsável pela fundação d'*O Amigo do Povo*, advogado que "defendeu muitos militantes ameaçados de expulsão e escreveu um dos primeiros livros de autor brasileiro sobre o anarquismo: *Rebeldias*." (...) Ou ainda Oreste Ristori, italiano de origem campesina, chegado ao Brasil em 1904, cuja formação intelectual se deu simultaneamente ao seu engajamento no movimento anarquista na Itália, Argentina e Uruguai e que "não se constituiu nunca num operário fabril. Desconhecemos qualquer emprego registrado, ou referência indireta a empregos em fábrica. Quando mais tarde deixou de viver como jornalista pago pela militância, passou a trabalhar por conta própria, como químico para imprensa"....¹⁶⁸

Podemos, em certo sentido, fechar esse conjunto de considerações sobre o militante anarquista, afirmando que embora boa parte dos militantes mais destacados se constituía em uma espécie de vanguarda, destacada das massas, os anarquistas sempre procuraram realizar seu discurso voltado para a classe operária. Como forma de buscar uma coerência em relação ao dito e ao feito (ou ao por fazer) tornava-se imprescindível que as coisas fossem dessa forma. Para reforçar sua identidade, para dar coerência ao seu discurso e para mostrar-se como parte integrante da classe e, assim, atrair sua atenção como algo endógeno e não exógeno, essa direção precisava ser dada ao texto político do anarquismo. Até por questões morais, havia essa

¹⁶⁷LEAL, op. cit., p.37.

¹⁶⁸LEAL, op. cit., p.38-9.

necessidade. Afinal, segundo o ensaio de Jardel Cavalcanti, "o que preocupa os anarquistas é a formação de um novo homem a partir de um projeto educacional próprio em que se criem relações afetivas, em que se funde um novo modo de organização familiar, uma nova maneira de viver. Tudo isso baseado na igualdade, na liberdade e na felicidade, que deve ser construída por todos os oprimidos, aqui e agora".¹⁶⁹ E, para além disso, "esses preceitos morais determinam os comportamentos dos grupos onde são estabelecidas as relações sociais em torno das quais elabora-se um conjunto de regras de conduta que devem seguir".¹⁷⁰

Essa nova educação a ser transmitida para todos os homens, e para os militantes em primeiro lugar, compunha uma espécie de cosmogonia específica, da qual alguns aspectos nos chamam a atenção. O primeiro a mencionarmos seja o desprezo e o repúdio às várias formas de autoridade. Esse valor é, talvez, o mais conhecido e vulgarizado, sendo que os próprios anarquistas se colocam como anti-autoritários. Para além de uma manifestação de dificuldade em lidar com a autoridade, posição infantilizada, o conjunto de valores morais que norteavam o mundo anarquista abarcava as principais facetas da vida em sociedade. Seguiremos, aqui, os aspectos destacados por Jardel Cavalcanti para compormos uma amostra dessa moral. Naquilo que esse autor chama de "práticas condenáveis", encontramos uma relação de valores que visam substituir a moral burguesa, supostamente degenerada e degeneradora. Contudo, as coisas não são como se apresentam.

O que podemos ver é que o discurso libertário veiculado na sua imprensa é marcado por uma certa moralização que se traduz numa defesa dos padrões familiares de modelo sexual burguês (castidade pré-conjugal, fidelidade, exaltação da maternidade), na censura às formas de lazer e vícios (o carnaval, o baile, o futebol, o álcool e o fumo – às vezes até a carne), sendo estas últimas vistas como práticas imorais, sinais de degeneração, que visam enfraquecer e

¹⁶⁹Ver CAVALCANTI, Jardel Dias. **Os anarquistas e a questão da moral (Brasil – 1889/1930)**. Campinas: Cone Sul, 1997. p.14-5.

¹⁷⁰CAVALCANTI, J. D., op. cit., p.24.

entorpecer a classe operária, desviando-a do cumprimento de sua função histórica e revolucionária.

Na tentativa de organizar o movimento operário, a corrente anarquista confere a certas formas de lazer e à educação uma importância decisiva, propondo que fossem sempre controladas pelo proletariado e usadas como forma de organizar o cotidiano dos operários.¹⁷¹

Na tentativa de fundar uma nova moral, o discurso anarquista acaba por se assemelhar, em larga medida, aos discursos reacionários do interior da "burguesia decadente", para usarmos uma expressão comum no meio militante. Atacando as "práticas condenáveis", os periódicos acabam por mudar a vestimenta do mesmo discurso. As tais práticas, "o baile e o carnaval"; "o alcoolismo"; "o futebol" e "a prostituição", são alvo de críticas ferozes. Para os nossos padrões, a crítica a algumas dessas práticas pode parecer "normal". Mas, por exemplo, no que tange ao futebol já não nos parece tanto. Contudo, como ilustração, vamos tomar uma passagem do texto de Cavalcanti relativa aos bailes, para contrastarmos o viés conservador. Embora longa a citação, temos aqui um exemplo revelador, nas palavras do autor e do periódico anarquista, da visão moralista do anarquismo. Iniciando com uma matéria do jornal *A Voz do Povo* temos a impressão de estarmos lendo algum texto religioso ou de fundo religioso, tamanha a repulsa demonstrada no texto pelos eventos carnavalescos.

É o carnaval que chega (...) no meio da loucura desbragada, da máxima orgia, no meio de tanta miséria e corrupção.

Voz do povo quis ver de perto os primeiros efeitos da bacanal deste ano; quis sondar o horror que vai por todos os antros de vícios, onde apodrece uma mocidade digna de melhor sorte!

(...) Nada interessa aos que ali se reúnem em promiscuidade. (...) o champanhe venenoso é de uso obrigatório.

(...) Os mais escrupulosos se afastam, para dar lugar às mulheres que vão lançar, no brilho das luzes multicores, a reclame da carne, que se expõe a aluguel. É de ver com tristeza os olhares lânguidos de melindrosas.

(...) Jogo, vinho e mulheres! Eis tudo que se aproveita no meio de tantas vergonhas.

¹⁷¹CAVALCANTI, J. D., op. cit., p.29.

(...) Eis aí o surgir do carnaval na sua nudez tão patente como a dessas infelizes, que a troco de alguns tostões ou de uma fantasia barata se deixam levar ao suplício de suportar em posições provocantes, a curiosidade pública, que louca e furiosa levanta aplausos. (...)

O que podemos ver, então, a partir desses exemplos, é que há um verdadeiro puritanismo ético-moral no que tange à relação dos anarquistas com as questões do baile e do carnaval. Puritanismo expresso no tom fortemente moral que marca a crítica libertária a eles. Os libertários acabam dessa maneira refletindo na sua crítica o mesmo conteúdo moral das instituições dominantes que viam os "hábitos operários no escasso tempo de lazer [como] vícios"...¹⁷²

Em relação aos demais temas dessas "práticas condenáveis", vamos apenas mencionar o caso do futebol, que era visto como uma espécie de ópio do povo. Ao lado da igreja e dos políticos, o futebol aparecia como uma das formas mais eficientes de se manter os trabalhadores longe de suas verdadeiras vocações revolucionárias. Ao longo do tempo, os anarquistas mantiveram sua crítica ao famoso esporte bretão que se popularizou rapidamente no Brasil. "Sendo um esporte de fácil assimilação e de baixo custo, o futebol se transformou no principal divertimento dos operários. Com a sua propagação, os campos de futebol passaram a funcionar como ponto de encontro e divertimento das famílias operárias que, nos fins de semana, enchiam os inúmeros campos recém construídos".¹⁷³

O movimento anarquista considerava que a militância era mais importante do que o lazer ou, que o lazer fazia sentido quando subordinado a um processo de educação política.

"Aceitando o engodo dos interessados na perpetuação do regime de exploração, temos corrido ao futebol (...) descuidando do sindicato que é o onde de fato o trabalhador adquire a consciência de si próprio, o valor de sua personalidade (...)". Atacando o futebol como esporte de parasitas, posto que as formas de evasão do cotidiano e atividade lúdica de nada servem para os anarquistas, eles tentam criar uma noção de divertimento instrumental e moralmente sadio:

¹⁷²CAVALCANTI, J. D., op. cit., p.36-7.

¹⁷³CAVALCANTI, J. D., op. cit., p.42-3.

"É um jogo para os parasitas e os ociosos que precisam exercitar os músculos em um trabalho inútil, desprezando ao mesmo tempo o trabalho útil e os que o fazem". Não seria o futebol que os anarquistas apoiariam já que sempre que apoiavam atividades recreativas só o faziam visando a um fim educativo ou a uma maior integração da classe operária. Este tipo de crítica às atividades recreativas era uma constante na imprensa anarquista que tendia a identificar tais práticas com o abandono e a despreocupação dos operários com a luta social.¹⁷⁴

Quanto aos demais temas selecionados por Jardel Cavalcanti, encontramos uma similitude no que diz respeito àqueles já vistos. Tanto a igualdade feminina quanto o amor livre são tratados de forma contraditória na imprensa anarquista. No primeiro caso, temos as feministas do anarquismo fazendo campanha pela emancipação da mulher, enquanto os homens, também por meio dos jornais, afirmam que o lugar natural das mulheres é em casa, cuidando dos filhos. Nomes como Matildi Grassi e Maria Lacerda de Moura assinam vários textos sobre o assunto, em defesa da igualdade. Para o anarquismo, a libertação da mulher é uma questão moral. Nesse sentido é fundamental a instrução. "Não é à toa que *A Plebe*, o jornal anarquista de mais longa duração, indica para suas leitoras os livros e conferências da feminista Maria Lacerda de Moura, estes recomendados também pela Biblioteca Social dos Anarquistas denominada 'A Inovadora'".¹⁷⁵

É possível identificarmos, aqui, a atenção dada à leitura como instrumento de formação moral e emancipação política e social.

E é isso que faz Maria Lacerda ao publicar seus artigos na imprensa, condenando a dominação dos homens e a passividade das mulheres frente a esta situação. "A brasileira não lê. É preciso que saiba que o homem não a libertará. (...) É necessário que a mulher ocupe o lugar que lhe é reservado, de justiça, entre os homens.

¹⁷⁴CAVALCANTI, J. D., op. cit., p.43 e 46. A primeira passagem entre aspas foi retirada por esse autor de ANTUNES, Fátima M. R. *Anarquistas e comunistas no futebol de São Paulo. D. O Leitura*. São Paulo: IMESP, v.1, n.27, p.2, dez. 1992. A segunda passagem entre aspas foi retirada de *O Trabalhador Chapeleiro*. São Paulo, 01.01.1933.

¹⁷⁵CAVALCANTI, J. D., op. cit., p.56.

Que ela tome seu posto de igual (...) que ela o saiba, que ela o sinta, que o prove, que o faça pregar. Se não o fizer será a eterna escrava, que se acorrenta pelas próprias mãos.

É indispensável que a mulher trabalhe pela mulher. É preciso sobretudo que ela se instrua e divulgue as leituras fortes e úteis, fazendo compreender que somos uma poderosa e formidável energia no grande continente das energias sociais".¹⁷⁶

Retomando as afirmações feitas por Jardel, temos uma contradição entre o discurso das mulheres e o discurso dos homens em relação à emancipação feminina. No caso desses, a visão tradicional é aquela que predomina na imprensa libertária, enquanto as falas feministas apresentam-se avançadas para os padrões da época. É esclarecedor o ponto de vista masculino sobre esse tema.

...nós nado devemos ensinar (o trabalho) a essas mulheres que amanhã nos virão a substituir, mas devemos fazer-lhes compreender que o seu lugar é em casa, a tratar e educar seus filhos (...); Oxalá que elas saibam compreender seu papel de educadoras daqueles que amanhã serão os nossos substitutos na luta do pão e da conquista do bem-estar da humanidade, pois, assim, demonstrarão à sociedade serem verdadeiras rainhas do lar; o papel de uma mãe não consiste em abandonar seus filhos em casa e ir para a fábrica trabalhar, pois tal abandono origina muitas vezes conseqüências lamentáveis, quando melhor seria que somente o homem procurasse produzir de forma a prover as necessidades do lar.¹⁷⁷

Esse mesmo descompasso pode ser verificado em relação ao tema do amor livre. As discussões sobre o amor livre propunham desde a negação do casamento como um contrato imposto pela sociedade, mediante a livre associação entre os casais, até o fim da monogamia. Mas, quando essas idéias foram colocadas em prática, o resultado foi desastroso, pois provocou rupturas no interior do grupo anarquista.¹⁷⁸

¹⁷⁶CAVALCANTI, J. D., op. cit., p.57.

¹⁷⁷CAVALCANTI, J. D., op. cit., p.60-1. Passagem retirada de *A Razão*. 27 jul. 1919. Citado, segundo Jardel Cavalcanti, por RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil: 1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Col. Estudos Brasileiros). p.68-9.

¹⁷⁸CAVALCANTI, J. D., op. cit., p.75 e segs.

A abordagem feita por Jacy Alves de Seixas em seu livro *Mémoire e oubli*, retoma questões relativas à moral anarquista, ou mais precisamente, aos valores morais propostos pelo anarquismo. A idéia da contradição, presente no texto de Jardel Cavalcanti aparece nesse também.¹⁷⁹ Talvez de forma mais sutil, mas seguindo no mesmo sentido. Seixas procura mostrar essa espécie de ambigüidade presente no discurso. Citando um texto de 1898, da autoria de Gigi Damiani e intitulado *La dona e l'amore*, essa autora nos mostra que quanto ao casamento existia uma proposta de ruptura do anarquismo em relação à moral burguesa:

O que é o casamento? É o ato de prostituição mais lascivo quando o amor não existe; a coisa mais barroca e a mais tirânica em suas conseqüências, quando ele existe. (...) O casamento nada mais é do que um contrato de venda, sancionado pela lei e pela religião (...). [O homem no casamento] é a bruto dominante que exige, governa, castiga; é o tirano que define para si mesmo a mais completa liberdade enquanto que a nega para sua companheira.¹⁸⁰

No que diz respeito a outros aspectos, a ruptura cede lugar a uma exacerbação da moral burguesa. Ou ainda, podemos notar que a nacionalidade do "teórico" e o público alvo influenciam as conclusões das propostas. "A moral operária da época tende a valorizar o ascetismo, a temperança, onde a razão e a ação são consideradas como as condições necessárias para o seu desabrochar. Nós estamos aqui diante dos antípodas do anarquismo espanhol, que exaltava os instintos vitais, particularmente o sexo".¹⁸¹ No caso do anarquismo brasileiro, como já pudemos ver anteriormente, existe uma face mais constricta. A título de ilustração podemos reproduzir a passagem relativa às práticas sexuais utilizadas por Seixas e retiradas do periódico *O Baluarte*, n.º 15, de 01/04/1908. A matéria intitula-se "A degeneração de nossa espécie

¹⁷⁹Ver SEIXAS, Jacy Alves de. *Mémoire et oubli: anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil: mythe et histoire*. Paris: Ed. de la Maison des sciences de l'homme, 1992.

¹⁸⁰SEIXAS, op. cit., p.224. Tradução livre.

¹⁸¹SEIXAS, op. cit., p.225. Tradução livre.

– suas causas e os meios de evitá-la". "O excesso sexual é a causa de grandes e graves perturbações orgânicas. (...) A masturbação é uma outra aberração que traz em si prejuízos, uma impureza repugnante que custa milhares de vidas (...). Seus resultados maléficos são palpáveis: (...) ela degrada e atrofia, enerva o juízo e arrasta o pensamento na lama, ela faz de seus descendentes seres raquíticos e anormais".¹⁸² Podemos notar uma ênfase exagerada nos males provocados por esse tipo de atividade. Este tom aparece em outras situações, com uma retórica eloqüente substituindo argumentos e fatos para a demonstração do pretendido. Esse tipo de discurso nos leva a concluir que a crença no poder da palavra é muito forte.

Fica suficientemente claro, do nosso ponto de vista, que o discurso político do anarquismo é carregado de valores morais. Além disso, a contradição entre um certo puritanismo e valores revolucionários também salta aos olhos. Alguns dos textos que utilizamos para articular esta parte de nosso trabalho procuram identificar as razões dessa discrepância. Ora apontam para uma necessidade de se opor ao padrão burguês, ora procuram relativizar as diferenças, seja pela inexistência de depoimentos que nos informariam sobre a opinião das bases, seja pela própria característica do anarquismo que respeita as diferenças. Monclar Valverde, mais uma vez, nos auxilia de forma decisiva a compreender esses aspectos opacos, diante do restante da bibliografia, sobre essa corrente política.

Valverde articula sua análise do militante anarquista a partir de um aspecto central, a saber, o fato de que "a política anarquista – *seu projeto de poder* – implica, assim, uma retórica que desdobra essa 'dialética' entre 'espontaneidade' e 'necessidade histórica' numa contínua redefinição da imagem do suposto 'sujeito político' constituído pelo seu discurso, diante das situações históricas concretas".¹⁸³ (grifo no original). O eixo da construção da identidade do militante anarquista passa

¹⁸²SEIXAS, op. cit., p.226. Tradução livre.

¹⁸³VALVERDE, op. cit., p.268.

pela negação da política "tradicional" e pela construção de um discurso sobre a consciência histórica, ou se preferirmos, a verdade histórica. Como são poucos os indivíduos que possuem essa consciência, eles constituem uma vanguarda esclarecida que deve dirigir as massas ignoras.

Como epígrafe do item "Política Anarquista e História" de Valverde temos uma passagem esclarecedora. Referindo-se à política, do ponto de vista de um anarquista, esse autor escreve que ela "...é a 'arte' em que os desequilibrados emocionais, os deficientes psíquicos e os delinquentes em potencial encontram proteção e segurança para se realizarem totalmente".¹⁸⁴ (grifo nosso). Os anarquistas se propõem capazes de atuar na política revolucionária de forma não autoritária, ou seja, promover uma justa articulação entre fins e meios, sem impor sua filosofia política aos trabalhadores. Contudo, parece-nos que a simples afirmação de uma atuação revolucionária não autoritária não lhes confere os méritos que proclamam ter.

Supondo, contudo, que o anarquismo consegue extrair a essência da revolução das leis naturais que regem a sociedade e impregnar sua prática com ela, torna-se necessário, portanto, eliminar todos os elementos que reproduzem a antiga ordem de coisas antinatural.

...os anarquistas procuram assegurar a isenção de seu projeto com relação às marcas autoritárias remetendo-o a uma base "natural" que subsistiria por trás do domínio do "princípio de autoridade" corporificado exemplarmente no Estado e em seus "tentáculos": a Escola, a Igreja e a Política. Daí porque sua ação – ou se preferirmos, sua *política* – seria, antes, destrutiva que propriamente construtiva, uma vez que sua principal tarefa consistiria exatamente em "remover" aqueles instrumentos e superar os efeitos de sua intervenção ao longo da história humana. Esta operação "corretiva" deve ter, por sua vez, ao lado de seu aspecto violento e destrutivo, um caráter marcadamente *didático*...¹⁸⁵ (grifo no original)

¹⁸⁴VALVERDE, op. cit., p.264. Retirado pelo autor de Edgar Rodrigues, **ABC do Anarquismo**.

¹⁸⁵VALVERDE, op. cit., p.266.

O anarquismo, assim, por meio da ação de seus militantes cumpriria o papel de professor das multidões. Não um tipo qualquer de professor mas aquele que detém o conhecimento dos rumos naturais que a sociedade deve seguir para se emancipar dos seus problemas mais sérios. Como os operários, classe alvo da militância, nem sempre se colocam ao lado das propostas anarquistas, a resposta para o problema é encontrada na ignorância do outro em relação às propostas redentoras.

Encarando, desse modo, o comportamento das massas como algo na maioria das vezes estúpido e apático, só resta ao militante anarquista conceber o pensamento e a ação da "vanguarda" como patrimônio de uma minoria. Diante da "massa atrasada", a ação esclarecedora e emancipadora desta parcela minoritária surgirá, portanto, como verdadeiro sacerdócio da razão revolucionária que ora se desespera ante a falta de resposta das "massas", ora se lança a tomar a ação "necessária" nas próprias mãos.¹⁸⁶

Mesmo com o desespero em relação à ignorância das massas, o militante anarquista retorna para o seu manancial de conciliação com a paz interior. No discurso racional ele busca os elementos para colocar as coisas que teimam em não se encaixar no seu devido lugar. Ao deslocar para o inimigo político a razão para a alienação (alienação é igual a não seguir a política proposta pelos anarquistas) dos trabalhadores, a vanguarda se furta a avaliar as suas propostas políticas e os meios para atingi-las. Ao transferir, enfim, a postura autoritária para os outros, por meio desse recurso retórico, a autodenominada vanguarda se livra da possibilidade de reproduzir aqueles erros dos inimigos e adversários. A frase poderia ser formulada assim: os outros são autoritários, portanto, o problema está com eles. E, se o problema está com eles não está conosco. Por fim, se nós os criticamos isto significa que não somos passíveis de cometer os mesmos erros que eles, porque o erro é deles, nós identificamos o erro e o criticamos.

¹⁸⁶VALVERDE, op. cit., p.267.

...a forma particular com que este discurso propõe, em nome dos trabalhadores, a ruptura com a tutela representada pelo Estado e pela 'Política' conduz exatamente à tutela das 'vanguardas' – definidas, não por sua prática efetiva na direção das lutas das 'massas', mas pelo misterioso direito à liderança conferido por sua suposta consciência da ordem da 'necessidade histórica'.¹⁸⁷

Para concluirmos preliminarmente esta parte do capítulo afirmamos que a militância anarquista, por se apoiar no discurso como forma de ludibriar os observadores, consegue, ao longo do tempo, aparecer como menos autoritária, se comparada aos comunistas. Além disso, aproxima-se muito do texto acadêmico à medida que utiliza, também, recursos racionais para a construção de justificativas e proposições científicas e/ou naturais. Retomamos, aqui, a idéia apresentada anteriormente sobre a militância em geral no que concerne à destruição de determinados valores morais e a sua substituição por outros. Através do discurso racional e científico, são descobertos os males da atual sociedade, bem como propostas soluções para resolver os dramas cotidianos e existenciais da humanidade.

Uma das melhores formas de se educar e reeducar o indivíduo é através da leitura, e os anarquistas sabem disso. Tomamos emprestada do trabalho de Monclar Valverde uma passagem do jornal anarquista *A Plebe*.¹⁸⁸

É sabido, é lei sociológica, que a libertação de um povo só pode ser obra desse mesmo povo.

Mas como poderão libertar-se da escravidão e da ignorância em que jazem, umas criaturas a quem nunca disseram que o homem tem direito à satisfação de todas as suas necessidades normais; que todos os homens têm iguais direitos; que o amor e a solidariedade são as bases da perfeição moral; que a insubmissão é condição 'si ne qua non' da liberdade integral e, em suma, que fora do círculo férreo de lutas fratricidas, de egoísmo anti-natural e de moral acanhada em que vivemos existe um campo vasto onde os homens poderão adquirir livremente a

¹⁸⁷VALVERDE, op. cit., p.275.

¹⁸⁸Conforme a nota número 8, p.297, do texto de Valverde: "'Uma Cruzada que se Impõe'. *A Plebe*, n. 3, 23 de junho de 1917. Artigo assinado por Antônio Canellas – futuro membro do PC – e datado: 'Maceió, 09 de junho de 1917'." Podemos destacar do título o termo "cruzada", apenas para lembrarmos o viés religioso presente na militância.

felicidade? E quem poderá realizar essa cruzada de elucidação do povo senão os homens idealistas e de boa vontade?

Pelo livro, pelo jornal, pela palavra, os homens idealistas deverão ir criando um ambiente moral e uma corrente de opiniões que permitam ao trabalhador rural conhecer o meio de se libertar.¹⁸⁹

Nada mais apropriado para pensarmos a gênese da opção pela leitura para incentivar a formação do militante do que a suposição alinhada acima de que a palavra é a verdade, seja ela falada ou impressa.

3.4 O MILITANTE ANARQUISTA E A LEITURA

3.4.1 Atribuição de Valores ao Saber Ler

Existe um entroncamento da leitura com a produção histórica dos tipos e formas assumidos pela impressão dos textos. Ao mesmo tempo, a impressão que os textos causam sobre nós leitores constitui, também, uma produção dos homens e de sua história. Retornando ao colóquio entre Chartier e Bourdieu, tomaremos emprestada uma consideração deste último sobre o poder ou a eficácia da leitura.

Penso evidentemente na famosa fórmula do senso comum: "Só pregamos a convertidos.". É evidente que não é preciso atribuir à leitura uma eficácia mágica. Essa eficácia mágica supõe condições de possibilidade.

(...) Entre os fatores que predisõem a ler algumas coisas e a ser "influenciado", como se diz, por uma leitura, é preciso reconhecer as afinidades entre as disposições do leitor e as disposições do autor. (...) Basta pensar naquilo que se chama revolução de costumes: o fato de que algumas coisas que eram censuradas, que não podiam ser publicadas, se tornassem publicáveis, tem um efeito simbólico enorme. Publicar é tornar público, é fazer passar do oficioso ao oficial. A publicação é a *ruptura* de uma *censura*. A palavra censura é comum à política e à psicanálise, e isso não é por acaso. O fato de que uma coisa que era oculta, secreta, íntima ou simplesmente indizível, mesmo que não recalcada,

¹⁸⁹VALVERDE, op. cit., p.271.

ignorada, impensada, impensável, o fato de que essa coisa se torne dita, e dita por alguém que tem autoridade, que é reconhecido por todo mundo, não somente por um indivíduo singular, privado, tem um efeito formidável. Evidentemente, esse efeito só se exerce se houver predisposição.¹⁹⁰

Acrescentamos a isso o poder da recomendação dos que já experimentaram a luz do conhecimento. Essa indicação reforça a eficiência do convencimento. E, obviamente, não falta a predisposição acima mencionada. Tendo na lembrança essas questões presentes no debate entre Roger Chartier e Pierre Bourdieu, podemos considerar que a leitura de um acontecimento é marcada pelas influências que as formas de leitura historicamente dadas têm sobre nós.

O livro permite que todos aqueles códigos e recortes da realidade de maneira racional sejam passados de mão em mão (e de consciência em consciência) com maior velocidade. Isto propiciou a transmissão das várias formas de se ver o mundo num aparato físico e mental muito eficiente.

É dessa eficiência que tratamos no presente trabalho. Mas, para não nos esquecermos totalmente da existência do leitor, torna-se obrigatória a apresentação dos autores que trabalham essa questão a partir de um outro ponto de vista. Inicialmente trabalharemos com o livro de Vilém Flusser, para lidarmos com a leitura a partir de um viés um pouco diferente daquele mencionado acima.¹⁹¹

Para tratarmos dessa questão é necessário considerarmos que a escrita linear é um marco na história da representação da realidade pelo homem. Das paredes das cavernas, onde a primeira abstração aconteceu para a escrita linear, onde todas as abstrações estão dadas, temos um longo caminho percorrido no tempo, no espaço, na sofisticação dos processos de representação com o resultado – e aqui não nos

¹⁹⁰CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p.244-5.

¹⁹¹Estamos nos referindo à seguinte obra: FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

importam os objetivos – da racionalização do mundo e a possibilidade mais ágil do "ensinar". Ao olharmos uma imagem traçamos caminhos aleatórios e subjetivos.

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. (...) O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno.

(...) Ao circular pela superfície o olhar tende a voltar sempre para elementos preferenciais. Tais elementos passam a ser centrais, portadores preferenciais do significado. Deste modo o olhar vai estabelecendo *relações significativas*. O tempo que circula e estabelece *relações significativas* é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do linear, o qual estabelece *relações causais* entre eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo.¹⁹²

A abordagem reproduzida parcialmente acima nos faz pensar o texto escrito e sua leitura a partir de um outro ponto de vista. É isto que nos interessa no momento, a saber, buscar novos pontos de vista para tratarmos de uma questão antiga: a leitura.

Em *Filosofia da caixa preta*, temos uma descrição simples e eficiente do processo de criação dos instrumentos representativos da realidade. No primeiro passo dado para a o distanciamento dos outros primatas o pintor das cavernas extrai duas das dimensões do objeto, a profundidade e o tempo. Este é congelado nas paredes de pedra com apenas a largura e a altura. Outro integrante da mesma espécie, ao ver o desenho, repõe as duas dimensões extraídas, imagina essas duas dimensões além daquelas que vê, reconstruindo ali, na sua mente, o objeto por inteiro, vivo. Esse "leitor" da imagem irá olhá-la de cima para baixo, da direita para a esquerda, em diagonal e sempre voltará para ela no processo de eterno retorno para aquilo que é conhecido e está ali representado em apenas duas dimensões, através de uma síntese mágica que apenas o homem pode produzir. E, pode produzir apenas para outros homens que *devolverão, magicamente*, as dimensões retiradas

¹⁹²FLUSSER, op. cit., p.8.

da imagem, através da imaginação e, assim, reconstituirão o movimento do eterno retorno. Mas, seguindo ainda os passos de Flusser, os homens que inicialmente usavam as imagens como janelas para o mundo, passaram a ter naquelas representações biombos ao invés de janelas. Dessa forma, aquilo que servia para "ver" o mundo passou a encobri-lo.

O homem se esquece do motivo pelo qual imagens são produzidas: servirem de instrumentos para orientá-lo no mundo. *Imaginação* torna-se alucinação e o homem passa a ser incapaz de decifrar imagens, de reconstruir as dimensões abstraídas. No segundo milênio A. C., tal alucinação alcançou seu apogeu. Surgiram pessoas empenhadas no "relembramento" da função originária das imagens. O método do rasgamento consistia em desfiar as superfícies da (sic) imagens em linhas e alinhar os elementos imagéticos. Eis como foi inventada a escrita linear.¹⁹³ (grifo no original)

O segundo grande passo foi então dado na direção do distanciamento da fase "selvagem" da espécie humana. A invenção da escrita cuneiforme e linear, na antiga Mesopotâmia, atualmente Iraque, concretiza mais essa ruptura. A escrita linear estabeleceu uma divisão entre aquele mundo das dimensões sintetizadas e recriadas, visto a partir de toda e qualquer direção, e o seu próprio mundo, chamado por Flusser de mundo da consciência histórica. "Tratava-se de transcodificar o tempo circular em linear, traduzir cenas em processos. Surgia assim a *consciência histórica*, consciência dirigida contra as imagens. Fato nitidamente observável entre os filósofos pré-socráticos e sobretudo entre os profetas judeus".¹⁹⁴ (grifo no original). A partir de então, o sentido da leitura é único, dado de antemão e sem a possibilidade do retorno, ou seja, não se lê de trás para frente, de cima para baixo, de baixo para cima e em diagonal. Independente do sentido da leitura no Ocidente ou no Oriente, o sentido é único e codificado. Não nos basta mais repor duas dimensões ao desenho. Temos que recolocar todas as dimensões, num único sentido, sem o retorno.

¹⁹³FLUSSER, op. cit., p.8.

¹⁹⁴FLUSSER, op. cit., p.9.

"A luta da escrita contra a imagem, da consciência histórica contra a consciência mágica caracteriza a História toda. E terá conseqüências imprevistas".¹⁹⁵ Por se tratar de uma relação contraditória e dialética, os enfrentamentos entre esses dois mundos vão produzindo sentidos e significados renovados. Sempre, porém, mantendo a oposição inicial fundante: a luta entre texto e imagens. Deixando momentaneamente *A caixa preta* de lado, vamos buscar no texto de Daniel Fabre, outros elementos tratados por Flusser.¹⁹⁶ Em certo sentido, o capítulo de Fabre ilustra esse conflito dialético. Intitulado "*O livro e sua magia*", esse trabalho vai buscar elementos para a identificação de mudanças sociais e individuais produzidas pela leitura na França medieval. Em pequenas cidades francesas daquela época, os indivíduos que sabiam ler destacavam-se dos outros e ganhavam poder.

O prefeito coloca seu *Código* ao alcance de seus consulentes, glosando-o em seu idioma comum, a língua *d'oc* dos Pirineus. Seu saber, longe de apagar toda a familiaridade, está ostensivamente devotado ao serviço de todos ou, ao menos, daqueles de seu "partido". Ele sabe "fazer os papéis falar"; respondendo a uma situação nova onde *ato* é solenizado pela escrita, ele "presta serviço" e seu poder apóia-se na sua facilidade em dominar o duplo registro.¹⁹⁷ (grifos no original)

O poder do prefeito, portanto, era reforçado pelo poder da leitura na língua do povo. Mas, provavelmente, ele granjeava mais daquele poder ao ler em *d'oc* do que simplesmente falar em *d'oc*. Além disso, temos a destacar outro aspecto significativo no terreno da discussão que estamos realizando. O conflito dialético do mundo da magia e o da consciência histórica se reveste de trocas. Assim, temos o mundo da magia penetrando a escrita linear e vice-versa.

Angel Araguas contava que em Muro de Roda existia uma mulher, chamada Antigas, que possuía o livro. Ele não sabia o que este continha, mas, graças a ele, conseguia tudo o que pedia.

¹⁹⁵FLUSSER, op. cit., p.9-10.

¹⁹⁶Ver o já mencionado livro dirigido por Roger CHARTIER, **Práticas da leitura**.

¹⁹⁷CHARTIER, **Práticas...**, op. cit., p.204.

Esse testemunho recente de Hermínio Lafoz, etnógrafo no Alto Aragão, confirma que qualquer pesquisa sobre magia, nas sociedades atuais dos Pireneus, esbarra necessariamente no livro e seus poderes (...). Nele, pode-se ler a seqüência de todos os destinos:

*Em Tierrantona... uma casa da Canadá tinha o livro que trazia sorte a todos. Muitos iam até lá, para que lhes fosse lido. Ele dizia, segundo a data do seu nascimento, se sua vida seria longa ou curta, se morreria cedo ou mais tarde, se teria alguma doença. Baseava-se nas luas...*¹⁹⁸ (grifos no original)

O estudo citado acima é nosso contemporâneo. Isso nos mostra, dentre tantas coisas, a permanência do mundo da magia no interior da escrita linear. Por outro lado, dando seqüência a sua narrativa, Fabre nos informa que os poderes mágicos dos livros somente se realizam em determinadas circunstâncias. Aquela que nos interessa destacar é que a leitura do texto mágico é um elemento fundamental para a realização da magia. Mais uma vez nos deparamos com um tipo de reverência ao poder da palavra, impressa e lida, como nos livros sagrados dos cristãos, judeus e outras religiões.

A escrita linear, ao roubar a magia do mundo, viu o seu retorno através dos livros de magia... A exploração das idéias presentes nesses trabalhos nos afastará em demasia do nosso tema, daí o motivo para deixarmos quase que suspensas no ar as idéias até aqui alinhadas. Deixamos, contudo, ao leitor mais curioso sobre esses aspectos uma passagem do texto de Flusser, para atíçar a curiosidade. Enquanto isso, seguimos com o nosso texto, não tão linear assim.¹⁹⁹

¹⁹⁸CHARTIER, **Práticas...**, op. cit., p.206.

¹⁹⁹Queremos pedir licença a nossos leitores para reproduzirmos aqui alguns estratos do texto de Vilém Flusser nos quais aparece mais nitidamente a trama das idéias desse autor. "A escrita funda-se sobre a nova capacidade de codificar planos em retas e abstrair todas as dimensões, com exceção de uma: a da *conceituação*, que permite codificar texto e decifrá-los. Isto mostra que o pensamento conceitual é mais abstrato que o pensamento imaginativo, pois preserva apenas uma das dimensões do espaço-tempo. Ao inventar a escrita, o homem se afastou ainda mais do mundo concreto quando, efetivamente, pretendia dele se aproximar. A escrita surge de um passo para aquém das imagens e não de um passo em direção ao mundo. Os textos não significam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas. Os conceitos não significam fenômenos, significam idéias. Decifrar textos é descobrir as imagens significadas pelos conceitos. A função dos textos é explicar imagens, a dos conceitos é analisar cenas. Em outros termos: a escrita é metacódigo da imagem.

3.4.2 O Militante Anarquista é Feito da Leitura?

Trouxemos no início desse trabalho passagem de um texto de Antonio Cândido em que ele mencionava um certo anarquista português que, desta feita, morava no Brasil. Tratava-se do Sr. Pinho, autodidata que se transformou em escritor, provavelmente sob a influência da agitação cultural própria dos meios anarquistas. Essa agitação cultural, em grande medida, era responsável pela divulgação do ideário anárquico. O trabalho de Raquel de Azevedo detalha alguns elementos constitutivos dessa agitação.

Quanto aos meios utilizados para a difusão do conhecimento e da propaganda libertária, as associações serviam-se de atividades bastante variadas, retomando suas práticas das décadas anteriores. Entre esses recursos, podemos destacar:

- a) reuniões e assembléias de associados;
- b) palestras e conferências públicas;
- c) leituras coletivas e comentadas;
- d) cursos de aperfeiçoamento cultural e intelectual;
- e) debates orais sobre teses escritas;
- f) festivais ou "veladas" de Arte e Cultura;
- g) apresentações teatrais de dramas ou comédias de propaganda social;
- h) saraus literários e artísticos;
- i) excursões de recreio e propaganda;
- j) piqueniques populares;
- l) comícios e atos públicos de protesto ou comemoração;
- m) campanhas de agitação pelos bairros e cidades;
- n) rifas, leilões e quermesses.²⁰⁰

A relação texto-imagem é fundamental para a compreensão da história do Ocidente. Na Idade Média, assume a forma de luta entre o cristianismo textual e o paganismo imagético; na Idade Moderna, luta entre a ciência textual e as ideologias imagéticas. A luta, porém, é dialética. À medida que o cristianismo vai combatendo o paganismo, ele próprio absorve imagens e se paganiza; à medida que a ciência vai combatendo ideologias, ela própria absorve imagens e se ideologiza." (Retirado de FLUSSER, op. cit., p.10). A história dessa nota de rodapé poderia continuar ainda um pouco mais. Contudo, não cremos que seria exato acrescentar mais algumas idéias e pararmos por aí. A discussão levada adiante por Flusser nos é útil nesse aspecto relativo à relação entre magia e escrita, pelo menos para o presente trabalho. Outras idéias desse autor nos servem também, mas para pensarmos outros temas.

²⁰⁰AZEVEDO, Raquel de, op. cit., p.144-5.

Começamos, pois, pelo aspecto mais visível, ou seja, é relativamente fácil identificarmos no anarquismo esta opção pela leitura em suas variadas maneiras para a formação dos militantes e localizarmos os espaços onde se manifestam essas tendências. Para nós, contudo, continua sendo necessário caracterizarmos aprofundadamente os mecanismos que levaram a essa opção e por que eles foram escolhidos.

O trabalho de Carme Regina Schons, **Saberes anarquistas: reiteraões, heterogeneidades e rupturas**, que recorta o tema do anarquismo com o instrumental da análise do discurso, não difere em muito de outras formas de recorte, no que diz respeito à dificuldade em entrar no âmago da questão.

No caso dos saberes anarquistas, conforme vimos em woodcock, eles mantiveram grande força e capacidade de permanência, produzindo efeitos sentidos na organização e na estrutura da sociedade, mudando constantemente, ora crescendo, ora desintegrando, em permanente flutuação, mas jamais deixando de existir. Esses saberes que aparecem imbricados na voz dos trabalhadores, dos líderes sindicais, ressoam "ecos" proudhonianos, bakunistas e malatestianos, denunciando problemas, buscando soluções e interpelando sujeitos. Eles aparecem em qualquer brecha, preenchem espaços vazios, desestabilizam, provocam constante tensão, retomando e ressignificando acontecimentos. (...)

Desse modo, o anarquismo até pode ter se rendido à ditadura do comunismo ou à repressão de um Estado, mas seus efeitos permanecem até hoje, de forma sorrateira, deslocados das tribunas para outros espaços discursivos, como o da literatura, da música, dos sindicatos, dos movimentos sociais.²⁰¹

Podemos observar, de saída, que os discursos perenes, assim como os textos de peças de teatro, os poemas, as estátuas etc., permanecem enquanto têm algo de universal para dizer. Quando não gostamos da obra de Shakespeare o problema está em nós e não nesse autor. O perene se transforma em tal não por burlar normas de controle ou vigilância, mas por continuar a ter uma validade universal ou universalizante. Nesse sentido, idéias de justiça, de liberdade, igualdade e fraternidade

²⁰¹Ver SCHONS, Carme Regina. **Saberes anarquistas: reiteraões, heterogeneidades e rupturas**. Passo Fundo: UPF, 2000. p.178.

embalaram não só os revolucionários franceses (ou norte-americanos), mas continuam a embalar alguns dos sonhos de indivíduos de hoje.

Carme Schons insiste nesse aspecto, por outro caminho, o que não altera significativamente a capacidade interpretativa dessas questões:

Contraditoriamente, se os saberes anarquistas parecem perder-se ao longo da história, essa perda, na realidade, não ocorre. O que se pode verificar, nas diferentes práticas discursivas de movimento de esquerda, na realidade atual, é que esses saberes se dispersam e se incorporam em distintas formações discursivas. Dessa forma, os modos de propagação dos saberes anarquistas se dão através da dispersão.

Assim como a águia empurra convictamente os seus filhotes para a beira do ninho, os anarquistas empurraram a classe proletária à luta contra a opressão, incentivando-os a conhecerem a sua própria condição e os meios dos quais podiam dispor para combater a burguesia e o poder institucional. Sua missão estava no "empurrão", havia um propósito final: os direitos humanos, a liberdade e a solidariedade, a promessa de um mundo melhor. Foi o que de melhor eles podiam oferecer. E ofereceram.²⁰²

A sedução das categorias universais é muito eficiente. É ela, essa sedução, que nos mantém, em grande medida, andando para frente. Para podermos preencher os espaços entre as duas questões básicas da espécie humana – "de onde viemos?" e "para onde vamos?" – é fundamental passarmos por determinados caminhos fornecidos pelos arquétipos, pelo inconsciente coletivo, ou outra denominação qualquer. Nesse sentido, a religião está presente em quase tudo o que fazemos, mesmo que não a percebamos. Pode ter sido uma figura de linguagem, mas não nos parece que seja:

Pois bem, é sob essa imagem da incerteza, do medo e da incompreensão que o discurso transforma as trevas em luz e apresenta-se como um momento de luminosidade até que se prenuncie um novo dia. Foi assim que procederam socialistas e anarquistas, pelo menos enquanto duraram as Internacionais. O movimento decompôs aos poucos o mundo czarista, desencadeando um período de luta contra as guerras, contra o medo e a fadiga da opressão, que, infelizmente, não acabaram; iniciou-se um período de luta contra as perseguições intoleráveis

²⁰²SCHONS, op. cit., p.179-0.

que bloqueavam o caminho para os princípios e para ações nobres que pareciam não mais ter lugar no mundo. Dissolveu-se a indiferença, a resignação do mundo que parecia não mais ter remédio, enchendo de coragem a classe proletária, levando-a a reger uma mudança na história, ressoando um novo amanhã; infiltrou-se aqui e acolá, demarcando fronteiras com o Estado e os marxistas.²⁰³

Tomamos esse texto de passagem para destacarmos um aspecto de nossa discussão a respeito do tema. Referimo-nos ao fato de que não basta utilizarmos certos autores (no caso da citação acima, a autora utiliza, por exemplo, Foucault) para caminhar à margem do tradicional. Embora Carme Regina Schons deixe registrada sua intenção, isto não a livrou de reproduzir, em certo sentido, aquilo que está sob seu foco de análise. Mais precisamente, nós entendemos que o discurso anarquista de objeto se transforma em sujeito, ou pelo menos, acabou por sujeitar a análise dessa autora.

A prática da ciência proíbe utilizar, em qualquer caso, as emoções, o sentimento de paixão, ainda que a pedido do próprio tema ou de seu responsável. Teoricamente, o pesquisador que corta o "soro" desse ciclo de vida científica pode ser indiciado por insurgir-se contra critérios. Porém, a filosofia de vida digna ganhou muitos adeptos, que ainda tendem a se atirar à luta contra a opressão, até mesmo daquela imposta pelos cânones da análise científica do objeto-texto. E, entre eles, estamos nós, que ousamos "temperar" nossa análise com a paixão e sua pulsação frenética, sentindo e vivendo o texto anarquista.²⁰⁴

Esse tratamento dado pela autora não foi suficiente para avançarmos muito em nosso trabalho. Permitiu-nos, contudo, definirmos um ponto de partida. Agora, é necessário pensarmos a leitura como algo diferente para os anarquistas. Para nós, a chave é a busca de uma nova moral, não necessariamente mais evoluída, mas aquela que eles consideravam a melhor porque serviria melhor aos seus interesses. E, lembrando o *Catecismo* de Netchaiev, o que importa é alcançar a revolução. Daí a necessidade de se construir uma moral própria, distinta da burguesa, mesmo que mais conservadora em certos aspectos. Aliás, conservador, do nosso ponto de vista.

²⁰³SCHONS, op. cit., p.181.

²⁰⁴SCHONS, op. cit., p.181.

Mas, enfim, consideramos que a leitura ingressa nessa história a partir dessa necessidade: a construção de uma nova moral. E por que a leitura? Para além daquilo que já mencionamos no capítulo anterior, podemos acrescentar a abordagem de Vilém Flusser, no sentido de situarmos a escrita linear (e sua leitura) no limite do fortalecimento da razão. E para pensarmos o uso, a utilidade dessa razão, temos o texto de um, chamemos assim, anarquista contemporâneo, Hans Magnus Enzensberger.²⁰⁵ Trataremos das abordagens (e de seus significados) desses dois autores mediados por uma discussão histórica e sociológica da leitura, ou melhor, das várias formas que a leitura assumiu ao longo do tempo. Com isso, pretendemos estabelecer novamente alguns elos com aquela já referida primeira entrada no tema da leitura.

No livro dirigido por Roger Chartier, *Práticas da leitura*, encontramos vários elementos para retomarmos essa discussão relativa à leitura. Trabalhando com o capítulo "*A leitura: uma prática cultural*" podemos articular as questões tratadas no debate entre Roger Chartier e Pierre Bourdieu.²⁰⁶ O eixo da discussão presente nesse capítulo se apóia na tese de que as várias formas de leitura e seus vários significados vão se constituindo e modificando ao longo do tempo. Dessa forma, em primeiro lugar, os textos escritos não foram sempre pensados da mesma maneira. Inicialmente, podemos identificar aquele texto produzido para ser lido em voz alta para uma platéia de não leitores. Chartier afirma que as coisas mudaram:

A leitura é sempre um ato de foro íntimo? Não, porque esta situação de leitura não foi sempre dominante. Creio, por exemplo, que nos meios urbanos, entre os séculos XVII e XVIII, existe todo um outro conjunto de relações com os textos que passa pelas leituras coletivas, leituras que manipulam o texto, decifrado por uns para outros, por vezes elaborado em comum o que põe em jogo alguma coisa que ultrapassa a capacidade individual de leitura.²⁰⁷

²⁰⁵Ver as obras FLUSSER, op. cit., e ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e loucura e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1995.

²⁰⁶Ver CHARTIER, **Práticas...**, op. cit.

²⁰⁷Ver CHARTIER, **Práticas...**, op. cit., p.233.

Desenvolvendo essa idéia, Pierre Bourdieu vai trabalhar no campo da história para seguir depois por um caminho mais "sociológico", que também nos auxilia a compreender esses aspectos da discussão aqui em pauta.

Penso, por exemplo, na leitura que podemos chamar de estrutural, a leitura interna que considera um texto nele mesmo e por ele mesmo, que o constitui como auto-suficiente e procura nele mesmo sua verdade, fazendo abstração de tudo o que está ao redor. Penso que é uma invenção histórica relativamente recente, que se pode situar e datar (Cassirer associa-a a Schelling, o inventor da palavra tauteológica em oposição a alegórica). Estamos de tal maneira habituados a essa maneira de ler um texto sem referi-lo a nada além dele mesmo que nós a universalizamos inconscientemente, embora seja uma invenção relativamente recente. Talvez achássemos um equivalente disso, nos tempos mais antigos, na leitura dos textos sagrados, a despeito de esses textos terem sempre sido lidos com uma intenção alegórica. Procuravam-se ali as respostas. Historicizar nossa relação com a leitura é uma forma de nos desembaraçarmos daquilo que a história pode nos impor como pressuposto inconsciente.²⁰⁸

Esse é o sentido da leitura para os militantes. O texto por si mesmo carrega todos os significados, é completo. Ao mesmo tempo ele se auto-explica, ou talvez melhor, possui um sentido unívoco na imaginação daqueles que sugerem sua leitura para um conjunto de pessoas com o objetivo de que todas elas cheguem à mesma conclusão. Seguindo com Bourdieu, podemos dizer que "se é verdade que o que eu digo da leitura é produto das circunstâncias nas quais tenho sido produzido enquanto leitor, o fato de tomar consciência disso é talvez a única chance de escapar ao efeito dessas circunstâncias. O que dá uma função epistemológica a toda reflexão histórica sobre a leitura".²⁰⁹ Se isto que Bourdieu afirma é funcional para a análise, resta tomarmos esses cuidados e seguirmos adiante.

O alvo das técnicas do partido ou da organização anarquista para o disciplinamento continua sendo o militante. Ele está colocado no centro da prisão (partido), sendo observado pelos dirigentes. A figura desse panóptico foucaultiano

²⁰⁸Ver CHARTIER, *Práticas...*, op. cit., p.233.

²⁰⁹Ver CHARTIER, *Práticas...*, op. cit., p.234.

funciona para identificarmos essa vigilância que informa à direção, à vanguarda, quais os caminhos mais curtos para o adestramento desse corpo. A forma do partido de militantes, por si só, introduz no alvo da sujeição elementos de moral e de disciplina que funcionam como uma espécie de reflexo, espelho, que fornece a ilusão ao militante de que é ele que se observa e, portanto, é ele o responsável pelo próprio crescimento político. Tratando mais especificamente dessa questão tomada do trabalho de Monclar Valverde, temos ainda por acrescentar que a eficiência do projeto de formação do militante se amplia à medida que ele, diferentemente daquilo que Bourdieu afirmou sobre a consciência do processo, não a possui. Disso deriva a possibilidade de o indivíduo acreditar que o controle está em suas mãos e, além disso, é sua obrigação seguir aquele caminho, aquele roteiro, e não outro. A lógica da criação de uma moral própria se associa com aquela do dever e da autonomia. Temos, o laço que une o trabalho autônomo e individual do militante anarquista de se auto-formar, para se auto-libertar.

Com isto posto, podemos passar para o processo de leitura que é a forma tradicional de se inculcar valores nos indivíduos, desde a época dos textos sagrados, que eram lidos e repetidos para criar uma memória da obediência.

3.4.3 Da Magia à Mágica

Fizemos um percurso relativamente irregular para chegarmos ao ponto em que nosso objetivo imediato é reunir os principais aspectos da militância política em geral e a militância anarquista em particular no que diz respeito à sua relação com os textos escritos e a formação política. Pudemos pensar as várias manifestações existentes entre os vínculos da religião, da militância e da política. A leitura permeando as diferentes formas de controle, poder, abstração e magia. Como uma espécie de ante-sala para nossas análises sobre o texto de formação do militante anarquista, vamos fazer ecoar neste trabalho as considerações feitas por Hans

Magnus Enzensberger no seu "*Elogio ao analfabetismo*", reunido com outros ensaios no livro *Mediocridade e loucura*.²¹⁰

O aspecto que nos interessa destacar aqui é relativo ao poder manipulador do discurso, seja ele escrito, desenhado ou falado. Usamos como pretexto os referidos ecos do texto de Enzensberger que é originado de um discurso de agradecimento a uma premiação dada ao autor por um texto escrito por ele. Esse autor inicia sua fala considerando-se uma espécie em extinção, tendo em vista que os analfabetos constituem a maioria dos indivíduos que pisam ou já pisaram este planeta no qual vivemos. Ele fez, então, um elogio ao analfabetismo. Esse elogio ressalta, contudo, aspectos geralmente deprimidos pelos letrados que, esporadicamente, voltam seus olhos para esses indivíduos.

Talvez os senhores se perguntem que motivos teria justamente um escritor de defender a causa dos que não sabem ler... Mas a resposta é bastante óbvia: foi o analfabeto que inventou a literatura. Suas formas elementares, do mito à canção de ninar, do conto de fadas ao canto, da oração à charada, são todas mais antigas que a escrita. Sem a transmissão oral não existiria a poesia, e sem os analfabetos não haveria livros.²¹¹

O tempo da magia, segundo Flusser, também era o tempo dos analfabetos, mas lá também havia distinções sociais e políticas. Mas, além desses aspectos fundadores, os analfabetos carregam também outras virtudes. Eles podem ser considerados admiráveis "por sua memória, por sua habilidade em se concentrar, pela astúcia, inventividade, tenacidade e por seu aguçado sentido auditivo".²¹² Ou seja, os analfabetos pertencem a outro mundo que não esse no qual vivemos. Imediatamente, contudo, nós todos nos perguntamos: seria melhor então sermos analfabetos? Provavelmente todos nós tenhamos a mesma preferência pelo tipo de

²¹⁰ENZENSBERGER, op. cit.

²¹¹ENZENSBERGER, op. cit., p.44.

²¹²ENZENSBERGER, op. cit., p.44.

conhecimento que nos permite saber ler e escrever. Além disso, é associada ao analfabetismo a idéia de falta, de direitos, de conhecimentos, de riquezas. Provavelmente todos responderíamos: é melhor continuarmos sendo alfabetizados.

Ninguém precisa me explicar que a infelicidade social tem por base não apenas os privilégios materiais como também os imateriais dos dominantes. Foram os grandes intelectuais do século XVIII que revelaram essa situação. Eles acreditavam que a imaturidade do povo se devia não apenas à sua supressão política e sua exploração econômica, como também à sua ignorância. Partindo dessas premissas, gerações futuras concluíram que a habilidade de ler e escrever é parte essencial de uma existência humana digna.²¹³

Aquilo que significou um importante impulso para a desintegração do sistema feudal na Europa foi reinterpretado e redirecionado, servindo para outros fins que não a libertação dos "sem direitos". Os ideais Iluministas foram invertidos, aliás, como acontece normalmente na história da humanidade.

Quase num piscar de olhos, o conceito de Iluminismo foi substituído pelo de educação. Segundo um pedagogo alemão da época napoleônica, "a segunda metade do século XVIII deu início a uma nova era na educação do povo. O conhecimento do que foi realizado gratifica o humanitário, incentiva o sacerdote da cultura e é extremamente instrutivo para os líderes da comunidade (...)". Nem todos os contemporâneos concordavam com ele. Um outro educador de pessoas escreveu o seguinte sobre a leitura de livros: "Apesar de isto nem sempre resultar em tumulto e revolução, o hábito produz os insatisfeitos e os descontentes que encaram com suspeitas a autoridade legislativa e executiva e que não respeitam a constituição de seus países..."²¹⁴

Começamos a pensar aqui na discussão que apresentamos no início deste trabalho sobre a leitura formar, informar ou deformar. Além disso, também retornam os termos religiosos para falar em política, educação, militância. A herança judaico-cristã ocidental ainda assola os vivos de hoje, assim como assombrou alguns dos mortos de ontem. A partir do momento em que a alfabetização e a educação, não

²¹³ENZENSBERGER, op. cit., p.45.

²¹⁴ENZENSBERGER, op. cit., p.45.

necessariamente nessa ordem, começaram a ganhar espaço, principalmente a partir do século XIX, temos dois caminhos seguidos por elas. Um deles é aquele relativo ao controle dos indivíduos.

...nunca [se] tratou de abrir um caminho para a "cultura escrita" e muito menos de libertar as pessoas para que falassem por si mesmas. O que estava em jogo era um tipo completamente diferente de progresso. Ele consistia em domesticar os analfabetos, esta "classe mais inferior de pessoas", acabando com a imaginação e a teimosia deles, passando-se desde então a explorar não apenas sua força muscular e suas habilidades, como também seus cérebros...²¹⁵

Podemos acrescentar ainda, seguindo os passos do autor em foco, que muito interessava aos editores a massificação do ensino e o incremento do número de leitores porque isto significava, e ainda significa, consumidores. O outro aspecto dessa mesma questão desenvolve-se antes mesmo do termo analfabeto, que segundo Enzensberger, "surgiu pela primeira vez numa publicação inglesa de 1876".²¹⁶ Estamos nos referindo aos ideais revolucionários dos iluministas que são reaproveitados por toda a sorte de ativistas políticos de esquerda. No nosso caso, os anarquistas, herdeiros dessa tradição (e de outras por nós já mencionadas) investem na leitura como um instrumento de liberação política, pelo menos na aparência.

Podemos, pois, realinhar alguns dos elementos que nos servirão para tecermos uma análise sobre o material sugerido como leitura formadora da militância pelos anarquistas. Inicialmente, lembramos que o anarquismo procura fundar uma nova moral, com vários aspectos contraditórios certamente, que sirva como elemento para a derrocada do sistema capitalista. Nesse sentido, herdando aquilo que chamaremos de "técnica do convencimento" do Iluminismo europeu, nada mais natural que a leitura como uma fonte de subversão. Junte-se a isso a idéia-força de que o conhecimento é uma ferramenta poderosa para a conquista da liberdade. Em

²¹⁵ENZENSBERGER, op. cit., p.48.

²¹⁶ENZENSBERGER, op. cit., p.48.

outros termos, as pessoas são exploradas (e não são apenas os anarquistas que pensam dessa forma no campo da esquerda) porque ignoram, em primeiro lugar, que o são e mais ainda como deixar de ser. Nesse sentido os textos trazem no seu interior uma espécie de "espírito santo" que iluminará o leitor levando-o a agir para alcançar sua libertação.

Uma vez que já aprendemos, nós e os anarquistas, que a toda ação corresponde uma reação em sentido inverso e com a mesma intensidade, é necessário (na política também) que desenvolvamos uma espécie de contra-propaganda para, cotidianamente, reiterarmos as informações que conduzem para a libertação. Podemos aqui, pelo menos em parte, acionar o conceito de *habitus*, com o qual trabalha Pierre Bourdieu, para reforçarmos uma justificativa para a permanência no tempo e no espaço das reiterações para a leitura, pelos instrumentos de libertação produzidos pelas organizações de esquerda, anarquistas em particular, mas não só. Trata-se de criar um novo homem com uma nova moral mediante a produção de um canal eficiente de elaboração de novos valores. Quanto mais cotidiano, habitual, introjetado, for o hábito da boa leitura, mais rapidamente os exércitos revolucionários se colocarão em marcha.

CAPÍTULO 4

O QUE LIAM OS ANARQUISTAS?

Depois de navegarmos em várias direções, estamos aportando nas fontes documentais que dão um tipo de sentido aos nossos esforços para compreendermos elementos constitutivos da militância política. As análises e interpretações que fizemos nesse capítulo foram centradas em textos importantes para a militância política de esquerda ao longo do tempo. Trazemos a baila, mais uma vez, a revista *Caros Amigos* para começarmos a tratar do nosso tema central: o que deveriam ler os operários. Nas edições mais recentes dessa revista, encontramos de forma muito semelhante aos jornais operários, na terceira capa, uma relação de livros a serem lidos pelos que querem mudar o mundo, os militantes: "livros casa amarela: a leitura certa para quem sabe ler".²¹⁷ Notamos que a leitura permanece sendo, ao longo dos últimos decênios, um instrumento de formação dos militantes.

Encontramos, ainda, na edição de janeiro de 2002 daquela mesma revista, uma relação de títulos que "todos os militantes dos movimentos sociais devem ler". Dessa vez, quem propôs a leitura foi o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).²¹⁸ Essas listas vêm e vão ao longo do tempo e servem para os mais variados tipos de militantes. Consideramos que essa presença se mantém porque os militantes se constroem sobre os mesmos alicerces e pelo fato de a leitura continuar sendo um eficiente meio de propagar, difundir e inculcar idéias.

O conjunto dos textos sugeridos para a leitura pelos jornais anarquistas da República Velha no Brasil é composto por uma pequena variedade de formas, ou seja, não são apenas livros. Verificamos nas listas indicações de livros de teoria, biografias, roteiros de teatro etc. Optamos por arranjar esses títulos (e respectivos

²¹⁷Ver a revista CAROS AMIGOS, n.75, p.47, junho de 2003.

²¹⁸CAROS AMIGOS, n.58, p.19, janeiro de 2002.

autores) no corpo do texto para que a leitura do trabalho flua mais próxima das análises realizadas. Esperamos, com a extensa relação que apresentamos, demonstrar a ampla gama de assuntos que compunham a "biblioteca" do movimento anarquista. Além disso, dispomos de um trabalho que realizou esse procedimento de listar os títulos. Vamos acrescentar a nossa relação à lista feita por Edgar Rodrigues no seu livro *Novos rumos*.²¹⁹ Com esse acréscimo nosso intento de mostrar a variedade de direções para as quais apontava o rol de títulos das indicações ficará mais próximo de ser completo.

Como trabalhamos com a hipótese de que o "modelo" de militante é compatível com os vários tipos de manifestação da esquerda (referimo-nos aos socialistas, comunistas e anarquistas) vamos apresentar aqui também as sugestões de leitura presentes num periódico de abrangência nacional. Referimo-nos ao *A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira (COB).²²⁰ Como representante da COB, apresentava em suas páginas a expressão de projetos socialistas e anarquistas, reproduzindo, inclusive, debates entre militantes de posições políticas distintas. Havia uma relativa alternância na condução da linha política do informativo, em função da maior ou menor força das correntes políticas no interior da COB. Esse periódico destacava-se dos demais. No prefácio dessa edição, Paulo Sérgio Pinheiro nos informa mais sobre a sua singularidade e sobre o órgão da Confederação.

²¹⁹Pesquisamos nos seguintes locais: Biblioteca Pública do Paraná (BPP), em Curitiba, Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), na Unicamp, Campinas, São Paulo. O trabalho ao qual nos referimos é RODRIGUES, Edgar. **Novos rumos**: história do movimento operário e das lutas sociais no Brasil (1922-1946). Rio de Janeiro: Mundo Livre, s.d.

²²⁰Cf. A VOZ DO TRABALHADOR: orgam da Confederação Operária Brasileira. Coleção fac-similar de 71 números, 1908-1915. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, Centro da Memória Sindical, 1985.

Era um jornal extremamente informativo. Dava conta das greves, da vida dos sindicatos, das lutas contra a carestia, da repressão policial. Outros jornais da imprensa operária também se esforçavam em ser informativos. Mas havia em *A Voz do Trabalhador* quase que um tom de reportagem que aumentava o realismo, permitindo uma avaliação mais concreta do movimento. (...) Havia igualmente o debate sobre a construção da sociedade futura e a discussão sobre estratégias, de alto nível e de grande qualidade. Nas páginas dos jornais se travaram alguns importantes debates entre lideranças, como Neno Vasco e João Crispim, em 1914.²²¹

Além do debate político e sindical, propriamente ditos, como as intermináveis polêmicas sobre greves políticas *versus* greves econômicas, encontramos em *A Voz do Trabalhador* outros assuntos relevantes.

Ao lado dessas questões especificamente ligadas à atividade sindical, o jornal dedica largo espaço para as questões que poderíamos chamar, hoje, de culturais. Não somente aquelas ligadas à "cultura" dominante, como por exemplo as intermináveis discussões sobre a reforma ortográfica. Seguiam-se as preocupações das elites ilustradas da época, em que a gramática era campo para ferozes polêmicas. Muitas colunas se dedicam à crítica de costume. Condena-se o carnaval: "Olha: o carnaval é uma religião. Por isso mesmo fanatiza. Embrutece. Cega".²²²

Tendo seu primeiro número datado de 01 de julho de 1908, o jornal vai manter seu padrão e sua linha mesmo com interrupções em sua periodicidade. Sua primeira fase dura até 1909, com 21 números publicados. Em 1913 é retomada a publicação, a partir do número 22, quinzenalmente e com tiragem de quatro mil exemplares. "O Segundo Congresso Operário, que se reúne em setembro de 1913, manteve a linha adotada no Congresso de 1906, que continuará sendo a orientação de *A Voz do Trabalhador*. A linguagem se tornará mais militante e haverá alguns toques bastante ecléticos, especialmente quando se faz a análise de estrutura política dominante".²²³ O número 71, o último, vem a lume em 8 de junho de 1915.

²²¹A VOZ DO TRABALHADOR, p.VI.

²²²A VOZ DO TRABALHADOR, p.VII.

²²³A VOZ DO TRABALHADOR, p.VII.

Para nós, é interessante anotarmos que o jornal, no que tange às sugestões de leitura, vai assumindo cada vez mais o modelo presente nos jornais das organizações anarquistas. Nos primeiros números, temos algumas sugestões esparsas, alguns anúncios de publicações e similares. Em sua segunda fase já aparecem listas de livros, folhetos, revistas etc. Dessas listas é que faremos as relações de títulos para compararmos com aquelas presentes nos jornais anarquistas propriamente ditos. Havia um número significativo de periódicos anarquistas no Brasil, no período por nós estudado. A maioria deles era muito fugaz. Tivemos acesso a alguns exemplares dos quais retiramos sugestões de leitura. Um título, contudo, deve ser destacado pela importância que adquiriu, uma vez que se encontra preservado no acervo do arquivo Edgard Leuenroth. Esse jornal, *A Plebe*, era dirigido pelo próprio Edgard e tem fornecido valiosas informações aos pesquisadores. Dele retiramos a maioria dos títulos anotados.

4.1 GARIMPANDO VALORES

Neste item, trataremos de alinhar os títulos que identificamos nas fontes pesquisadas. Além disso, conforme indicamos, faremos uma comparação com o jornal *A Voz do Trabalhador*, para reforçarmos a hipótese de que os partidos e as organizações do movimento operário investiam na leitura como uma estratégia relativamente eficiente de formação de militantes. O texto impresso pode ser mais facilmente difundido e conta com autoridade similar àquela do orador. Além disso, a regularidade também é importante na transmissão do conhecimento, principalmente um conhecimento específico.

O contexto no qual Edgar Rodrigues alinha os títulos publicados está ligado àquilo que ele mesmo chamou de "Propaganda – fins e meios", um dos itens de seu livro.²²⁴

²²⁴A VOZ DO TRABALHADOR, p.84.

Para o elemento libertário, os obstáculos a vencer eram muitos.

Os *mais resistentes* inimigos de suas idéias eram a ignorância e o analfabetismo. Em 1922, as escolas oficiais ainda deixavam muito a desejar. Existiam. Existiam poucas, só ensinavam o que convinha à burguesia, ao Estado, e assim mesmo a grande maioria dos filhos dos trabalhadores não as podiam freqüentar. Tinham de trabalhar desde tenra idade para ajudar no sustento da prole.

Dentro dessa realidade, os anarquistas fundavam escolas visando alfabetizar, instruir, e cultivar profissional e ideologicamente o proletariado, sem distinção de raça, cor, nacionalidade, ofício, sexo, idade, crença religiosa ou política.

Desde o fim do século XIX, os militantes libertários se preocupavam com a instrução e a conscientização *profissional e ideológica*.²²⁵

Os anarquistas tinham esse objetivo relativamente explicitado em suas atividades de educação dos militantes e daqueles que se aproximavam dos ideais anárquicos. "O teatro proletário servia, além disso para varrer preconceitos – fabricantes de homens sem cabeça!"²²⁶ A formação buscava se estender para os ofícios e para a filosofia, se é que podemos falar assim. Havia uma expectativa, portanto, de atingir todos os aspectos relevantes da formação ética e moral dos indivíduos, conforme apontamos no capítulo anterior.

Para atingir tais objetivos, isto é, o de tornar o homem um ser pensante, um produtor no gozo de todas as suas faculdades da razão, do direito, sem medo de ser livre, o elemento libertário e o proletariado organizado e esclarecido, atavam essa pesada e difícil tarefa de ensinar. Lançam mão da sua imprensa, dos centros de cultura, dos cursos, dos livros escritos especialmente para esse fim e, do teatro social. Este último, para atingir as famílias dos trabalhadores, com a sua multiplicidade de poderes: proporcionar alegria e divertimento, disseminação da cultura pela imagem e pelo diálogo das idéias a quem assiste e a quem trabalha como ator, e, sobretudo, como fonte de solidariedade humana e apoio mútuo. Foi, pode-se dizer, o teatro social no Brasil, o mais fértil meio operário de obtenção de recursos para socorrer doentes, presos, desempregados, financiando suas publicações, mantendo sedes dos centros de cultura social – fonte onde o proletariado ia beber ensinamentos e idéias, numa tentativa de emancipar-se, no desejo incontrolável de se tornar gente!

²²⁵A VOZ DO TRABALHADOR, p.84.

²²⁶A VOZ DO TRABALHADOR, p.85.

Foi – diga-se a bem da verdade histórica – desse conjunto de meio "educacionais e culturais", formados e dirigidos pelo elemento libertário, que saiu uma gama de trabalhadores capazes de escrever e dirigir jornais, de publicar folhetos e livros, de falar desembaraçadamente de filosofia, de arte, de pedagogia moderna, de produção industrial e agrícola – em moldes humanos, que chegavam a causar inveja aos mestres da matéria.²²⁷

Segundo Edgar Rodrigues, seriam essas a orientação e a justificativa dos esforços do movimento anarquista no sentido de difundir uma "cultura proletária". Desde a fundação de escolas de Esperanto e de corte e costura até "centros de propaganda doutrinária", os anarquistas eram incansáveis nesse trabalho. Reproduzindo uma passagem da época, provavelmente retirada de *A Plebe*, Rodrigues nos dá um relato esclarecedor:

O Grupo de Propaganda Social procurará agremiar todos os trabalhadores assalariados de boa vontade e decididos a combater os preconceitos políticos, religiosos, econômicos e sociais, e abrir na muralha negra da ignorância uma brecha por onde livremente irradie um pouco de vida ideal.

Constituído com o fim de facilitar aos espíritos livres e curiosos de conhecerem a questão social, procurará despertar e estimular principalmente entre a mocidade das escolas e entre os produtores, o gosto e o interesse pela leitura e pelo estudo das diversas escolas sociológicas, filosóficas e científicas que mais interessem à cultura geral e, finalmente, contribuirá para a difusão das modernas idéias de emancipação humana.

Para a execução desses seus intuitos, o Grupo se propõe a promover conferências sociológicas e literárias, nas sedes das agremiações desta capital, quando estas ponham seus salões à disposição.

O Grupo contribuirá para que se realizem excursões de propaganda, e sejam representadas obras dramáticas de propaganda social.

Publicará, quando puder, livros, folhetos, manifestos e jornais de propaganda doutrinária, procurando, por esses meios, divulgar e intensificar no espírito dos escravos do trabalho o interesse pelo bem-estar comum.²²⁸

²²⁷A VOZ DO TRABALHADOR, p.85-6.

²²⁸A VOZ DO TRABALHADOR, p.93-4. Queremos apenas ressaltar que o autor não nos forneceu indicação precisa de onde retirou essa passagem.

Consideramos que a contextualização do leitor para aquilo que chamamos de relação de textos sugeridos para a leitura dos militantes está concluída. Reproduziremos a lista de títulos apresentada por Edgar Rodrigues para, a seguir, completarmos a relação com os textos que levantamos em nossas pesquisas.

Além das publicações e de tudo que já se anunciou, o jornal ácrata, "A Plebe", de S. Paulo, números de 27 de maio e 24 de junho de 1922, e subseqüentes, oferecia aos seus leitores a seguinte lista de livros, que bem diz da atividade cultural operária:

BIBLIOTECA SOCIAL "A INOVADORA"

Rodolfo Felipe – Caixa Postal 195 – S. Paulo

Biblioteca Profissional e Técnica

B. I. P. – Encanamentos e Salubridades, enc. 229
 Catecismo do fogueiro e condutos, enc.
 Manual de galvanoplastia, enc.
 Elementos de projeção, enc.
 Aritmética prática, enc.
 Edificações, enc.
 Indústria e cerâmica, enc.
 Matéria Agrícola, enc.
 Manual do eletricitista, enc.
 Materiais de Construção, enc.
 Manual do Fundidor, enc.
 Manual do Ferreiro, enc.
 Elementos de modelação de ornato, enc.
 Geometria plana e do espaço, enc.
 Acabamento das construções, enc.
 Trabalhos de carpintaria civil, enc.
 Alvenaria e cantaria, enc.
 Terraplanagens e alicerces, enc.
 Elementos de mecânica, enc.

²²⁹No original temos os valores cobrados. Evitamos reproduzi-los aqui. De qualquer forma, informamos que os valores oscilam entre 1\$000 – A Moral Anarquista de P. Kropotkine – e 20\$000 – Os Miseráveis de V. Hugo, em quatro volumes. A maioria dos títulos estava disponível por cerca de 3\$500.

Manual do fabricante de tecidos, enc.
 B. I. P. – Nomenclatura de caldeiras, enc.
 B. I. P. – Serralheria civil, I vol., enc.
 B. I. P. – Manual do serralheiro mecânico, enc.
 B. I. P. – Manual do Foguista, enc.
 B. I. P. – Manual do Navegante, enc.
 B. I. P. – Manual do Sapateiro, enc.
 B. I. P. – Manual de Pilotagem, enc.
 B. I. P. – Motores de explosão, enc.
 Husson – Manual do Serralheiro, enc.
 B. I. P. – Indústria de iluminação, enc.
 B. I. P. – Material agrícola, enc.
 B. I. P. – Álgebra, enc.
 B. I. P. – Indústria de fermentação, enc.
 B. I. P. – Indústria Alimentar, enc.
 B. I. P. – Desenho de máquinas, enc.
 Hoelhen – Manual do Eletricista, enc.
 Soulier – Tratado prático de eletricidade, enc.
 Soulier – Tratado de Galvanoplastia, enc.
 Soulier – Tratado prático de eletricidade, enc. [repetido]
 Soulier – Tratado prático de eletricidade, br.
 Soulier – Instalações elétricas, 1 vol., br.
 Fournier – telegrafia, s/fios, enc.
 Ferriori – Telegrafia elétrica, enc.
 Ferriori – Telegrafia elétrica, br.
 Sloane – A eletricidade simplificada, br.
 Zerolo – Manual prático de automobilismo, enc.
 Bourdais – Mil e um segredo de oficinas, br.
 Veiga – Manual prático de fotografia, br.
 Veiga – Pintura fotográfica, br.
 Veiga – Ampliações fotográficas, br.
 Veiga – Fotografia noturna, br.
 Veiga – Distribuição artística da luz, br.
 Niewenglowski – As aplicações de fotografia, enc.
 Muffone – La fotografia, 1 vol., enc.
 Sassi – "Secretário fotográfico", 1 vol., enc.
 Morote – La conquista del mogrebe
 EM ESPANHOL
 Boukeller – El carnaval de los niños, 1 vol., enc.
 Sero – Centinela alerta, 1 vol., enc.
 Diderot – Obras filosóficas, 1 vol., enc.
 Fabraques – la expulsion de los jesuitas, 1 vol., enc.
 Renau – Averrola y el averroumo, 2 vol., enc.

Rusquin – Las piedras de Venecia, 2 vol., enc.
 Molckot – La circulacion de la vida, 2 vol., enc.
 Renan – El anti-Cristo, 2 vol., enc.
 Lafout – La voz del mar, 1 vol., enc.
 Mirbau – El abate Julio
 Goncourt – La ramera Elisa
 Casero – Recuerdos de um revolucionário
 Palacios – Por las mujeres y los niños
 Suderman – El camino de los gatos
 Moarayta – De historia
 Hugo – El sueño del papa
 Metijana – En el magreb elaksa
 Noel – Esconas y andazas de la campaña
 Petronio – El Satiricón, 1 vol., enc.
 Zoides – Pobreza y descontento
 Barreocches – Musica y literatura
 Finot – El prejuicio de los sexos, 2 vols.
 Angél – Despues de la siega
 Lhey – El padre Felix
 Branijo – Peliculas
 Diderot – Los dijes indiscretos
 Rusquin – El reposi di San Marcos
 Jacquinet – Iban y su obra
 Bjcernson – E guante
 Giusty – El fango
 Hamon – El Moliere del siglo XX
 Frías – La novela del renacimiento
 Luig – Joaquim Costa y sus doctrinas
 Palacios – Las universidades populares
 Heiose – Confesiones y memórias
 Sorl – Las illusiones del progresso
 Frías – El Arból
 Tckekhov – Vanka, [?] vol., enc.
 Noel – Pan y Toros, 1 vol., enc.
 Palomero – Su majestad el hombre
 Bouhéliier – El resin corona
 Darwin – Origem de las espécies, 3 vol., enc.
 Spencer – El progresso, 1 vol., enc.
 Chamfort – Quadros históricos, 1 vol., enc.
 Morarta – El padre Feijó y sus obras
 Madierascitia – Oro sangrento
 Mirabeau – Mi ventana florida
 Ruskin – La Biblia de Amílcar

Heine – Italia
 Candaro – Comentarios ao concordato
 Rhoidis – La papisa Juana
 Labriola – Del materialismo histórico
 D'Annunzio – Episcopo & Cia.
 Naturana – Canción de primavera
 Michelets – Consejos á los jesuitas
 Proridkon – La educación en el trabajo
 Sudermann – La mujer gris
 Gorki – Lo hijos del sol – 1 vol., enc.
 Fombone – El hombre de hierro, 1 vol., enc.
 Mirabeau – Alondra
 Mirbeau – Sebastião Rock
 Ferro – Notas de una madre
 Fava – Renunciacion
 Bracco – Muecato huencaras
 Palacios – Las universidades populares
 Garchine – La guerra
 Joran – Alderedor del feminismo
 Moreno – De la vida andaluza
 Chamberlain – El atrazo de España
 Sudermann – El desco
 Bertran – Entre el telar y el foso
 Benuzzi – Creación y vida
 Praicourt – La moral del cura
 Proudhon – La sanción moral
 Laclos – Las amizades religiosas
 Argento – Tierras sombrías
 Spencer – Origen de las profesiones
SOCIOLOGIA
 S. Faure – A Dor Universal – brochura
 E. Pauget – Como Faremos a Revolução – broc.
 Guedes – Ensaio de Catecismo Socialista, enc.
 Molinari – Problemas sociais, broc.
 Griffuelhes – Ação Sindicalista – broc.
 Safetos – A questão operária e o Sindicalismo – broc.
 Pierrot – Sindicalismo e Revolução – broc.
 A. Hamon – Psicologia do Anarquista Socialista – broc.
 A. Hamon – Psicologia do Militar Profissional – broc.
 K. Marx – O Capital – broc.
 Leone – O Sindicalismo – broc.
 Ribas – O Socialismo – broc.
 Dufour – O Sindicalismo e a Próxima Revolução – broc.

Colson – O Organismo Econômico e a Desordem Social, br.
 P. Kropotkine – Em Volta dum Vida – memórias
 P. Kropotkine – A Moral Anarquista
 P. Kropotkine – Palavras dum rebelde (2 vols.), broc.
 Ferrari – Os Partidos Políticos, enc.
 E. Carpenter – Prisões, Polícia e Castigos, enc.
 H. Negro e E. Leuenroth – O que é o Bolchevismo
 J. C. Rates – A Ditadura do Proletariado
 A Schmidt – Palavras dum Comunista
 I. Thomaz – O que Querem os Anarquistas
 E. Malatesta – Entre Camponeses
 P. Berthelot – O Evangelho da Hora
 Malvert – Sciencia e Religião, enc.
 Blasco Dias – Francisco Ferrer e a Semana Trágica de Barcelona
 A. Foscolo – O Jubileu (romance), broc.
 Binet – A Alma e o Corpo, broc.
 Haeckel – Religião e Evolução, broc.
 Nietzsche – O Anti-Cristo, broc.
 Timotheon – Não creio em Deus, broc.
 Reinach – História das Religiões, br.
 Descombert – Jesus de Nazaré, enc.
 C. Cicliani – Mentiras Divinas, broc.
 Most – A Peste Relgiosa – 1 – 300 grs. 50
 V. Hugo – Os Miseráveis – 4 vols., enc.
 A. M. Pereira – Em volta do Chiado – (crônicas), enc.
 José de Alencar – O Guarani (1 vol., encad.)
 P. Mantegazza – A Higiene do Amor – Broc.
 X. de Souza – A Revolução Francesa, 1 vol., enc.
 Spencer – A Justiça, broc.
 Souza – Através da História – broc.
 G. Le Bon – Evolução Geral da Vida – broc.
 Haeckel – O Monismo – broc.
 Diniz – As Formações Naturais da Filosofia Biológica, enc.
 Soison – Almas Inimigas – broc.
 Buckener – Na Aurora do Século Vinte – broc.
 Picart – Ciência Moderna – broc.
 Picart – Filosofia Científica – broc.
 Picart – Filosofia Moral – enc.
 Goldemith – Teorias da Evolução – broc.
 Bueyssel – A Vida Social
 F. Dantec – Luta Universal – broc.
 Benuzzi – Criação e Vida – broc.
 Spencer – Da Liberdade à Escravidão – broc.

Nietzsche – A genealogia da moral – broc.
 Naquet – A Caminho da União Livre – broc.
 Afonso Schmidt – Mocidade, poesia – broc.
 Afonso Schmidt – Brutalidade – contos – broc.
 Denoy – Descendemos do Macaco? – broc.²³⁰

Feita essa primeira relação de títulos, vamos às resultantes de nossa pesquisa. Esclarecemos que essa relação não é completa, no sentido de conter todos os títulos sugeridos. Procuramos fazer a pesquisa com esse objetivo, qual seja, de levantar todos os títulos. Contudo, não podemos sustentar a afirmação de que todos estão aqui anotados porque existem periódicos aos quais não tivemos acesso e, no seu interior, podem estar sugeridos títulos que seriam inéditos em nossa relação. De qualquer maneira, consideramos que nosso pequeno universo de sugestões de leitura é suficientemente amplo para garantir e sustentar nossas interpretações e análises sobre os temas focados em nosso trabalho.

Livros que Devem ser Lidos [anunciados no periódico anarquista *A Vida*]

Hamon – *Socialismo e anarquismo*;
 Determinismo e responsabilidade;
 Psicologia do militar profissional;
 J. Prat – *Sindiclaismo e greve geral*;
 Dr. Eltzbacher – *O anarquismo*;
 Max Nordau – *As mentiras convencionais*;
 E. Carpenter – *Prisões, polícia e castigos*;
 Carlos Marx – *O Capital*;
 S. Merlino – *Formas e essencias do socialismo*;
 S. Faure – *A Dor Universal*;
 H. Leone – *O Sindicalismo*;
 J. Grave – *A Sociedade Futura*;
 O Indivíduo e a Sociedade;
 P. Kropotkine – *A Conquista do Pão*;
 Palavras de um revoltado;
 A Grande Revolução;

²³⁰RODRIGUES, op. cit., p.103-7.

- F. Nietzsche – *Assim falava Zarathustra;*
A Genealogia da Moral;
- Naquet – *A Caminho do amor livre;*
- Adolfo Lima – *O contracto do Trabalho;*
O ensino da Historia;
O Teatro na Escola;
Educação e Ensino;
- Neno Vasco – *Da Porta da Europa;*
- Eliseu Reclus – *Evolução, Revolução e o Ideal Anarquista;*
- Tomas da Fonseca – *A Origem da Vida;*
- A. Cesar dos Santos – *A questão Operaria e o Sindicalismo;*
- M. Pierrot – *Sindicalismo e Revolução;*
- Puget – *A Confederação do Trabalho;*
- Griffuehes – *Ação sindicalista;*
- Benjamin Mota – *Rebeldias;*
- José Lopez Montenegro – *Noções de Sociologia;*
- Oreste Ristori – *Le Corbellerie del Colletivismo;*
- José Ingegnieros – *Patriotismo;*
- Errico Malatesta – *No Café (Palestras do Natural);*
- Pedro Kropotkine – *O comunismo anarquico;*
- João Most – *A peste religiosa;*
- Raul Eloy dos Santos – *Contribuição ao Estudo da Concepção Socialista;*
 (Sem declaração de autor) - *Em Nome da Pátria;*
- T. Mondim Pestana – *A questão Social;*
- José Saturnino Brito – *A Cooperação é um Estado;*
- Raimundo Reis – *Arco-da-Aliança;*
- Jaime de Magalhães – *O Vegetarismo e a Moralidade das Raças;*
- Orlando Corrêa Lopes – *Na Barricada;*
- Errico Malatesta – *Entre camponeses;*
- Henrique malesta – *Programa socialista-anarquista-revolucionário;*
- Paulo Bertheolot – *O evangelho da hora;*
- Saturnino Barboza – *Ensaio de Critica Racionalista (Ciência e Arte);*
- Deodato Maia – *Regulamentação do Trabalho;*
- Mauricio de Medeiros – *Ensino Racionalista;*
- Neno Vasco – *As doutrinas libertarias;*
- General Abreu e Lima – *O Socialismo;*
- Evaristo de Moraes – *Apontamentos do Direito Operário;*
- C. A de Sarandi Rapozo – *Teoria e Prática de Cooperação;*

Domingos Ribeiro Filho – *Estudo de uma moral: - I – o Cravo vermelho;*
Vans Torturas;
 Cecília Mariz – *Uma Paixão de Mulher;*

Folhetos

Pedro Kropotkine – *O comunismo anarquico;*
 Neno Vasco – *Georgicas (ao trabalhador rural);*
 Errico Malatesta – *Programa socialista anarquista revolucionario;*
 Errico Malatesta – *Entre camponeses;*
 F. Delarsi – *Os políticos, os financeiros e a guerra;*
 F.G. T. F. – *O dia das oito horas;*
 Carlos Dias – *Semeando para colher;*
 Pedro Gori – *A anarquia perante os tribunales*
A Confederação Operária Brasileira aos operários do Brasil;
Cantos Sociais;
Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro, Seus fins e seus meios;

Jornais

A Lanterna – semanário anticlerical e de combate;
 A Voz do Trabalhador – publicação quinzenal sindicalista revolucionária;
 La Propaganda Libertária – em língua italiana;
 A Aurora – semanário anarquista de Porto (Portugal);
 Tierra y Liberdade – semanário anarquista de Barcelona.

A PLEBE [Lista retira deste periódico]

Sebastião Faure – *A Dor Universal;*
 Pedro Kropotkine – *A Questão Social;*
O Anarquismo;
A Grande Revolução;
A Conquista do Pão;
 A A de Santillan – *Alforria Final;*
 Paulo Berthelot – *Evangelho da Hora;*
 Verlain Tcherkesoff – *O marxismo: antes e depois de Marx;*
 Maximo Gorki – *A Mãe;*
 Errico Malatesta – *Comunismo Libertário;*
 Fiorentino de Carvalho – *Da Escravidão a Liberdade;*
A Guerra Civil de 1922 em São Paulo;

Maria Lacerda de Moura – Clero e Fascismo – Horda de Embrutecedores;
 Civilização – Tronco de Escravos;
 A Mulher é uma Degenerada;

Emilio Zola – Germinal;

Gustave Le Bon – Leis Psicológicas da Evolução dos Povos;

Leonidas Nimel – A Inexistência da alma;

Romain Rolland – Nicolai e a Biologia da Guerra;

Guerra Junqueira – A velhice do Padre Eterno;

J. C Boscolo – Verdades Sociais;

J. P. Proudhon - Que é a Propriedade;

Büchner – Fôrça e Matéria;

J. Brandés – Jesus Cristo é um mito;

Benjamin Mota – A razão contra a fé;

Em castelhano

Luce Fabbri – Camisas Negras;

Rodolfo Rocher – Artistas y Rebeldes;

Juan Most – La vida de Rebelde;

Pierre Besnard – Mundo Nuevo;

Miguel Bakounine – Consideraciones Filosóficas;

Eugen Relgis – Bulgária Desconocida;

Lista do Jornal

A QUESTÃO SOCIAL – ORGAN DO CENTRO SOCIALISTA

Karl Marx – O Capital

G. Deville – Le Capital Condense;

B. Malon – Le Socialisme Integral;

Lundis Socialistes;

Economina Sociale;

Socialisme Reformiste;

Magalhães Lima – La Federation Iberique;

O Livro da Paz;

Socialismo na Europa;

O Primeiro de Maio;

Pela Pátria e Pela República;

Discursos;

Ch. Letourneau – Evolution de la Propriété;
 Evolucion de la Morale;
 Ziegler – La Question Socialiste est une Question Morale;
 Bebel - La Femme;
 Engels – Socialisme Utopique et Socialisme Scientifique;
 A Blanque – Critique Sociale;
 Kropotkine – La Conquete du Pain;
 Paroles a un Revollé;
 Bakounine – Ouvres;
 E. Laveleye – Le socialisme contemporain;
 Cezar de Poepe – Le Collectivisme;
 J. Novicow – Les lutttes entre Sociétés Humaines et leurs Phases Sucessives;
 Les Gaspillages des Sociétés Modernes;
 T. Masseron – Danger et Necessité du Socialisme;
 Schlefle – La Quintessence du Socialisme;
 Tabarant – Le Cathecisme Socialiste;
 H. Brissac – Resumé Populaire do Socialisme;
 E. Gaulier – Le Darwinisme Social;
 J. Argyriadis – Les Almanackes de la Quèstion Sociale;
 Nitti – Le Socialisme Catholique;
 Howell – Le Passé et l'Avenir des Trade-Unions;
 A Liess – La Question Sociale;
 Mermeix – La France Socialiste;
 Louis Bertrand – Le Minimun de Salaire;
 Hamon et Bachot – La France Politique et Sociale;
 Bourdeau – Le Socialisme Allemand et le Nihilisme Russe;
 Lombroso – Gli Anarchici;
 P. Janet – Les Origines du Socialisme Contemporain;
 H. Depasse – Transformations Sociales;
 Boussies – Lê Collectivisme et sés Consequences;
 Naquet – Socialisme Collectiviste et Liberal;
 Martinet – Le Socialisme em Danemark;
 Oliveira Martins – Socialismo em Portugal;
 E. Drumont – La Fin d'um Monde;
 Bellamy – Daquí a cem anos;
 Seul de son Siècle;
 E. Say – Le socialisme d'Etat;

- Eugenio George – O socialismo;
 Principios de Política Socialista;
- Bourkheim – De la División du Travail Social;
- Courtois Fils – L'Anarchisme Théorique et le Collectivisme Pratique;
- G. François – Le comerse;
- Charle Benoist – Le Politique.
- Carlos de Escobar – O que é o socialismo;
- Enrico Ferri – Socialisme e scienza positiva;
 La myopie individualiste, reponse á le superstition socialiste de
 Garofalo;
- E. Boulard – Le collectisme Integral Revolutionaire;
- L. Morosti – La Verité sur la Propriété et le Travail;
- Arcés Sacré – Fin du Patronat – Base du Socialisme;
 Lois Socialistes transitoires et Palliatifs;
 Lois Sociolistes de la propriété;
- Rienzi – L'Anarchisme;
- Jules Letainturier – Le Socialisme devant le bon sens;
- M. Rittinghousen – La Legislation Diretce par le peuple;
- Emile Stocquart – Le Contrat de Travail;
 E'tude de Droit Social et le Legilsation Comparee;
- José Ingenieros – Que es el socialismo;
- Hamon – Patria et Internacionalisme;

Biblioteca de

A VOZ DO TRABALHADOR

Livros

- A Hamon – Determinismo e Responsabilidade
 Socialismo e Anarquismo
 Psicologia de um militar profissional
- C. Marx – O Capital
- C. Albert – O Amor Livre
- C. Cornelissen – A caminho da sociedade nova
- E. Pouget - A Confederação Geral do Trabalho
- H. Lagardelle – Sindicalismo e socialismo
- J. Prat e A Briand – Sindicalismo e Greve Geral
- A Naquet – A caminho da união livre

H. Leone – O Sindicalismo
 J. Grave – A sociedade moribunda e a anarquia
 A sociedade futura
 J. Novicow – A Emancipação da mulher
 M. Guyau – Educação e Hereditariedade
 Max Nordau – As mentiras convencionais
 M. Pierrot – Sindicalismo e Revolução
 P. Eltzbacher – As Doutrinas Anarquistas
 P. Kropotkine – A Conquista do Pão
 Palavras de um Revoltado
 A Grande Revolução
 S. Faure – A dor universal
 Dr. Toulouse – como se deve educar do espirito
 V. Griffielhes – A Ação sindicalista
 Maximo Gorki – A Mãe
 Emilio Pauget – Bases do sindicalismo
 João Most – A peste religiosa
 Elizeu Reclus – Evolução, Revolução e Ideal Anarquista
 César Mendes – O Sorteio Militar
 E. Bosi – A igreja e a liberdade
 Max Nordan – As mentiras convencionais
 Flamarion – Iniciação Astronômica
 Darzens – Iniciação Química
 Ch. Laisant – Iniciação Matemática
 Brucher – Iniciação Zoológica
 Iniciação Botânica
 Guillaume – Iniciação Mecânica
 C. Jacquient – Historia Universal
 Adolfo Lima – O contrato de trabalho
 Neno Vasco – A porta da Europa
 E. Malatesta – Entre camponeses
 F. Delaise – Os Políticos, os financeiros e a guerra
 Carlos Dias – Semeando para Colher
 P. Gori – A anarquia perante os tribunais

Folhetos

O dia de oito horas – F.G.T.F.
 A mulher e o militarismo

Tributo de sangue
 Huelga de Ventres
 Notas de um anti-alcoolista por Mauricio de Medeiros – Interno do Hospício Nacional dos Alienados
 La anarquia es inevitable
 Peste religiosa
 Almanaque "Aurora"
 A Jornada de Oito Horas – Editado pela Luta Operária
 Resoluções do Primeiro e Segundo Congressos Operários Brasileiros

Revistas e Jornais

L'Ecole Rénovée – Revue pour l'elaboration d'un plan d'éducation moderne
O componedor – Periódico operário das artes e classes gráficas
O Eco do Mar – Associação dos Marinheiros e Remadores e União dos Foguistas
O Livre Pensador – Orgam racionalista
Germinal – Semanário defensor dos oprimidos
O Caixeiro – Orgam dos Caixeiros
O Construtor Civil – Associação dos pedreiros, carpinteiros
O Povo de Aveiro – Semanário republicano
El Surco – Propaganda anarquista
Despertar – Publicação para ensino popular para associação de resistência "Operários Alfaiates"
El Auriga – Orgam de resistencia dos condutores de carros e anexos
Avanzado – Propaganda libertária
La Mentira – Organ da Pátria, da Religião e do Estado
El sindicato – Editado pelo "Sindicato de Mozos de la República Argentina"
El Sombrero – Orgam da Associação dos Chapeleiros da Republica Argentina
La Acción socialista – Periódico sindicalista revolucionario
El Obrero Constructor de Rodados – Orgam da Federação Nacional dos Operarios Construtores de Rodados
El Obrero Gráfico – Orgam da Federação Gráfica Bonaerense
Rebelión – Semanario anarquista
La Voz del Pueblo – Orgam dos sindicatos Operarios de Tarrasa
Tierra y Libertade – Semanario Anarquista
Al Paso – Semanario de Propaganda Anarquista
Freedom – Periódico comunista anarquista
Folha do Povo
O Clarim da Luz – Orgam do Centro Espirita "Caridade e Luz"

O 1.º de Maio – Orgam operário
 O Trabalho – Orgam de Interesses Gerais
 La Lotta Proletária- Orgam da União dos Sindicatos de São Paulo
 A Luta – Porto Alegre
 A Terra Livre – São Paulo
 La Battaglia – São Paulo
 La Protesta – Diário Anarquista - Argentina
 O Protesto – Lisboa
 Geminal – Setúbal
 Tierra Libre – Barcelona
 Solidariede Obrera – Barcelona
 Acracia – Barcelona
 Humanidade Nueva – Valencia
 Tierra y Liberdade – Barcelona
 Les Temps Nouveaux – Paris
 Le Libertaire – Paris
 La Guerre Sociale – Paris
 La Voix du Peuple – Paris
 L'Action Directe – Paris
 La Voix du Peuple – Lausanne
 Le Réveil – Geneve
 Il Pensiero – Sociología, Arte, Leteratura – Roma
 L'Internazionale – Bologna
 La Guerra Sociale – Torino
 Il Libertario – Spezia
 L'Alleanza Libertaria – Roma
 L'Azione Diretta – Firenze
 La Protesta Umana – Milano
 L'Université Popolares – Milano
 La Pace – Antimilitarista - Genova
 Revolutionar – Arnarchistisches Wechenblatt – Berlin
 Freedom – London
 Bulletin de L'Internationale Anarchiste – London
 Mother Earth – New York
 Cronaca Souversiva – Vernont
 Tierra! – Cuba
 La voz del Dependiente – Havana
 Los Parias – Lima

El Hambriento – Lima

La Emancipación – Montevideo

La Acción Obrera – Montevideo

Despertar – Montevideo

La Rebeldía – Asunción

Despertar – Organo de la Federación Obrera Paraguaya – Asunción

Reiteramos que o nosso objetivo com esta relação de títulos é o de fornecermos um amplo panorama das leituras sugeridas. Tendo este pano de fundo, trabalharemos com algumas das indicações mais significativas para a leitura de formação dos militantes.

4.2 ENTRE LINHAS

Trataremos de analisar os principais textos propostos pelos anarquistas para a orientação de seus militantes. Não adotamos aqui nenhum critério mais rígido de seleção. Optamos por selecionar aqueles títulos mais recorrentes, além de nos parecerem os mais densos em relação aos elementos que buscamos nos escritos para analisarmos. Iniciamos o trabalho de análise com a obra de Máximo Gorki, *A Mãe*.²³¹ Em função de sua recorrência e permanência no tempo como sugestão de leitura para a formação de militantes, tudo isso nos levou a colocar esse romance no centro da análise. Os principais elementos dele destacados nos serviram para ancorar os outros textos analisados. Embora tenhamos lido um número significativo de

²³¹A edição que utilizamos aqui é a seguinte: GORKI, Máximo. **A mãe**. Moscou: Edições Ráduga, 1987. Essa edição aparenta ser uma edição popular, feita com papel de qualidade inferior e com uma tradução um tanto descuidada. Encontramos na presente edição algo como uma apresentação em que lemos que Máximo Gorki (1868-1936) inspirou-se em fatos reais para a redação desse livro. O ano de 1902 foi aquele em que ocorreram as manifestações do 1.º de maio. A cidade russa, local desses eventos, era Sormovo. Os personagens centrais da trama real eram o operário fabril Piotr Zalomov e sua mãe, Anna Kirilovna Zalomova. Ao final do texto temos o ano de 1907. Parece-nos curioso registrar que o livreiro do qual adquirimos o volume trouxe-nos outros títulos sobre o mesmo tema e se colocou à disposição para nos fornecer o que estivesse ao seu alcance, aparentando-se com um militante que nos oferece uma relação de títulos "formadores". O livreiro disse ser aluno do curso de graduação em História da UFPR.

folhetos, romances, roteiros de teatro, panfletos, artigos nos jornais anarquistas etc., escolhemos o caminho da concisão. Separamos o que havia de fundamental e tratamos de expor a análise desses textos porque concluímos que os elementos mais significativos poderiam ser encontrados no interior desse conjunto por nós delimitado.

4.2.1 A Mãe

Uma das fontes mais presentes nas sugestões de leitura é o livro **A mãe**, de Máximo Gorki. Conforme já mencionamos anteriormente, essa indicação aparece desde o início do século XX até o início do XXI. Não podíamos, portanto, iniciar nossas análises das indicações de leitura por outro texto que não este.

Esse texto de Máximo Gorki é angular para nossas pretensões analíticas. Com a análise esperamos poder demonstrar a afirmação acima. Enquanto isso, nos contentamos em relembrar que é o título de maior "longevidade" nas relações de leitura que pudemos colocar os olhos sobre. Para aqueles que lerem o texto ficará mais fácil de entender o porquê dessa permanência. Tentaremos, com nossa análise, manter uma proximidade da riqueza do texto que cumpre um papel multissignificante.

Esse livro de Gorki, ao mesmo tempo em que funciona como um libelo da esquerda, também cumpre as vezes de um paciente professor que difunde as "verdades" do socialismo. De maneira simples, por intermédio da mãe de um jovem operário, na maioria dos casos, o autor transmite ao leitor o núcleo das idéias socialistas do final do século XIX e começo do XX. Além disso, estão ali presentes inúmeras situações que, na forma de um catecismo, com perguntas e respostas, esclarecem as principais dúvidas que podem ocorrer a um neófito. Por que esse romance atrai tanto a atenção dos "formadores" de militantes a ponto de ser indicado ao longo de décadas como leitura básica para "todos os militantes dos movimentos sociais?" Respondendo a esta pergunta poderemos avançar na compreensão do porquê a leitura era tão privilegiada pelos anarquistas como meio de formação política de seus militantes. Inicialmente, destacamos o fato de se tratar de um romance bem

escrito. O poder de sedução da literatura é algo muito difundido. Transformou-se até em metalinguagem no interior dos textos literários em que os próprios personagens alertam para os perigos da leitura, de *Dom Quixote* a *Madame Bovary*.

Os heróis de nosso romance são Pavel Vlassov, o filho, e Pelagueia Nilovna, a mãe. Em torno deles articula-se a história do livro que vai traçando e desencavando perfis, modelos, tanto de política quanto de comportamento desejável para um militante político. Os heróis são militantes do Partido Socialista russo, fato que não os impede de serem utilizados como modelo pelos anarquistas. Cremos que essa "transferência" se dá em função daquilo que afirmamos nos capítulos anteriores sobre o militante político. Existem alguns elementos que fazem parte essencial do tipo de indivíduo que milita, seja em uma seita religiosa, seja em um partido nazista, seja em uma organização anarquista. Esses elementos estão presentes nos personagens e servem como um eficiente propagador desses valores que devem ser incorporados por todos aqueles que desejem fazer parte de uma organização política fundada na atividade militante.

O primeiro aspecto descritivo a ser notado em relação ao livro em foco é que o autor procura construir um panorama da miséria material e espiritual dos operários. A violência gratuita, o abuso do álcool, as brigas constantes, enfim, uma situação de vida subumana que não oferece saídas. O jovem metalúrgico Pavel Vlassov, filho de serralheiro, a especialidade mais "nobre" entre os metalúrgicos, só consegue romper com esse cerco à medida que algumas mudanças decisivas acontecem. A primeira delas foi a morte do pai, pessoa de rudeza extremada, que só conseguia cultivar o ódio. Esse fato possibilitou a expansão do jovem em uma direção distinta daquela apontada pelo exemplo paterno. A segunda mudança significativa foi o contato estabelecido com a cidade.

Pôs-se a trazer livros, que lia às escondidas e depois fechava em qualquer parte. Às vezes, copiava uma passagem para um bocado de papel, que igualmente escondia.

Falavam pouco [a mãe e o filho], e quase não se viam. De manhã, ele bebia o chá sem dizer uma palavra e abalava para o trabalho; ao meio-dia chegava para o

almoço; à mesa, trocavam algumas palavras insignificantes, e de novo desaparecia até à noite. Findo o dia de trabalho, lavava-se com cuidado, jantava e mergulhava em longas leituras. Aos domingos partia logo de manhã, para voltar noite avançada. A mãe sabia que ele ia à cidade, que freqüentava o teatro, mas ninguém da cidade vinha vê-lo. Parecia-lhe que, com o correr do tempo, o filho se tornava menos falador; e, ao mesmo tempo, notava que, por vezes, usava palavras novas, que ela não compreendia, enquanto as expressões grosseiras e brutais desapareciam da sua linguagem.²³²

Esse processo interligado de amadurecimento e de urbanização também deixou revelar outras transformações na forma de agir de Pavel. Ajudava a mãe nas tarefas domésticas, por exemplo. Segundo a narrativa, era o único do bairro a fazê-lo. Como complemento desse processo, temos a leitura ocupando um lugar de destaque. As histórias contadas e recontadas podem surtir um efeito mais rápido e eficiente para o convencimento do futuro militante. A leitura dos livros, jornais e panfletos, contudo, é mais utilizada porque os livros podem ser transportados sem serem vistos, podem ser escondidos com facilidade ou até mesmo destruídos com rapidez, enquanto os militantes mais experientes podem explicar melhor as idéias, mas a relação custo e benefício é favorável aos textos. Além disso, a leitura geralmente é antecedida de uma preparação oral. Isto realizado, o indivíduo já está pronto para ler "com olhos de ver", o que facilita sobremaneira a aceitação das idéias presentes no texto.

Perguntado pela mãe sobre seus novos hábitos de leitura,

Ele pousou o livro.

– Senta-te, mãe...

Ela sentou-se pesadamente ao lado dele e endireitou-se, atenta a algo de grave, e preparou-se para ouvir qualquer coisa importante.

Sem olhar para ela, a meia voz, assumindo não se sabe por quê um tom rude, Pavel começou a falar.

– Leio livros proibidos. Os livros são proibidos porque dizem a verdade sobre a nossa vida, a nossa vida de operários... São impressos às escondidas, e se os encontram aqui, metem-me na prisão... na prisão, porque eu quero saber a verdade. Compreendes?

²³²GORKI, op. cit., p.13.

Ela teve, de repente, dificuldade em respirar, e pôs no filho um olhar esgazeado. Parecia-lhe mudado, estranho. E tinha outra voz, mais baixa, mais cheia, mais sonora. Com as pontas delgadas dos dedos, torcia os pelos finos do bigode de adolescente, e o seu olhar perdia-se, bizarramente, no vazio. O medo pelo filho e a piedade apoderaram-se dela:

– Porque fazes isso? – pronunciou.

Ele levantou a cabeça, lançou-lhe um olhar, e respondeu:

– Quero saber a verdade.

O autor empresta à mãe uma preocupação com o filho e uma forma de vê-lo que se mostra universal. "Onde foi que esse garoto se meteu?" e "Ele é apenas uma criança." São essas as formas primordiais de uma mãe ver um filho. Enquanto isso, o jovem metalúrgico estava se transformando em um militante operário de esquerda na Rússia czarista do final do século XIX. Mas, este não é o aspecto mais importante desse momento no processo de amadurecimento e de tomada de consciência política e de classe, para usar a linguagem da militância, de Pavel Vlassov. Consideramos que a verdade ocupa um lugar central nesse processo. Assim como a passagem bíblica afirma que "Tua palavra é a verdade" os militantes vêem nesse termo a luz que iluminará todo o seu caminho. A religião lança seus olhares para a política. "A voz dele era baixa, mas firme, e os olhos brilhavam-lhe, obstinados. O coração dela [a mãe] compreendeu que o filho se dedicara para sempre a qualquer coisa misteriosa e terrível".²³³ O filho tornara-se um militante. "Com toda a força da juventude e o entusiasmo do aluno orgulhoso dos *seus conhecimentos, que para ele são a verdade evangélica*, falava de coisas evidentes aos seus olhos, falava menos para a mãe do que para pôr à prova as suas próprias convicções".²³⁴ (grifos nossos)

O fundo religioso ampara todo esse conjunto de valores morais que são desfiados ao longo do texto. "Esta fé infantil, mas inquebrantável, manifesta-se cada

²³³GORKI, op. cit., p.15.

²³⁴GORKI, op. cit., p.15.

vez mais no pequeno grupo e com crescente força".²³⁵ O elemento que solda esses valores e lhes dá força, fazendo com que eles se tornem um dos suportes principais da vida dos militantes, é a razão. Esta funciona como meio para se alcançar um determinado fim. Algo como uma vida de privações que aproxima, facilita a entrada do crente no reino dos céus. Como catequizador nessa prática política, as classes médias ocupam um lugar de destaque. Elas possuem instrução e tempo disponíveis para ler, aprender e ensinar os outros, geralmente operários. Além disso, o gênero também conta. Normalmente são as mulheres a cumprir esse papel, como em qualquer outro romance. A mãe pergunta para Pavel quem é a moça que organizou os debates em sua casa:

- E a moça... Ah!, que pequena inteligente! Que faz ela?
- É professora! – respondeu brevemente Pavel, que caminhava de um lado para outro da sala.
- Então é por isso que ela é pobre!... E tão mal vestida, sim, muito mal! E um resfriado é num instante que se apanha! Os pais dela, onde estão?
- Em Moscovo. – E Pavel, detendo-se diante da mãe, acrescentou em voz baixa e grave:
- Vê tu, o pai rico, vende ferro, tem várias casas. Pô-la fora porque ela escolheu este caminho. Foi educada com esmero, amimada por toda a família, e agora, repara nisto, vai fazer sete quilômetros a pé, em plena noite, sozinha...²³⁶

Em relação ao comentário sobre a profissão da moça, nada diremos, deixando para o nosso leitor caminhar até suas próprias conclusões. Pudemos observar, ainda, que as pessoas mais instruídas funcionam como uma espécie de vanguarda que ilumina os outros militantes. Esse aspecto abre espaço para outras manifestações de valores morais nessa forma de se fazer política por meio da militância. As relações entre os gêneros são amortecidas, conduzindo a uma espécie de celibato de fundo político e não religioso, se é que as coisas não se confundem, conforme estamos tentando demonstrar. Pavel e outros personagens, embora

²³⁵GORKI, op. cit., p.33.

²³⁶GORKI, op. cit., p.27.

manifestem amor e paixão por outras pessoas, além da causa revolucionária, nunca concretizam esse amor. Temos uma personagem viúva, além da própria mãe, que pode se transformar em militante porque deixou de apanhar do marido e, é claro, porque o filho descobriu o caminho da verdade. Por amor a ele, a mãe passa a trabalhar pela causa.

É importante ressaltarmos o método de formação dos militantes presente no romance de Máximo Gorki. Mais precisamente, quando discutimos os efeitos relativos à leitura, neste trabalho, apontamos o fato de que a leitura coletiva, as discussões centradas em um texto político ou não, eram instrumentos utilizados pelas organizações políticas em geral e pelo anarquismo em particular. Temos no romance em foco a primeira informação mais completa sobre o que acontecia com o jovem herói através da narrativa da reunião que ocorreu em sua casa. Lá, uma professora organizou um debate com vários indivíduos, apoiada em leituras feitas no local ou previamente. Não se pode carregar um professor nos bolsos, mas livros sim. Temos, portanto, um tipo de confirmação de nossas hipóteses a respeito do assunto. Só nos faltou a lista de textos a serem lidos...

Qual é o perfil do militante desenhado no romance? O que era desejável ser, ou aparentar ser? "- Que gente simples, Pavel! É bom haver pessoas simples! E todas te estimam..."²³⁷ Retomando a eterna luta entre o bem e o mal, o romance procura pintar um retrato de indivíduos bons, desapegados, incapazes de romper com seus princípios éticos e morais. Essa vontade férrea aparece para aqueles que não fazem parte (ainda) do grupo de militantes como uma rigidez de caráter. "A mãe olhou para um e para outro, e depois disse: – Como sois... duros!"²³⁸ Outro aspecto ligado a este é a mais completa dificuldade para lidar com os assim chamados bens materiais. O desapego das coisas nos remete para o interior dos claustros dos conventos e das celas dos monges. É a máxima do "tudo pela causa". Em um

²³⁷GORKI, op. cit., p.56.

²³⁸GORKI, op. cit., p.73.

diálogo da mãe com outro personagem, temos um dos exemplos a serem seguidos dentro da ética proposta pelos integrantes da trama do romance:

Por exemplo, gosto de si, talvez até mais do que de Pavel. Ele é muito fechado... Quer casar-se com Alexandra, e não me falou disso, a mim, mãe dele...

– Não é verdade! Sei que não é verdade. Ele ama-a, e ela ama-o. Mas quanto a casarem-se, não! Ela queria muito, mas Pavel não quer...

– Sim? – perguntou a mãe, pensativa, e o seu olhar triste prendeu-se em Andrei.

– Como é isso? As pessoas renunciam a si próprias...

– Pavel é um homem raro! – pronunciou muito baixo. – Uma natureza de ferro...

[A mãe retoma a palavra] – Mas sois pessoas muito boas, isso eu vejo! E consagrastes-vos a uma vida penosa, pelo povo, sim, a uma vida dura, pela verdade. A vossa verdade, essa também a compreendi: enquanto houver ricos, o povo não terá nada, nem justiça, nem alegria, nada!²³⁹

Além do que diz respeito à vida pessoal, outros aspectos se somam a esses para colocar a revolução acima de tudo. Nos termos dos personagens do texto, a verdade é o absoluto.

– Pelos camaradas, pela nossa causa... sou capaz de tudo. Estou pronto a matar! Mesmo um filho...

– Oh, Andrei! – exclamou debilmente a mãe.

Ele sorriu:

– É impossível agir de outra maneira! É a vida que o exige!...

(...)

– Quando se vai para diante, é necessário lutar até contra nós próprios. É preciso saber sacrificar tudo, todo o coração. Consagrar a vida à causa, morrer por ela, não é difícil!... É preciso dar ainda mais, dar o que é mais caro que a vida. Então, crescerá com vigor o que há em nós de mais valioso: a verdade!...²⁴⁰

A mãe compreendeu a verdade que movia o filho e os seus camaradas. A partir daí começou a se envolver com a política transformando-se, também, em militante. Vimos essa repetição da idéia em outros textos. Referimo-nos ao fato de que os autores dos romances, panfletos etc., formadores de militantes, repetem a

²³⁹GORKI, op. cit., p.81-2.

²⁴⁰GORKI, op. cit., p.118-9.

imagem de pessoas apáticas e que não lutam contra a exploração porque não têm consciência. Em outros termos, quando se é iluminado pela verdade parte-se para a ação política revolucionária. A ação de alfabetizar ou levar a verdade é, portanto, uma ação fundamental para todos os militantes, tanto do ponto de vista dos seus objetivos pessoais, ou seja, é sua missão fazê-lo. Além disso, a organização crescerá com esse trabalho de esclarecimento.

No mesmo ritmo em que o texto vai mostrando como se forma o militante, ele também oferece ao leitor uma discussão prévia sobre algumas contradições da militância, de forma muito eficiente. A trama do texto, preventivamente, já questiona alguns "desvios" em que a militância pode incorrer e já oferece algumas formas de se retornar ao caminho verdadeiro. Por exemplo, o afastamento dos líderes do projeto original da revolução é feito por um dos personagens. A questão permanece em aberto até o momento em que entram em cena certos elementos do enredo para justificar a continuidade dos trabalhos de organização. Uma das principais saídas para esse problema é que a descoberta da verdade é individual e que mesmo que alguns líderes sejam "traidores" (inclusive sem aspas), o movimento deve continuar, apesar das defecções. A dúvida, levantada por um camponês desconfiado, nas idéias da mãe foi dissipada pelos argumentos de outro revolucionário, que não era camponês.

– Isso inquieta-a? – exclamou, rindo, o Pequeno-Russo. – Ah, o dinheiro, mãezinha, se ao menos o tivéssemos! Vivemos ainda com o dinheiro dos outros. Veja, Nicolai Ivanovitch que ganha setenta e cinco rublos por mês deixa-nos cinquenta. Outros também. E há estudantes que passam fome, mas enviam-nos freqüentemente um pouco de dinheiro que juntam copeque a copeque. Senhores [aqui com o sentido de aproveitadores], há-os de todo o gênero, é claro. Uns, querem enganar-nos; outros, vão a reboque; mas os melhores estão conosco... (...). A sua animação derrotou o desassossego que Ribine [o camponês] semeara na mãe.²⁴¹

²⁴¹GORKI, op. cit., p.89.

Não foi muito difícil sossegar a mãe em relação a esse aspecto. Esses elementos aqui mencionados nos remetem para uma discussão presente no início deste trabalho. Referimo-nos ao contrato supostamente realizado entre o leitor e o texto. Existe uma pré-disposição por parte do leitor em relação às idéias ali presentes: o texto é lido com olhos de ver. Caso isso não aconteça, existem muitas brechas por meio das quais o leitor não sectário daquelas idéias escapa com facilidade. Não fosse por isto e bastaria que os militantes revolucionários lessem em voz alta nas grandes concentrações de trabalhadores os textos básicos sobre a formação da consciência revolucionária, para que tivéssemos o imediato espocar das ações revolucionárias. De qualquer maneira, certas práticas religiosas fazem já (ou ainda) esse tipo de atividade. Até onde podemos vislumbrar, apenas alguns indivíduos são sensibilizados por esse tipo de doutrinação, ou melhor, tentativa de doutrinação. No campo da política revolucionária de esquerda, não temos notícia da doutrinação em praça pública da palavra verdadeira. Enfim, a idéia do contrato entre texto e leitor nos auxilia na compreensão desses aspectos da leitura como forma de doutrinação política e religiosa. É preciso que haja pelo menos algum tipo de ponte que vá aproximar ou estabelecer um contato mais estreito entre as partes em foco. Existindo essa ligação o processo de leitura, seguida do convencimento, mostra-se muito eficiente.

4.2.1.1 Os aliados e seus papéis

Encontramos nesse texto, além dos aspectos que já mencionamos, algumas reflexões sobre o outro, o diferente, no que tange ao operário: os camponeses. Talvez possamos dizer que cabe uma pitada de sociologia nesse processo analítico ali presente. Esse tipo de abordagem se refere mais diretamente à caracterização dos camponeses, que na Rússia czarista eram uma classe social fundamental, sobre a inércia da qual se apoiava a estrutura de poder. No caso das assim chamadas classes médias, vemos, principalmente, os estudantes ocupando

um papel central. A audácia da juventude é sempre lembrada, além da instrução adquirida nos bancos escolares, o contato com idéias liberais, com a verdade. Esses dois elementos, juventude e conhecimento, sustentam o estereótipo de um militante revolucionário em potencial.

Quando refletimos sobre a mãe de Pavel, nosso militante, procuramos destacar o aspecto das redes de solidariedade. Fica claro no romance que a mãe do herói, em verdade, ela a personagem central, adere à causa revolucionária apenas porque o filho foi preso e ela gostaria que ele a valorizasse. Dispôs-se, portanto, a se arriscar e continuar o trabalho de panfletagem do filho, no interior da fábrica, fundamentalmente porque lhe foi argumentado que o fim das atividades levariam as autoridades a concluírem que, de fato, era mesmo seu filho que panfletava. Assim, a viúva Vlassov iniciou sua militância para defender o filho e não por convicção política. Depois de iniciar sua vida militante ela foi incorporando os ideais revolucionários, mas sempre a seu modo, com amor, paciência, cuidados, sofrimentos etc. Afirmamos que Pelagueia Nilovna, personagem título, representa o setor oprimido da sociedade. Em função de suas contradições, de sua religiosidade persistente em um mundo de ateus militantes, a bondosa senhora é a encarnação do povo, conceito pouco claro em seus contornos, mas transparente o bastante para permitir-nos vislumbrar a ex-camponesa russa que corporifica os explorados e oprimidos.

No que diz respeito aos camponeses, o texto apresenta uma visão que já mencionamos, ou seja, a maioria da população acomodada às tradições, conformada com a política através do véu da religião. Outro aspecto dessa mesma abordagem feita por Gorki é o fato de que o camponês é sempre desconfiado do novo, do diferente. Uma mistura de ingenuidade com esperteza instintiva. É assim que o personagem Ribine, um camponês militante, sintetiza esses recortes do caráter do homem do campo:

Nos olhos de Ribine havia um clarão soturno. Olhava para Pavel com uma expressão satisfeita e corria febrilmente os dedos pela barba.

– Mas não tenho tempo de andar a fingir. A vida não é uma brincadeira... Um canil não é um curral, cada matilha ladra à sua maneira...

– Há "senhores" que se sacrificam pelo povo, que sofrem toda a vida nas prisões! – disse a mãe, recordando os rostos que lhe eram familiares...

– Quanto a esses, o assunto é outro. Quando o mujique enriquece, esfrega-se no senhor, quando o senhor empobrece, aproxima-se do mujique. A alma está forçosamente pura, já que a carteira está vazia. Lembra-te, Pavel, explicaste-me que se pensa da maneira que se vive, e se o operário diz branco, o patrão dirá preto, e se o operário diz não, então o patrão, pela sua natureza de patrão, gritará fatalmente sim. Pois bem, também o mujique e o senhor são de naturezas diferentes. Quando o mujique enche a barriga até se fartar, o senhor não dorme de noite. É claro, cada condição tem os seus sabujos, e não estou disposto a defender todos os mujiques...

(...)

– O mujique apóia-se mais calmamente nas pernas! – acrescentou Ribine. – Sente a terra sob os pés, apesar de não ser dele, mas sente-a! E o operário da fábrica é um pássaro: não tem terra, não tem casa, hoje aqui, amanhã ali! Nem uma mulher o prende a um lugar: à menor questiúncula, adeus, minha linda, e procura melhores ares noutro sítio. Enquanto que o mujique faz por arranjar as coisas onde está, sem se mudar...²⁴²

Na boca do personagem aparecem as palavras que buscam classificar o perfil do camponês médio russo. Não é possível confiar nele, uma vez que só a classe operária é verdadeiramente incorruptível, revolucionária. A sutileza da avaliação está em colocá-la na boca de Ribine. Aliás, essa é a estratégia do conjunto do texto, o que lhe confere um poder de convencimento suficiente para colocá-lo na lista dos mais citados até os nossos dias.

Retomaremos aqui dois aspectos que aparecem com muita frequência no romance e que cumprem um papel importante. O primeiro deles é a insistência na utilização da religião como um discurso de convencimento, desde a pobreza dos militantes, tal qual no cristianismo primitivo, até as promessas do paraíso na terra, na redenção dos pecados do mundo pela atividade militante. Em discurso no primeiro

²⁴²GORKI, op. cit., p.126 e 129.

de maio, antes dos principais militantes serem presos, temos a fala do militante revolucionário confundindo-se com um sacerdote:

– Camaradas! – começou o Pequeno-Russo, cobrindo com a sua voz doce e cantante o frêmito da multidão. – A nossa procissão marcha agora sob o nome de um novo Deus, o Deus da luz e da verdade, o Deus da razão e do bem! O nosso objectivo está longe, e as coroas de espinhos muito perto! Aqueles que não têm fé na força da verdade, que não têm a coragem de a defender até à morte, aqueles que não têm confiança neles próprios, que se afastem! Nós apelamos a que se nos juntem aqueles que acreditam na nossa vitória; os que não vêem o nosso objectivo que não nos sigam, pois só encontrarão precalços. Cerrai fileiras, camaradas! Viva a festa dos homens livres! Viva o Primeiro de Maio!²⁴³

O outro aspecto a ser tratado é a valorização da cidade, do processo de urbanização. O poder de atração da *urbe* é anterior ao tempo do romance e se prolonga depois dele. Desde os fugidos da gleba até os sem-teto da atualidade, existe um fascínio exercido pela cidade sobre o homem. Pavel foi seduzido pelos ideais da revolução quando entrou em contato mais estreito com a cidade e alguns de seus moradores. Não foi diferente com a mãe. Quando ela assume a militância integralmente, digamos assim, ela muda-se para a cidade. O espaço urbano, mais que o bairro operário isolado da cidade e colado à fábrica, oferece uma série de elementos para ajudar a compor uma visão de mundo mais livre, menos submetida a valores tradicionais, religiosos e conservadores. Pelo menos do ponto de vista dos movimentos de esquerda, o marxismo e o anarquismo, o camponês aparece, nas palavras de Marx, em *O 18 brumário de Luis Bonaparte*, como um saco de batatas, incapaz de se organizar como classe de forma autônoma, portanto, sempre indo a reboque de outras classes. Quando segue o proletariado, o camponês está à esquerda; quando segue a burguesia, está à direita. No caso que ora tratamos, a mudança para a cidade, portanto, significa uma esquerdização da personagem título.

²⁴³GORKI, op. cit., p.141-2.

4.2.1.2 A propaganda, a liberdade, a família, a verdade

Para darmos um fecho na análise desse texto básico para a formação da militância, trataremos de alguns elementos importantes que estiveram relativamente diluídos ao longo de nossa análise. Inicialmente, destacamos o papel de proa dado à divulgação das idéias revolucionárias. O principal meio de divulgação dessas idéias era a leitura, como estamos insistindo ao longo deste trabalho. Jornais, livros e panfletos cumpriam papel decisivo. Quando a mãe e outra militante, Sofia, foram até um local distante para levar impressos para os camponeses o arrebatamento daqueles indivíduos pela palavra impressa foi total.

Ao ver as duas mulheres à entrada da cabana, Ignati levantou a cabeça; depois, passando a mão pelos cabelos anelados, debruçou-se sobre o jornal desdobrado por cima dos joelhos. Ribine, de pé, tinha colocado uma folha sob um raio de sol que se infiltrava na cabana por uma fenda do telhado e, deslocando o jornal de forma a iluminá-lo melhor, lia mexendo os lábios. Iakov, ajoelhado, com o peito apoiado no bordo da tarimba, lia também.

A mãe sentou-se num canto, enquanto que Sofia, passando-lhe um braço pelos ombros, observava em silêncio os três companheiros.²⁴⁴

Essa cena é muito reveladora. Além de mostrar a sede pelo conhecimento, mais uma vez aparecem as mulheres como meio de formação, as mulheres como professoras. Retomando essa postura temos uma nova cena que agrega valores à descrição.

O braseiro de faces rubras e sorriso provocante iluminava as silhuetas negras que o cercavam; e as vozes humanas misturavam-se ao tranquilo crepitar e ao sussurro das chamas.

Sofia começou a falar do combate dos povos do Mundo pelo direito à vida, das antigas lutas dos camponeses da Alemanha, do infortúnio dos Irlandeses, dos grandes êxitos dos operários franceses nas suas frequentes batalhas pela liberdade... Na floresta, vestida com veludo da noite, na pequena clareira cercada de árvores, sob a abóbada enegrecida do céu, diante do fogo, no círculo das sombras espantadas e hostis, ressuscitavam acontecimentos que haviam abalado o mundo dos saciados e ávidos, desfilavam uns atrás dos outros os povos da Terra,

²⁴⁴GORKI, op. cit., p.180.

sangrando, esgotados pelas batalhas, eram evocados os nomes dos lutadores pela liberdade e a verdade.

A voz um pouco rouca de Sofia soava, porém, com doçura, uma voz que parecia vir do passado, que despertava esperanças, inspirava confiança; e aqueles homens escutavam em silêncio a história dos seus irmãos espirituais e olhavam o rosto magro e pálido da mulher. Uma luz cada vez mais viva iluminava a causa sagrada de todos os povos do mundo: a luta encarniçada pela liberdade. Cada um deles reencontrava as suas aspirações, os seus pensamentos, num passado longínquo coberto por uma cortina escura e ensanguentada, entre outros povos, desconhecidos; cada um deles unia-se de coração e espírito ao mundo, vislumbrando neste amigos que, já desde há muito, unânimes e firmes nos seus pensamentos, haviam decidido firmemente instaurar a verdade na terra, que tinham santificado a sua decisão com incalculáveis sofrimentos, que tinham oferecido rios de sangue pelo triunfo de uma nova vida, feliz e radiosa. O sentimento de parentesco espiritual com eles desabrochava e crescia; era um coração novo que nascia da Terra, desejosos de tudo conhecer, de tudo congregar em si.²⁴⁵

A classe operária é internacional, pelo menos em espírito, nos diz a passagem acima. Mais significativo ainda é a estreita relação entre verdade e liberdade. Todos os homens buscam a liberdade. Para alcançá-la, contudo, o preço é cobrado em sangue. O lado dramático da militância aqui aparece. E, mais uma vez, temos as professoras articulando lembranças, angústias e desejos. Essa articulação saía delas para os camponeses que as ouviam e retornava para elas, quando a mãe deixava seus pensamentos guiá-la.

A existência compreendia-a como uma planície inculca que, muda e concentrada, espera os trabalhadores e parece prometer às mãos livres e honestas:

"Fecundai-me com as sementes da razão e da verdade, e eu vos darei cem vezes mais!"

Lembrou-se do êxito da sua viagem, e experimentou no mais fundo do seu coração uma doce sensação de alegria, que logo reprimiu com pudor.²⁴⁶

Sem a pretensão de esgotarmos todos os pontos passíveis de análise presentes nesse romance, vamos apresentar nosso último comentário a respeito de

²⁴⁵GORKI, op. cit., p.186-7.

²⁴⁶GORKI, op. cit., p.255.

um dos preceitos desse fantástico manual de cabeceira do bom militante. Referimo-nos ao ascetismo próprio dos religiosos e dos militantes que produz resultados em várias direções. Destacamos a importância da família, ou melhor, o lugar ocupado pela família na vida do militante. Ouvindo atentamente as palavras de um camarada, Nicolai, a mãe serviu de caminho para que soubéssemos como o revolucionário deve se portar nesse caso.

– Está a ver... Também eu, como Alexandra, tive o meu romance!

(...)

– Sendo assim... case-se! – aconselhou a mãe.

– Há cinco anos que ela está casada...

(...)

– Está a ver, não tivemos sorte: quando ela estava na prisão, estava eu em liberdade, quando ela estava em liberdade, estava eu na prisão ou deportado. É muito semelhante à situação de Alexandra! Por fim, mandaram-na dez anos para a Sibéria, para um sítio terrivelmente longe! Quis até acompanhá-la. Mas tivemos vergonha, tanto ela como eu. E lá, ela encontrou outro homem, um meu camarada, um moço muito bom! Depois, evadiram-se juntos; agora, vivem no estrangeiro, sim...

Deteve-se, tirou os óculos, limpou-os, examinou as lentes contra a luz, e recomeçou a esfregá-las.

– Ah, meu amigo! – exclamou afectuosamente a mãe. Tinha pena dele e, ao mesmo tempo, qualquer coisa nele a fazia sorrir maternalmente. Ele mudou de posição, voltou a pegar na caneta e prosseguiu, agitando aquela ao ritmo das palavras:

– *A vida familiar diminui a energia revolucionária, diminuía sempre! Os filhos, a falta de recursos, a necessidade de trabalhar muito para ganhar o pão... E um revolucionário tem que dispende a sua energia sem cessar, em todos os sentidos. Para isto é preciso tempo: temos que estar sempre na vanguarda, somos os operários incumbidos pela história de destruir o mundo velho, de construir a vida nova. Se nos atrasarmos, se sucumbirmos ao cansaço ou à sedução da possibilidade imediata de uma pequena vitória, está mal, é quase uma traição à causa! Não há ninguém com quem possamos marchar no mesmo passo sem alterarmos a nossa fé, e nunca devemos esquecer que a nossa missão não é alcançar pequenas vitórias, mas apenas a vitória completa.*²⁴⁷

O fundamental para fecharmos essa primeira porta das análises sobre as fontes seleccionadas é identificarmos que existe uma qualidade literária nos textos

²⁴⁷GORKI, op. cit., p.272-3.

em pauta que seduz o leitor. Como um bom romance, uma boa história, que no passado era contada por Sherazade, depois se tornou o livro das mil e uma noites e depois se transformou no romance burguês do século XIX, os textos sugeridos para a leitura de formação dos militantes cumprem um papel de falar a mesma língua do leitor. A sensibilidade do autor do romance, do roteiro de teatro etc., produz uma empatia com o leitor que derruba barreiras que obstaculizariam o enraizamento das idéias revolucionárias. No caso de Gorki, por exemplo, este consegue criar um clima de intimidade com os sentimentos da mãe que o leitor acaba se envolvendo com a trama e tomando partido. Daí para aceitar os valores ali propostos, se até a mãe aceitou, é um passo.

4.2.2 Malatesta e a Anarquia

Para contrastar com o nosso grande romance russo, que sustenta o corpo de nossas análises, trouxemos o texto de um italiano, Errico Malatesta, intitulado *A Anarquia*.²⁴⁸ A indicação desse trabalho é muito recorrente na imprensa libertária. Supomos que sua leitura era muito difundida, inclusive pelo fato de que a colônia italiana era a mais extensa no Brasil daquela época e em São Paulo certamente era folgadoamente majoritária. De qualquer maneira, esse texto pode ser considerado importante porque a versão original a que tivemos acesso, intitulada *Comunismo Libertario*, está traduzida para o português.

²⁴⁸Ver MALATESTA, Errico. *A anarquia*. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 1999. Cabe aqui esclarecermos que faremos as indicações de páginas pela edição anotada acima, que é a mesma indicada para a leitura como *Comunismo Libertario*. Fizemos esse malabarismo porque dispomos de uma cópia fotográfica que demanda o uso de lente de aumento para a sua leitura. Tomamos o cuidado de confrontar as duas e optamos por citar a partir da versão contemporânea.

Alinhamos algumas informações sobre esse anarquista, a partir da apresentação presente na edição acima. Nascido em família abastada, em 1853, no sul da Itália, trava contato com Mikhail Bakunin um ano após aderir à Associação Internacional dos Trabalhadores, em 1871. De estudante de medicina transforma-se em um dos nomes mais importantes do anarquismo.

Por se tratar de um trabalho teórico o autor é mais direto na sua forma de apresentar os principais objetivos do anarquismo, sua crítica à sociedade capitalista e os meios para a sua superação. Utilizando-se da forma recorrente do catecismo, com perguntas e respostas, mesmo que indiretas, Malatesta inicia a exposição precisando que anarquismo é a ausência de governo. Essa ausência é positiva, mas não foi alcançada ainda. Por quê? A resposta é a ignorância dos explorados e o hábito secular à exploração e à dominação pelos governantes. Adotando um tom didático, esse autor procura mostrar como as coisas são como são por causa do hábito. Apesar da ciência e da razão, a incultura ainda grassa e torna-se uma barreira a mais para o avanço do movimento.

A tendência metafísica (que é uma doença do espírito, pela qual o homem, após ter abstraído por processos lógicos as qualidades de um ser, sofre uma espécie de alucinação, fazendo com que tome a abstração pela realidade), apesar dos golpes que a ciência positiva lhe infligiu, possui ainda profundas raízes no espírito da maioria dos homens contemporâneos, faz com que muitos concebam o governo como uma entidade moral, dotada de certos atributos de razão, justiça, equidade, independentes das pessoas que estão no governo.²⁴⁹

O foco da crítica presente no texto converge para a crítica ao sistema de representação sobre o qual se sustentam as várias formas de governo. Essa crítica se articula ao voto e à representação dos operários expondo a posição política do anarquismo contrária às eleições.

Hoje, o governo, composto de proprietários e pessoas a seu serviço, está integralmente à disposição dos proprietários; a tal ponto que os mais ricos desdenham freqüentemente de fazer parte dele. Rothschild não precisa ser deputado nem ministro: basta-lhe ter à sua disposição os deputados e os ministros.

Em muitos países, o proletariado tem nominalmente uma participação mais ou menos ampla na eleição do governo. É uma concessão feita pela burguesia, seja para obter a colaboração do povo na luta contra o poder real ou aristocrático, seja para desviar do povo a idéia de emancipação, dando-lhe uma aparência de soberania.

²⁴⁹MALATESTA, A *anarquia*, op. cit., p.17.

Que a burguesia o tenha ou não previsto, quando concedeu ao povo o direito de voto, é certo que este direito mostrou-se completamente ilusório, bom apenas para consolidar o poder da burguesia dando à parte mais enérgica do proletariado a vã esperança de chegar ao poder.²⁵⁰

Relacionados os principais problemas da representação democrática, tratava-se, para Malatesta, de mostrar na seqüência o caminho, a justificativa, para a passagem à anarquia. Essa via era apresentada como natural, no sentido de próxima da natureza. Partindo do pressuposto de que os governos não são eternos, que não é possível manter-se os dominados nessa posição por muito tempo e todo o tempo, o autor procura levar o leitor a acreditar na possibilidade de transformação futura. O que legitima e sustenta essa possibilidade de mudança é um pequeno conjunto de fatores. Em primeiro lugar, o autor define a existência de uma lei natural que organiza a vida da sociedade. A partir disso, temos a ciência endossando o pressuposto de Malatesta. Para além desse recurso de buscar a autoridade na razão e no conhecimento científico, temos ainda a ação dos anarquistas que fazem a roda das leis naturais girar na direção correta. Como todos os pressupostos da esquerda militante, no anarquismo a vanguarda cumpre um papel decisivo.

Se tivesse que existir um governo, não porque ele fosse mais ou menos útil à totalidade dos membros de uma sociedade, mas porque os vencedores desejassem assegurar para si os frutos da vitória, subjugando solidamente os vencidos, e se livrar do peso de estar sempre na defensiva encarregando de sua defesa homens especialmente treinados na profissão de policial, então a humanidade estaria destinada a perecer ou a se debater eternamente entre a tirania dos vencedores e a rebelião dos vencidos.

Felizmente, o futuro da humanidade é mais sorridente, porque a lei que a governa é mais doce.

Esta lei é a **solidariedade**.²⁵¹ (grifo no original)

A lógica do paraíso na terra se mantém no livro desse pensador anarquista como no dos demais. O resultado da lei histórica e social é irrefutável e ocorrerá de

²⁵⁰MALATESTA, **A anarquia**, op. cit., p.26.

²⁵¹MALATESTA, **A anarquia**, op. cit., p.32.

qualquer maneira. Independente da vontade dos homens, mesmo que eles pertençam à classe dominante. O meio para se atingir esse resultado inelutável é o fluxo natural das leis sociológicas ajudado pela vanguarda que conhece os mecanismos de funcionamento da sociedade.

O homem possui, como propriedade fundamental, necessária, "*o instinto de sua própria conservação*", sem o qual nenhum ser vivo poderia existir, e "*o instinto da conservação da espécie*", sem o qual nenhuma espécie teria podido se formar nem durar. Ele é naturalmente levado a defender sua existência e seu bem-estar, assim como o de sua progenitura, contra tudo e contra todos.

Os seres vivos têm, na natureza, duas maneiras de assegurar sua existência e torná-la mais tranqüila: de um lado, a *luta* individual contra os elementos e contra outros indivíduos da mesma espécie ou de espécie diferente; do outro, o *apoio mútuo*, a *cooperação*, que pode ser chamada "*a associação para a luta*" contra todos os fatores naturais contrários à existência, ao desenvolvimento e ao bem-estar dos associados.²⁵² (grifos no original)

A idéia de solidariedade natural transforma-se no motor da história para o pensamento de Errico Malatesta. A partir dessa lei natural, deduz-se que os vários tipos de governo existentes são antinaturais porque interferem negativamente na solidariedade. Com a destruição dos governos, a anarquia conseguirá atingir seus fins.

O essencial é isto: que se constitua uma sociedade onde a exploração e a dominação do homem pelo homem não seja mais possível; onde todos tenham à livre disposição os meios de existência, de desenvolvimento e de trabalho; onde todos possam participar como querem e sabem da organização da vida social. Em tal sociedade, tudo será necessariamente feito de modo a satisfazer o melhor possível as necessidades de todos, levando em conta os conhecimentos e as possibilidades do momento; tudo se transformará para melhor, à medida que aumentam os conhecimentos e os meios.²⁵³

Não identificamos nesse texto nenhuma outra análise mais profunda sobre a sociedade capitalista e seu processo de superação. O texto nos causa a impressão de que conta apenas com o desenvolvimento natural das leis sociais para

²⁵²MALATESTA, **A anarquia**, op. cit., p.32-3.

²⁵³MALATESTA, **A anarquia**, op. cit., p.69-70.

ver realizados os projetos da anarquia. Por ser um trabalho muito difundido e, provavelmente, muito lido é de se supor que o padrão das análises seja este mesmo e que ele era suficiente para manter acesa a chama da fé revolucionária. Uma das últimas afirmações ali presentes tem mais o tom de uma proclamação do que uma conclusão calcada em uma reflexão científica.

Para resolver o problema social em favor de todos, só há um meio: expulsar revolucionariamente o governo; expropriar revolucionariamente os detentores da riqueza social; colocar tudo à disposição de todos e fazer com que todas as forças, todas as capacidades, todas as boas vontades existentes entre os homens ajam para assegurar as necessidades de todos.

Nós combatemos para a anarquia e para o socialismo porque acreditamos que a anarquia e o socialismo devem ter uma ação imediata, isto é, deve-se, no próprio momento da revolução, expulsar os governos, abolir a propriedade e confiar os serviços públicos – que, nesse caso, englobam toda a vida social – à obra espontânea, livre, não oficial, não autorizada, de todos os interessados e de todos aqueles que têm vontade de fazer alguma coisa.²⁵⁴

Nem sempre os *best sellers* se constituem nas melhores obras. Cremos ser o caso de Malatesta que não consegue produzir um texto empolgante e denso de teoria e formulações sobre a transformação social. Trataremos a seguir de outro texto muito citado, *A Moral Anárquica*, de Kropotkin.

4.2.3 Qual é a Moral da Anarquia?

O trabalho que analisaremos a seguir é a versão italiana do livro de Pietro Kropotkin, *La Morale Anarchica*.²⁵⁵ Seguindo a direção apontada pelo título, o opúsculo se mostra bastante prescritivo. Em suas primeiras páginas trata de alinhar algumas das principais visões da moral. Do imperativo categórico, de Kant,

²⁵⁴MALATESTA, *A anarquia*, op. cit., p.83.

²⁵⁵Ver KROPOTKIN, Pietro. *La morale anarchica*. Terza Edizione. Milano: Casa Editrice Sociale, s.d. Todas as passagens dessa obra, aqui reproduzidas, foram por nós traduzidas.

até a "fábula das abelhas", de Mandeville, Kropotkin procurou nos mostrar a relatividade da moral. Para além disto, faz também a crítica da chamada moral burguesa. Essa fábula, segundo ele, "atacava de frente a hipocrisia social conhecida sob o nome de moral".²⁵⁶

De qualquer forma, a humanidade atua em função de certos valores. Assim como as formas de vida mais primitivas agem ou reagem em função de certas determinações naturais, com o Homem se passa a mesma coisa.

Buscar o prazer, evitar a dor é o fato geral (de outra forma, *a lei*) do mundo orgânico. É a essência de toda a vida.

Sem esta busca do agradável, toda a vida seria impossível. O organismo se esfacelaria, a vida chegaria ao fim.

Assim, qualquer que seja a ação do homem, qualquer que seja sua linha de conduta, *ele age sempre para obedecer a uma necessidade da sua natureza*. O ato mais repugnante, assim como o ato mais indiferente ou mais atraente, estão todos igualmente de acordo com uma necessidade do indivíduo.²⁵⁷ (grifos nos original)

A mesma visão naturalizada da sociedade, encontrada em Malatesta se faz presente também no texto *A Moral Anárquica*. Kropotkin nos parece possuidor de uma formação acadêmica, chamemos assim, mais sólida do que seu camarada italiano. O texto sobre a moral se mostra melhor elaborado sem, contudo, possuir o poder de atração daquele de Máximo Gorki.

Tratando de um assunto similar, embora com abordagem muito distinta, vemos que tanto um autor quanto o outro seguem mais ou menos o mesmo caminho. A partir da identificação de uma lei natural trata-se de justificar a postura do anarquismo como uma decorrência dessa mesma lei. O capitalismo se mostra um sistema perverso e antinatural. A anarquia sempre aparece, ou na crítica econômica, ou na política ou na moral, a mais ajustada à liberdade e à natureza do Homem. Permanecendo no interior da lógica dualista, Kropotkin procura dialogar com a

²⁵⁶KROPOTKIN, *La morale...*, op. cit., p.15.

²⁵⁷KROPOTKIN, *La morale...*, op. cit., p.23.

religião para apresentar sua visão do bem e do mal. "Para distinguir o que é *bom* do que é *mal*, os teólogos judeus, budistas, cristãos e muçulmanos recorrem à inspiração divina".²⁵⁸ (grifos no original). Não é na religião que se descobre essa simples verdade da vida, segundo o autor em pauta. É na própria lei natural que se verifica a origem dessas divisões.

Kropotkin assume a mesma posição de Malatesta quando da necessidade da luta pela liberdade, pelos direitos naturais do homem. A justificativa principal é que as normas morais da sociedade capitalista são hipócritas. Essas normas não estão de acordo com a natureza das coisas. Justificam-se, dessa forma, a possibilidade e a necessidade natural de se lutar contra a exploração e a opressão produzidas pela sociedade capitalista.

Os textos por nós chamados de teóricos cumprem um papel informativo e não de debate de idéias. Algumas exceções existem, como no de *Escritos contra Marx*, de Bakunin. Contudo, na maioria dos casos a densidade desses opúsculos é muito pouca. Mesmo para a época em que foram escritos, se comparados a outros trabalhos científicos, ou com essa pretensão, deixam a desejar. As abordagens são superficiais e os exemplos, às vezes, um tanto banais. No caso dos dramas sociais, como diziam os anarquistas, a eficiência dos textos na formação dos militantes nos parece um pouco maior. Embora perceba-se um certo grau de ingenuidade, acima do esperado para uma peça de teatro na atmosfera onde respiram os personagens da trama, esse tipo de texto nos faz crer que produziam melhores efeitos.

4.2.4 As Sementes do Anarquismo

O drama social é constantemente mencionado nos jornais anarquistas, nas análises acadêmicas sobre esse movimento. Retiramos desse fato a conclusão de que eles eram de uma eficiência singular. Escolhemos para nossa análise O

²⁵⁸KROPOTKIN, *La morale...*, op. cit., p.27.

Semeador, de Avelino Foscolo. Tanto a obra quanto o autor eram muito populares no meio anarquista.²⁵⁹

Temos como personagens da trama Julio, o Coronel, Lima, Roberto, Alfredo, Lulu, Pai Manuel, Laura e Camponezes, conforme a descrição no interior do livro. Podemos iniciar nossas considerações a partir dessas figuras. Inicialmente, temos os camponeses formando um coletivo indiscriminável. Geralmente, eles são tratados dessa maneira, o que nos passa a impressão de um certo menosprezo por essa classe social.

Outro aspecto significativo para observarmos de saída é que o herói da peça teatral é Julio, o filho do Coronel, que foi estudar no estrangeiro e retornou cheio de idéias novas.

ROBERTO – Corramos ao encontro do Sr. Julio.

CAMPONEOS – (fôra) Viva o doutor! viva!

SCENA V

Os mesmos Julio, Laura, Camponeos

JULIO – Meu pai (abraça-o).

CORONEL – Meu filho! (*pausa*) Ah! como estás mudado! tens algo de novo e de desconhecido no semblante... uma virilidade distanciando-te bem do jovem que d'aqui partio ha alguns annos.²⁶⁰

O coronel pensava que apenas a passagem do tempo tinha alterado a fisionomia do filho. Era um engano parcial. O ar de pessoa madura vinha também das idéias anarquistas que Julio trouxe consigo da Europa. O jovem doutor havia se

²⁵⁹O **semeador**: drama social em três actos. Representado por vezes no Rio e S. Paulo. 2.ed. correta e melhorada pelo autor. Minas Gerais (BH), 1921. Autoria de Avelino Foscolo.

A cópia que utilizamos é uma xerografia do original. A indicação completa já se encontra acima. Cabe-nos mencionar apenas que esse título em particular não aparece listado nas obras a serem lidas porque os dramas sociais, em sua maioria, eram anunciados no interior dos periódicos e não na sessão "livros que os operários devem ler".

²⁶⁰FOSCOLO, op. cit., p.9.

transformado em militante da revolução. Vamos nos deter ainda mais um pouco nesse ponto, por ser ele revelador de algumas pistas sobre a auto-imagem do movimento.

Em primeiro lugar, aquele que freqüentou a escola e o mundo civilizado absorveu o conhecimento que lhe possibilitou o acesso à verdade. Não são os trabalhadores capazes de, se deixados a si mesmos, se libertar das variadas formas de opressão e exploração. Torna-se necessária a criação de uma vanguarda iluminada pelo conhecimento, com tempo disponível e com bom coração, para proceder ao trabalho de, chamemos assim, catequese. Retomando o título da obra, *O Semeador*, notamos que o personagem central retorna ao Brasil para semear as idéias mais avançadas, trazidas da Europa, o centro do mundo.

Encontramos na fala de Julio algumas das principais verdades do movimento anarquista. A possibilidade de os indivíduos se amarem livremente é uma delas. Essa mensagem vem, principalmente, através da antiga relação entre Laura, a filha do capataz, e Julio, o personagem central e herdeiro da fazenda. Além disso, as idéias de igualdade social, econômica e política também são transmitidas pelo personagem principal e por Laura, mais uma vez, uma mulher que se insurge contra as mazelas da sociedade capitalista.

ROBERTO – Vem bem mudado.

LAURA – Está mais homem e mais bonito também.

ROBERTO – Como modificam a gente as terras estrangeiras... Abraçou a todos nós, mesmo os negros, os libertos e não consentio que o carregassem. Chama a todos de amigos, como se fossemos farinha do mesmo sacco.

[E, depois de uma rápida discussão sobre a importância relativa do dinheiro]

ROBERTO – Nem me fales! Com aquella recua de idiotas em casa, nem por todo o ouro do mundo.

LAURA – Vê como é fácil a gente se desdizer quando as nossas asserções não se baseiam na eterna verdade?

ROBERTO – As tuas palavras servem apenas para me transtornarem o edificio que tenho na cabeça, e sem proveito algum para nós ambos. (...)

LAURA – Ingenuo papai! si suspeitasse a verdade, si soubesse que a filha do administrador já amou o proprietário futuro destas terras...

JULIO – Laura!

LAURA – Senhor Julio.

JULIO – Que senhoria é essa? Trate-me Julio, como dantes, para que me assista o direito de lhe dar o mesmo tratamento do passado.²⁶¹

Notamos nessa passagem da obra alguns dos elementos que compõem o ideário anarquista e que são transmitidos pelo personagem Julio. A idéia de igualdade entre os homens é a principal. Além disso, outros grandes temas do anarquismo, como a autoridade, a propriedade etc. foram trazidos para o interior da trama com o objetivo de demonstrar como os anarquistas articulam suas verdades eternas.

Após uma série de conflitos que eclodiram na fazenda do Coronel, principalmente pela ação de Julio, colocando em prática seu ideário de liberdade e de fim da propriedade privada, encontramos-nos diante da cena final, na qual um balanço dessas atividades e seus resultados é feito por Julio e o Coronel, seu pai, além de outros personagens secundários. Uma pequena "reforma agrária" havia acontecido na fazenda do Coronel, feita pelo filho. O representante do anarquismo, Julio, em diálogo com a autoridade, representada pelo pai, dá à platéia um recado de esperança em dias melhores.

JULIO – Sou o mau pastor, o semeador da tempestade, seja! Eu não vim trazer a paz entre vós, porque para trazel-a era mister que eu pregasse a guerra e a hypocrisia, fazendo na vossa sociedade a prostituição do pobre e o adultério do rico; era preciso tolerar o esbulho de uma classe, morrendo de miséria e de trabalho, para fornecer a opulência e o luxo a uma outra classe que se estiola nas orgias e no ocio. Eu combato a caserna, o alcouce e a taverna, symbolizando a autoridade, a mentira e o capital.

CORONEL – Tirarás bom fruto dessa má semente.

JULIO – Sim; nós espalharemos pela terra a má semente que produz o amor, a solidariedade humana, a nobilitação do trabalho, a morte da prostituição, do servilismo e da miséria, enquanto vós diffundis a boa semente do esbulho, da divisão de classes, da hypocrisia, da guerra e do lenocinio. Camaradas, são dous caminhos que se abrem ante vós: um leva ao salariado ou á escravidão; o outro conduz ao communismo, que é a liberdade! Qual dos dois quereis seguir?

TODOS – Permaneceremos comvosco.

²⁶¹FOSCOLO, op. cit., p.12-3.

ALFREDO – Bem vê, o germen abriu se em promissora messe e a chrysalida transformou-se e vôa em busca de nova luz, atravez do futuro.

LAURA – É a primeira cellula! Outras surdirão depois, formando de toda a terra uma patria commum.

CORONEL – Si elles tivessem razão...

LIMA – Era o fim do mundo!

LAURA – É a realização de um paraizo que o homem ha de conquistar á força de trabalho e á força de saber.

LULU – Vamos embora, nhô pai.

LIMA – Partamos compadre, o nosso lugar não é aqui, entre loucos.

CORONEL – *Quem sabe? (Olha Julio, titubeia e parte.)*

JULIO – É a noite que desaparece, é o passado que se amedronta, deixai-os. Na ambula do oriente surde a aurora de um novo dia e os primeiros homens livres podem respirar desafogados sobre a terra livre – a mãe commum.

FIM

O grande fazendeiro retira-se de sua propriedade junto com a policia e seus capatazes. Por amor ao filho, como fez a mãe do romance de Gorki, o Coronel permite que os ideais igualitários germinem em suas terras. Ele poderia ter expulsado o filho e seus seguidores, mas preferiu se retirar. Dessa forma, foi possível dar a representação desse drama social um final feliz.

4.2.5 O Eterno Retorno

Não pudemos deixar de acrescentar ao presente capítulo um último texto para análise. Esse exemplo de material de formação de valores não aparece nas listas de recomendações para a leitura, contudo, está impresso no periódico anarquista *A Vida*, e certamente era publicado e lido pelos militantes com esse objetivo principal.²⁶² O texto ao qual estamos nos referindo é o *Catecismo*

²⁶²Utilizamos como fonte o periódico A VIDA, em edição fac-similar. O volume contém do número 1, de 30 de novembro de 1914 ao número 7, de 31 de maio de 1915. O local da edição é a cidade do Rio de Janeiro. Organizaram essa publicação o Centro de Memória Sindical (CMS) e o Archívio Storico Del Movimento Operaio Brasileiro (ASMOB). Editado pela Ícone Editora Ltda., em São Paulo, no ano de 1988.

anarquista, que nos chamou a atenção pela sua forma de difundir as idéias e pelo conjunto dessas idéias. Na exata forma de um catecismo, publicado em pontos (dispomos nesse volume fac-similar da introdução até o quarto ponto), com perguntas e respostas, vemos a técnica da religião sendo utilizada para a propaganda do anticlericalismo. Mas, não devemos nos surpreender.

Iniciamos com a *Introdução*, onde se lê:

- *És anarquista?*
- Sim, porque sou trabalhador consciente.
- *Que é ser trabalhador?*
- É viver pelo esforço do seu trabalho.
- *Quando se pode dizer que o trabalhador é consciente?*
- Quando conhece as causas da sua miséria e as combate.
- *Que é trabalho?*
- É o esforço para produzir.²⁶³

Nessa primeira parte introdutória do catecismo notamos a existência de um esforço para disseminar o ideário anárquico. O texto começa com as questões mais primárias sobre o trabalho e o trabalhador para concluir com questões mais avançadas desse projeto revolucionário.

- *Porque não pôde a sociedade atual aproveitar o mais possível as energias humanas?*
- Porque seus principios fundamentais exigem sempre um grande desperdicio, que se pode elevar, em certas circunstancias, a cerca de cento por cento (nas guerras).
- *Quais são esses principios?*
- São os seguintes: *o direito de propriedade, a jerarquia social e administrativa, a concorrência economica.*
- *Como pode o direito de propriedade desperdiçar energias?*
- Por varios modos: a) permitindo que individuos proprietarios de grandes terras as deixe incultas, quando outros necessitados poderiam trabalhá-las; foi esse fato que na opinião do celebre naturalista romano Plinio, poz a perder a Italia, no fim da republica romana; b) desenvolvendo o luxo e o abuso dos prazeres nos proprietarios ricos; o luxo é sempre a satisfação de necessidades superfluas ou

²⁶³A VIDA, n.2, p.10.

prazeres requintados em detrimento da satisfação das necessidades imperiosas dos proletários; pois a cada colar de perolas de uma meretriz, correspondem uma vida de mergulhador destruída ou estragada e uma família faminta...²⁶⁴

De acordo com nossos apontamentos anteriormente dados, o modelo de catecismo religioso também se mostra um valioso instrumento para a disseminação das idéias que se pretendem contrárias à própria religião. Parece-nos claro que o movimento anarquista nunca hesitou em lançar mão das mais variadas técnicas de propaganda. Podemos inferir, até, que em vários aspectos da divulgação das idéias políticas, os movimentos de esquerda foram precursores de várias técnicas, realizando também uma adaptação de técnicas antigas utilizadas pela igreja católica, pelo menos. O uso de estandartes, os hinos revolucionários, as datas comemorativas da passagem dos mártires da revolução, o uso da palavra como instrumento de iluminação, salvação, constituem uma pequena amostra da herança religiosa.

Retomando o título da peça de teatro por nós analisada acima, temos as sementes das idéias retornando para o chão da política e esta para a religião. Fechamos o círculo com o anarquismo e seu catecismo. Esse círculo abraça o militante anarquista e projeta sobre ele um modelo de ser. O militante saído desse modelo é de bom coração, honesto e reto, asceta, assemelha-se a um monge e coloca acima de tudo sua fé na revolução.

²⁶⁴A VIDA, n.7, p.106.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Julgamos que algumas respostas vêm mais facilmente. Podemos começar respondendo uma das questões que percorreu o nosso trabalho: os livros não fazem a revolução. A leitura muitas vezes seduz o indivíduo transformando-o em militante. Ela oferece-lhe ou a oportunidade de sedimentar sua fé, ou a possibilidade de instrumentar a razão para o debate político, além de propiciar-lhe a capacidade de difundir algo que ele julga verdadeiro.

Podemos pensar também que o segredo para alcançar os principais objetivos ligados à leitura estava naquilo que vamos chamar de leitura orientada. Nesta categoria temos os textos literários que se mostram mais eficientes. Um dos motivos dessa eficiência pode ser atribuído à inspiração oriunda dos heróis das tramas. Eles funcionam como um suporte para a reiteração de padrões. Tanto a verdade como a mentira constantemente repetidas acabam se transformando em uma verdade única. Daí porque algumas leituras serão recomendadas em diferentes momentos e contextos.

Outra resposta que podemos trazer é aquela relativa à imagem do militante anarquista. Estamos nos referindo às últimas décadas quando o anarquismo passa a ocupar um lugar positivamente valorizado, se o compararmos a outras correntes da esquerda. Para nós, não há elementos que justifiquem essa preferência uma vez que as características do ser militante se sobrepõem às suas várias ramificações. Arriscamo-nos a dizer que as valorizações e desvalorizações de determinadas formas de militância decorrem antes de motivos superficiais do que de fatores essenciais.

Como não nos propusemos a estudar o militante e suas ações e sim o conjunto de valores que supostamente o conformam, não estamos autorizados a formular conclusões sobre o militante propriamente dito. O nosso militante é um modelo criado para imprimir as características ideais nos indivíduos reais.

Os indivíduos reais ao invés de nos dar respostas suscitam mais dúvidas. De uma delas, nós compartilhamos: o que buscam um religioso, um militante político e um intelectual?

Depois de inúmeras e intermináveis leituras, podemos pensar em uma palavra, em apenas uma palavra, para respondermos essa questão. Questão essa que tem para nós a importância de um mito fundador.

Em nosso esforço de formação intelectual e profissional, acabamos por percorrer caminhos que atravessaram campos da vida humana difíceis de serem decifrados. E a vida ou é decifrada ou nos devora. Tivemos, portanto, que enfrentar as questões que se nos apresentaram.

A religião, a política e a academia se somaram e se confundiram em nossa trajetória. A cada nova leitura, diante de questionamentos ancestrais, nos sentimos o tempo todo diante de um espelho. Esse espelho nos tomou um tempo demasiado para ser descoberto como tal. Quando esse esclarecimento se deu, o fluir das idéias e das palavras aumentou. Pudemos então, finalmente, tratar do militante político, do seu processo de formação através da leitura, herança da civilização judaico-cristã ocidental.

Descobrimos também que esse espelho pode nos levar a equívocos, a lugares de sombra, à inversão das coisas. Como não temos a pretensão de resolver todas as perguntas que desenterramos, cremos que poderemos seguir nossos caminhos de forma mais tranqüila. Aquilo que agregamos ao nosso conhecimento nos deixa satisfeitos. Pelo menos por enquanto.

O sentido que ganhou em nós essa caminhada coloca-se em um plano ainda não totalmente explorado. O que sabemos, por ora, é que continuaremos em busca de respostas. Tudo dependerá das perguntas que nos fizermos.

Temos nesse momento, em nossas mãos, apenas uma palavra: Verdade, aquela que vislumbramos para responder a dúvida crucial. Por ser o que é, essa palavra nos mantém sempre em movimento, descobrindo novas perguntas e buscando nunca perdê-la de vista. Porque, pelo menos agora, sabemos que a Verdade está sempre à nossa frente.

REFERÊNCIAS

- A REVOLUÇÃO DE 30. Seminário realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, setembro de 1980. Brasília: UnB, 1983.
- ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (Orgs.). **Na contracorrente da História**. São Paulo, Brasiliense, 1987. (Documentos da Liga Comunista Internacionalista - 1930-1933).
- ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ABREU, Márcia. Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil colonial. In: _____ (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. p.213-233.
- ABREU, Márcia. **O caminho dos livros**. Campinas, 2002. Tese (Livre Docente) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas.
- ABREU, Márcia. Prefácio: percursos da leitura. In: _____ (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. p.9-15.
- ALMEIDA, Maria Herminia Tavares de. **Estado e classes trabalhadoras no Brasil (1930-1945)**. São Paulo, 1978. Tese (Doutorado) - FFLCH, USP. (mimeo)
- ALTHUSSER, Louis. **Lo que no puede durar en el Partido Comunista**. Madrid: Siglo veinteuno de españa editores, 1978.
- ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- ANTUNES, Ricardo L. C. **Classe operária, sindicatos e partido no Brasil: um estudo sobre a consciência de classe - 1930-35**. Campinas, 1980. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. (mimeo)
- ANTUNES, Ricardo L. C. **Classe operária, sindicatos e partido no Brasil: um estudo sobre a consciência de classe, da Revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora**. 3.ed. São Paulo: Cortez/Ensaio: Autores Associados, 1990.
- AZEVEDO, Raquel de. **A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1930)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.
- AZEVEDO, Ricardo de; MAUÉS, Flamarion (Orgs.). **Rememória: entrevista sobre o Brasil do século XX**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.
- BAKUNIN, Mikhail et al. **Os anarquistas e as eleições**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 2000.

- BAKUNIN, Mikhail. **A instrução integral**. São Paulo: Imaginário, IEL – Instituto de Estudos Libertários, NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, 2003.
- BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 2000.
- BAKUNIN, Mikhail. **Escritos contra Marx**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL; Rio de Janeiro: Soma, 2001.
- BANDEIRA, Moniz et al. **O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BARBOSA DE OLIVEIRA, Carlos Alonso. **O processo de industrialização: do capitalismo originário ao atrasado**. Campinas, s/d. Tese (Doutorado) - Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. (mimeo)
- BASBAUM, Hersch Wladimir. **Cartas ao comitê central: história sincera de um sonhador**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República (de 1889 a 1930)**. 4.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos: memórias**. 2.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **A construção da classe operária no Brasil (1850-1906)**. Texto apresentado no GT "Trabalhadores, Sindicalismo e Política" do XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG, 17 a 21 de outubro de 1995. (mimeo)
- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil**. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1995. v.2. p.11-44
- BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BEIGUELMAN, Paula. O movimento operário ante a grande lavoura no período imigrantista. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil: Memória – Lutas – Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.98-106.
- BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC/FINEP, 1984. 4 v.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v.1. (Obras Escolhidas)
- BENJAMIN, Walter; SCHOLEM, Gershom. **Correspondência, 1933-1940**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- BERLIN, Isaiah. **Pensadores russos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BEZERRA, Gregório. **Memórias. Primeira parte: 1900-1945.** 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida da vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares. 16.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1963.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal.** Lisboa: Edições 70, 1982

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política.** 4.ed. Brasília: UnB, 1992.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Direita e esquerda:** razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Unesp, 1995.

BOITO JÚNIOR, Armando. O populismo no Brasil: natureza, formas de manifestação e raízes sociais. In: SEMINÁRIO POPULISMO E EDUCAÇÃO. (1.^a Semana do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora). 1986, Juiz de Fora. **Anais... Juiz de Fora,** 1986.

BOOKCHIN, Murray et al. **O bairro, a comuna, a cidade... Espaços libertários!** São Paulo: Imaginário, IEL – Instituto de Estudos Libertários, NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, 2003.

BOOKCHIN, Murray. **Municipalismo libertário.** São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 1999.

BRANDÃO, Octávio. **Combates e batalhas: memórias.** São Paulo: Alfa-Omega, 1978. v.1.

CÂNDIDO, Antonio. Sobre a retidão. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil:** Memória – Lutas – Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.13-16.

CARONE, Edgard. **A república nova.** 3.ed. São Paulo: Difel, 1982.

CARONE, Edgard. **A república velha:** instituições e classes sociais. 2.ed. São Paulo: Difel, 1972.

CARONE, Edgard. **A segunda república (1930-1937).** 3.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.

CARONE, Edgard. **Classes sociais e movimento operário.** São Paulo: Ática, 1989.

CARONE, Edgard. **Movimento operário no Brasil (1877-1944).** São Paulo: Difel, 1979.

CARONE, Edgard. **O PCB (1922-1943).** Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1982. v.1.

CARONE, Edgard. **Revoluções do Brasil contemporâneo (1922-1938).** 3.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1977.

CARONE, Edgard. **Socialismo e anarquismo no início do século.** Petrópolis: Vozes, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da República no Brasil. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALCANTI, Cláudio Antônio de Vasconcelos. **As lutas e os sonhos: um estudo sobre os trabalhadores de São Paulo nos anos 30.** São Paulo, 1996. Tese (Doutorado) - FFLCH, USP.

CAVALCANTI, Jardel Dias. **Os anarquistas e a questão da moral (Brasil – 1889/1930).** Campinas: Cone Sul, 1997.

CERRONI, Umberto. **Teoria do partido político.** São Paulo: LECH, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha.** Tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo, adaptada à ortografia vigente e acorde com as edições espanholas mais autorizadas. Reimpressão da primeira edição de 1960. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

CHACON, Vamireh. **História dos partidos brasileiros: discurso e práxis dos seus programas.** 2.ed. Brasília: UnB, 1985.

CHAO-CHI, Liou. **Pour être un bon communiste.** Paris: Union Générale D'Editions, 1970.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura.** Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil ; São Paulo: Fapesp, 1999. p.19-31.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura.** 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHILCOTE, Ronald H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930).** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CNT. **A guerra civil espanhola nos documentos libertários.** São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 1999.

COLE, G. D. H. **Historia del pensamiento socialista: Marxismo y Anarquismo (1850-1890).** México: D.F., Fondo de Cultura Económica, 1980. v.2.

COLOMBO, Eduardo. **Análise do Estado: o Estado como paradigma de poder.** São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL; Rio de Janeiro: Soma, 2001.

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. **Partidos políticos e educação: a extrema-esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo.** Campinas, 1999. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp.

CRANSTON, Maurice. **Diálogo imaginário entre Marx e Bakunin.** São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 1999.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs.). **A revolução impressa**: a imprensa na França (1775-1800). São Paulo: Editora da USP, 1996.

DE DECCA, Edgar S. **1930. O silêncio dos vencidos**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo**. 3. reimp. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e loucura e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1995.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: historiografia e história. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FAUSTO, Boris. Estado e burguesia agroexportadora na Primeira República: uma revisão historiográfica. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v.27, n.1, p.120-127, 1990.

FAUSTO, Boris. Estado, trabalhadores e burguesia: 1920-1945. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v.20, n.1, p.6-37, 1988.

FAUSTO, Boris. Pequenos ensaios de História da República: 1889-1945 **Cadernos CEBRAP**, São Paulo, v.10, n.1, p.1-110, 1972.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. 4.ed. São Paulo: Difel, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLOREAL, Sylvio (pseud. de Domingos Alexandre). **Ronda da meia-noite**: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo. São Paulo: Boitempo, 2002.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

- FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e Aliança Liberal: 1927-1930**. São Paulo: Polis, 1978.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e forças armadas na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e política: tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FOSCOLO, Avelino. **O semeador: drama social em três actos**. Representado por vezes no Rio e S. Paulo. 2.ed. correta e melhorada pelo autor. Minas Gerais (BH), 1921.
- FREDERICO, Celso. **Consciência operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1978.
- FREYRE, Gilberto. Euclides da Cunha. **Revelador da realidade brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 1.v. p.17-32. (Obra Completa/Euclides da Cunha)
- FURET, François. **O passado de uma ilusão: ensaios sobre a idéia comunista no século XX**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- GOFFMAN, Erving. Estigma. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GONÇALVES, Adelaide e SILVA, Jorge E. **A bibliografia libertária: um século de anarquismo em língua portuguesa**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 1999.
- GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. **A bibliografia libertária: o anarquismo em língua portuguesa**. São Paulo: Imaginário, 2001.
- GORKI, Máximo. **A mãe**. Moscou: Edições Ráduga, 1987
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado et al. (Orgs.). **A Revolução de 30: textos e documentos**. Brasília: UnB, 1982. 2v.
- HAUPT, Georges; MARIE, Jean-Jacques. **Los bolcheviques**. México: Ediciones Era, 1972.
- HERRIGEL, Eugen. **A arte cavalheiresca do arqueiro zen**. São Paulo: Pensamento, s.d.
- HILL, Christopher. **A Revolução Inglesa de 1640**. 3.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOFFILY, José. **Revolta e revolução: cinqüenta anos depois**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.
- JOYEUX, Ferrua et al. **Surrealismo e anarquismo**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 2001.

- JOYEUX, Maurice. **Reflexões sobre a anarquia**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 1999.
- KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê, 2001.
- KRIEGLER, Annie. La III^e Internationale. In: DROZ, Jacques (Org.). **Histoire générale du socialisme** (de 1918 à 1945), Paris: Presses Universitaires de France, 1977. v.3. p.73-118.
- KROPOTKIN, Piotr. **A anarquia: sua filosofia, seu ideal**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 2000.
- KROPOTKIN, Pietro. **La morale anarchica**. Terza Edizione. Milano: Casa Editrice Sociale, s.d.
- KROPOTKIN, Piotr. **O Estado e seu papel histórico**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 2000.
- KUSHNIR, Beatriz (Org.). **Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República. Uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História geral da civilização brasileira**. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. v.2. Tomo III. p.343-374.
- LEAL, Claudia Feierabend Baeta. **Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)**. Campinas, 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 1986.
- LÊNIN, V. I. **A falência da II Internacional**. São Paulo: Kairós, 1979.
- LÊNIN, V. I. **O Estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- LÊNIN, V. I. **O imperialismo: fase superior do capitalismo**. São Paulo: Global, 1979.
- LÊNIN, V. I. **Obras escolhidas em seis tomos**. Lisboa: Edições Avante, 1984. v.1.
- LÊNIN, V. I. **Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- LÊNIN, V. I. **Um passo em frente, dois passos atrás: a crise no nosso partido**. Lisboa: Edições Avante, 1978.
- LÊNIN, V. I.; TROTSKY, L. **A questão do programa**. São Paulo: Kairós, 1979.
- LEUENROTH, Edgard (Org.). **Anarquismo – Roteiro de libertação social – Antologia de doutrina crítica – História – Informações**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, s.d.

- LIMA SOBRINHO, Barbosa. **A verdade sobre a Revolução de Outubro - 1930**. 3.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1983.
- LIMA, Heitor Ferreira. **Caminhos percorridos: memórias de militância (1887-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LINHARES, Herminio. **Contribuição à história das lutas operárias no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- LIPIANSKY, Edmond-Marc. **A pedagogia libertária**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 1999.
- LOVE, Joseph L. **A locomotiva: São Paulo na federação brasileira (1889-1937)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LOVE, Joseph L. O Rio Grande do Sul como fator de instabilidade na República Velha. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História geral da civilização brasileira**. 5.ed. São Paulo: Difel, 1989. v.3. Tomo I. p.99-122.
- LÖWY, Michael. **Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa Central (um estudo de afinidade eletiva)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LUCAS, Fábio. A lição libertária de vulcões. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil: Memória – Lutas – Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.117-130.
- LUXEMBURGO, Rosa; LÊNIN, V. I. **Partido de massas ou partido de vanguarda**. São Paulo: Ched Editorial, 1981.
- MAGNANI, S. L. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1907)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MAKHNO, Nestor; SKIRDA, Alexandre; BERKMAN, Alexandre. **Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 2001.
- MALATESTA, Errico. **A anarquia**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 1999.
- MALATESTA, Errico. **Escritos revolucionários**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 2000.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe: escritos políticos**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)
- MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARQUES NETO, José Castilho. **Solidão revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.57-86.
- MARTINS RODRIGUES, Leôncio. O PCB: os dirigentes e a organização. In: **História geral da civilização brasileira**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. v.9. p.361-443.
- MARX, K. **A burguesia e a contra-revolução**. São Paulo: Ensaio, 1987.
- MARX, K. A guerra civil na França. In: **Karl Marx e Friedrich Engels: obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, s.d. v.2. p.39-103.
- MARX, K. **As lutas de classes em França**. 2.ed. Lisboa: Edições Avante, 1984.
- MARX, K. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MARX, K.; ENGELS, F.; LÊNIN, V. I.; TROTSKI, L. **A questão do partido**. São Paulo: Kairós, 1978.
- MAYER, Fritz (pseud. de Octavio Brandão). **Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revólta de S. Paulo e a guerra de classes no Brazil**. Buenos Aires: [s.n.], 1926. (xerox)
- MEIRELES, José. Notes sur le rôle de l'État dans le developpement du capitalisme au Brésil. **Critique de l'économie politique - amérique latine - accumulation et surexploitation**. Paris: Éditions François Maspero, v.16/17, n.1, p.91-123, 1974.
- MELO E SOUZA, Antonio Candido de. Entrevista concedida a Eder Sader e Eugênio Bucci para Teoria e Debate. **Revista Trimestral do Partido dos Trabalhadores**, São Paulo, n.2, p.26-33, março de 1988.
- MICHELS, Robert. **Sociologia dos partidos políticos**. Brasília: UnB, 1982.
- MIRANDA, Orlando (Org.). **Leon Trotski: política**. São Paulo: Ática, 1981.
- MORAES FILHO, Evaristo de. **O socialismo brasileiro**. Brasília: Câmara dos Deputados/ UnB, 1981.
- MORAES, João Quartim de. A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et al. (Orgs). **História do marxismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. v.1. p.47-87.
- MUELLER, Helena Isabel. **Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista - colônia Cecília**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- MURAKAMI, Ana Maria Brandão (Org.). **A Revolução de 1930 e seus antecedentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- NOVAES, Adauto et al. **O olhar**. 9. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- OLIVEIRA, Lucia Lippi et al. (Coords.). **Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Brasília, INL, 1980.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- OS QUATRO PRIMEIROS CONGRESSOS DA INTERNACIONAL COMUNISTA. Primeiro congresso: março de 1919. São Paulo: Palavra, 1982.
- PACHECO, Eliezer. **O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)**. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros: memória e história do PCB**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Fundação Roberto Marinho, 1995.
- PEREIRA, Astrogildo. **Construindo o PCB: 1922-1924**. São Paulo: LECH, 1980.
- PEREIRA, Astrogildo. **Ensaio históricos e políticos**. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.
- PEREIRA, Astrogildo. **Formação do PCB**. Lisboa: Prelo, 1976.
- PERISSINOTTO, Renato M. **Classes dominantes e hegemonia na República Velha**. Campinas: Unicamp, 1994.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Política e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- PRADO JR., Caio. **A revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- PRADO JR., Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- PRADO, Antonio Arnoni. **Cenário para um retrato: Ricardo Gonçalves**. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil: Memória – Lutas – Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.109-116.
- PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil: Memória – Lutas – Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PRADO, Antonio Arnoni; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). **Contos anarquistas: antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PRESTES, Anita Leocádia. **A coluna Prestes**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PRESTES, Luis Carlos. Luis Carlos Prestes e os antecedentes da Revolução de 1930. **Revista de sociologia e política**. Curitiba: Grupo de Estudos Estado e Sociedade (GEES)-UFPr, n.1, p.85-106, 1993. Entrevista concedida ao autor em 20 de fevereiro de 1988.
- QUARTIM DE MORAES, João (Org.). **História do marxismo no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1995. v.2.

- QUARTIM DE MORAES, João. A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et al. (Orgs.). **História do marxismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. v.1. p.48-87.
- RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade**: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: UNESP, 2001.
- RAGON, Michel et al. **Arte e anarquismo**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL; Rio de Janeiro: Soma, 2001.
- RAYNAUD, J.M. **Apelo à unidade do movimento libertário**. São Paulo: Imaginário, IEL – Instituto de Estudos Libertários, NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, 2003.
- READ, Piers Paul. **Os templários**: a história dramática dos cavaleiros templários, a mais poderosa ordem militar dos cruzados. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- RODRIGUES, Edgar. **Novos rumos**: história do movimento operário e das lutas sociais no Brasil (1922-1946). Rio de Janeiro: Mundo Livre, s.d.
- ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori**: uma aventura anarquista. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.
- ROSA, Virgínio Santa. **O sentido do tenentismo**. 3.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.
- SCHONS, Carme Regina. **Saberes anarquistas**: reiteraões, heterogeneidades e rupturas. Passo Fundo: UPF, 2000.
- SEIXAS, Jacy A.; BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (Orgs.). **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- SEIXAS, Jacy Alves de. **Mémoire et oubli**: anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil: mythe et histoire. Paris: Ed. de la Maison des sciences de l'homme, 1992.
- SERGE, Victor. **Memórias de um revolucionário (1901-1941)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SERGE, Victor. **O que todo revolucionário deve saber sobre a repressão**. São Paulo: Quilombo, s.d.
- SILVA, Antonio Ozai da. **História das tendências no Brasil**: origens, cisões e propostas. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: [s.n.], s.d.
- SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.
- SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- SOBOUL, Albert. **A Revolução Francesa**. 4.ed. São Paulo: Difel, 1982.

- SODRÉ, Nelson W. **Contribuição à história do PCB**. São Paulo: Global, 1984.
- SOUZA, Nelson Rosário de. **A igreja católica progressista e a produção do militante**: cartografia de uma afinidade eletiva político-religiosa. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (digit.)
- THÈSES, MANIFESTES ET RÉOLUTIONS DES QUATRE PREMIERS CONGRES MONDIAUX DE L'INTERNATIONALE COMMUNISTE (1919-1923). Paris: La Brèche-Sélio, 1984.
- TOPIK, Steven. **A presença do Estado na economia política do Brasil de 1889 a 1930**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- TRINDADE, Francisco. **O essencial de Proudhon**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL; Rio de Janeiro: Soma, 2001.
- TROTSKY, León. **A história da Revolução Russa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 3v.
- TROTSKY, León. **Mi vida**. 6.ed. Bogotá: Colômbia, Editorial Pluma, 1979.
- TROTSKY, León. **Questões do modo de vida: a época do "militantismo cultural" e as suas tarefas**. Lisboa: Edições Antídoto, 1979.
- TROTSKY, León. **Stálin**: o militante anônimo. São Paulo: Ched, 1980. v.1.
- VALLADARES, Eduardo. **Anarquismo e anticlericalismo**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 2000.
- VALVERDE, Monclar Eduardo Góes. **Militância e poder**. Campinas, 1986. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp.
- VENÂNCIO FILHO, Francisco. **Euclides da Cunha e seus amigos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 2.v. p.623-630. (Obra Completa/Euclides da Cunha)
- VINCENT, Gérard. Ser comunista? Uma maneira de ser. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Orgs.). **História da vida privada**: 5: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.427-57.
- VINHAS, Moisés. **O partidão**: a luta por um partido de massas(1922-1974). São Paulo: Hucitec, 1982.
- WALTER, Nicolas. **Do anarquismo**. São Paulo: Imaginário, Tesão-A Casa do Soma, NU-SOL, 2000.
- WERNECK SODRÉ, Néilson. **Revisão de Euclides da Cunha**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 2.v. p.11-59. (Obra Completa/Euclides da Cunha)
- WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WOODCOCK, George. **Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários**. Porto Alegre: L&PM, 1984. 2v.

WOODCOCK, George (Org.). **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1981.

ZAGO JÚNIOR, Guerino. A oposição de esquerda no Brasil: 1928-1936. **Estudos**, São Paulo: CODAC-USP, v.6, n.1, p.16-31, 1986.

ZAIDAN FILHO, Michel. **O PCB e a Internacional Comunista (1922-1929)**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988.

ZAIDAN FILHO, Michel. **PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional**. São Paulo: Global, 1985.

ZANATTA, Elaine Marques et al. (Coords.). **Inventário analítico do acervo Octavio Brandão**. Campinas: Unicamp, 1986.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001.

Jornais

A VOZ DO TRABALHADOR. Coleção *fac-similar* do jornal da Confederação Operária Brasileira. 1908-1915. ASMOB – FONDAZIONE GIANGIACOMO FELTRINELLI – ARQUIVO EDGARD LEUENROTH – UNICAMP. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, Centro de Memória Sindical, 1985.

Revistas

CAROS AMIGOS. São Paulo: Editora Casa Amarela, n.9, novembro de 2001. 40p. Edição Especial.

LEITURA: TEORIA E PRÁTICA. Revista semestral da Associação de Leitura do Brasil, Campinas, ano 18, n.34, dezembro de 1999. 88p.

LIBERTÁRIAS. Revista trimestral de Cultura Libertária. São Paulo: Editora Imaginário, n.4, dezembro de 1998. 98p.

LIBERTÁRIAS. Revista de Cultura Libertária. São Paulo: Editora Imaginário, n.5, dezembro de 1999. 82p.

NOVOS TEMPOS. Revista anarquista mensal, São Paulo: Editora Imaginário, n.1, outubro de 1998. 82p.; n.2, novembro de 1998. 106p.

A VIDA. Periódico anarquista. Edição *fac-similar*, São Paulo: Ícone, Ano I, n.1, 1988; Rio de Janeiro, Ano I, n.7, 30 de novembro de 1914; Rio de Janeiro, 31 de maio de 1915. 116p.

SPARTACUS. Cópia xerográfica, sem numeração, sem data, editada em Paris. Capa: Jean BARRUÉ – BAKOUNINE ET NETCHAIEV – TROIS ÉTUDES SUR BAKOUNINE – LE CATÉCHISME RÉVOLUTIONNAIRE DE NETCHAIEV.

Catálogos

CATÁLOGO DE PUBLICAÇÕES. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

COLEÇÃO DE JORNAIS BRASILEIROS. Arquivo Edgard Leuenroth - Centro de Pesquisa e Documentação Social. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994.

Locais Pesquisados

AEL - Arquivo Edgard Leuenroth - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP.
(Retornei em várias outras oportunidades a este arquivo, para dar continuidade à pesquisa.)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.